

Internet e reconfiguração da prática jornalística:
a editoria internacional nos jornais Folha de S.
Paulo,
O Estado de S. Paulo e em seus respectivos
portais
Universidade Fumec

Ana Lúcia Alves Bahia, Marina Rigueira Carlos e Rigueira

Índice

1	Introdução	2
2	Sistemas Internacionais de Comunicação	4
2.1	A constituição social da realidade e a era moderna	4
2.2	Internacionalização da comunicação	9
3	Dos Viajantes às Agências de Notícias	12
4	Breve história do jornalismo	12
4.1	Notícia, o objeto do jornalismo	14
4.2	Seleção de notícias: critérios de noticiabilidade	15
4.2.1	Agenda Setting	19
4.2.2	Gênero jornalístico: Reportagem	20
4.3	Jornalismo Internacional	23
4.3.1	Agências de notícias	25
4.3.2	O noticiário internacional	28
4.3.3	Jornalismo internacional no Brasil	32
5	Comunicação em Rede e o Jornalismo na Web	34
5.1	A nova revolução tecnológica	35
5.1.1	Internet, a mais importante das redes	37
5.2	Noção de rede e conceitos iniciais	40

5.2.1	Conceitos de rede	40
5.2.2	Nova mídia, novos conceitos	45
5.3	O jornalismo na Internet	48
5.3.1	Nomenclaturas	49
5.3.2	A notícia jornalística na web	51
5.3.3	A notícia na web: um resgate histórico	55
5.3.4	Portal: o local da informação	56
5.4	A notícia internacional na web	58
6	Contribuições da Internet para a Editoria Internacional	61
6.1	Jornalismo Internacional na Folha de S. Paulo e no portal Folha Online	61
6.2	Folha e Folha Online	61
6.2.1	A editoria Mundo	64
6.3	Jornalismo Internacional no Estado de S. Paulo e no portal estado.com.br	67
6.3.1	Estadão e estado.com.br	67
6.3.2	A editoria Internacional	70
6.4	Metodologia	73
6.5	Análise	74
6.5.1	Interatividade	76
6.5.2	Hipertextualidade	78
6.5.3	Aprofundamento e contextualização	80
6.5.4	Multimedialidade	82
6.5.5	Instantaneidade de atualização das notícias	84
7	Considerações Finais	86
8	Referências	89

1 Introdução

O objetivo deste trabalho é compreender de que forma a Internet, como meio de comunicação, contribui para a produção jornalística na editoria internacional. O objeto empírico foi escolhido, primeiramente, pelo fato de a editoria internacional ser a mais antiga do jornalismo, que já nasceu com foco em coleta de informações e difusão de notícias entre terras distantes. Esse fato agrega importância à editoria internacional, que também foi escolhida por abarcar assuntos do mundo inteiro, envolvendo, assim, várias culturas e identidades. Foi considerado, ainda, que essa editoria está mais intimamente ligada às novas

mídias, já que, por gerar conteúdo que diz respeito aos lugares mais distantes do mundo, ela demanda um meio que transmita informações sem restrições de espaço e tempo. Vale ressaltar que não é objetivo do trabalho mostrar que a editoria internacional é mais bem atendida pela Internet do que as outras editorias. O que será feito aqui, será explicar de que forma o jornalismo internacional aproveita as características e ferramentas da web para transmitir seu conteúdo noticioso.

Para observar as contribuições da Internet para a editoria internacional, foram escolhidos os portais Folha Online e *estadao.com.br*. Os dois portais foram escolhidos considerando-se que abrigam os webjornais dos dois jornais impressos paulistas de maior circulação no Brasil, a Folha de S. Paulo e O Estado de S. Paulo. As editorias Mundo e Internacional, da Folha de S. Paulo e do Estado de S. Paulo, respectivamente, serão úteis para mostrar como a editoria internacional é tratada nos jornais impressos. Os impressos foram utilizados, ainda, como um parâmetro para definir quais assuntos, de internacional, estavam em pauta na agenda dos veículos no período de análise, observando-se que a Internet disponibiliza grande número de notícias diariamente e muitas delas não entram nas edições impressas.

A Folha de S. Paulo foi escolhida tendo em vista que, de acordo com dados do Instituto Verificador de Circulação (IVC), disponibilizado pela Associação Nacional de Jornais (ANJ), é o jornal de maior circulação paga no Brasil, desde 2002 até o presente momento. Segundo dados do IVC, a Folha de S. Paulo teve uma circulação paga de 311.287 exemplares/dia, em 2008. Já o jornal O Estado de São Paulo, ainda segundo dados do IVC, é o quinto jornal de maior circulação paga no Brasil, com 245.966 exemplares/dia, em 2008. Apesar de aparecer apenas em quinta posição na lista dos dez maiores jornais brasileiros, a escolha do Estadão justifica-se por ser um dos jornais mais tradicionais do país, com 134 anos de história.

Vale lembrar que não cabe ao trabalho fazer comparações entre o meio impresso e o meio digital. Os jornais impressos e a Internet são meios de comunicação que possuem características diferentes e que não podem ser definidas como melhores ou piores. A utilização dos dois meios para análise é justificada pelo fato de que ambos os portais, Folha Online e *estadao.com.br*, constituem-se em versões para a web dos jornais impressos, Folha de S. Paulo e O Estado de S. Paulo e, portanto, terão aspectos comuns, tais como equipe de correspondentes internacionais, privilégio de assuntos na agenda, critérios de noticiabilidade, notícias veiculadas, dentre outros.

O primeiro capítulo tem como objetivo caracterizar o contexto no qual a comunicação está inserida. Em um primeiro tópico, será feito um resgate

da constituição social da realidade, para chegar, no segundo item do capítulo, à era da internacionalização da comunicação. O momento atual é globalizado e regido por um modelo comunicacional que independe do tempo e do espaço. Apesar da homogeneidade que uma forma de comunicação cada vez mais internacional provoca, vive-se hoje uma era caracterizada pelo multiculturalismo, quando os discursos estão fragmentados. Sendo assim, esse capítulo buscará explicar o contexto atual, constituído por várias identidades e que necessita de um meio de comunicação que abranja todas as manifestações culturais.

O segundo capítulo fará um retrospecto da trajetória da comunicação, desde a época quando as informações eram transmitidas por meio de viajantes até a contemporaneidade, que é constituída por redes de informação digitais. Antes de chegar às redes informatizadas, será necessário estudar, em um primeiro momento, os aspectos gerais do jornalismo, para definir o que é notícia e outros conceitos que serão importantes para o capítulo de análise, já que o objeto empírico é um produto jornalístico. Tendo em vista que o presente estudo aborda o jornalismo internacional, será relevante explicar também as suas características específicas, por exemplo, a sua trajetória histórica, as agências de notícias, os critérios de noticiabilidade específicos para a editoria internacional, dentre outros.

O capítulo três explicará os conceitos referentes à nova mídia, a Internet. Antes de caracterizar a produção noticiosa no novo meio, será feito um panorama em torno das diferentes definições de rede, que pode ser um modelo adotado pela comunicação ou um fenômeno empírico. Feito isso, serão esmiuçadas as características do jornalismo na web para, por fim, especificar as peculiaridades da editoria internacional na Internet.

O quarto e último capítulo apresentará o objeto empírico, que é a editoria internacional dos jornais impressos Folha de S. Paulo e O Estado de S. Paulo e de seus respectivos portais, Folha Online e estadao.com.br. A metodologia utilizada para a produção da análise do objeto também será explicada e, por fim, será apresentada a análise, realizada no período de primeiro a 30 de julho de 2009.

2 Sistemas Internacionais de Comunicação

2.1 A constituição social da realidade e a era moderna

Para fazer uma contextualização do cenário no qual a comunicação está inserida, é necessário, em um primeiro momento, caracterizar a realidade que mapeia o mundo em que vivemos. A realidade, tal qual é apreendida pelo

senso comum, é construída por meio de um processo dialético, ou seja, um processo que envolva o diálogo entre dois indivíduos. Para que ele exista, é necessário que os sujeitos sociais interajam e troquem experiências por meio de uma forma de significação complexa e conhecida por todos: a linguagem. É a linguagem que vai delimitar as experiências sociais que os sujeitos terão e que disponibilizará para eles fichas simbólicas¹ que poderão ser trocadas nos processos de interação, para que dessa forma seja constituída uma realidade social.

A realidade que se conhece é a vida cotidiana, conforme bem definiram Berger e Luckmann (1985). Para caracterizá-la, portanto, é necessário considerar que ela já está previamente objetivada² e ordenada, para que os sujeitos sociais, ao serem inseridos na vida cotidiana, possam apreendê-la de determinada maneira. A vida cotidiana é, portanto, percebida pelos indivíduos na medida em que ela acontece em torno de seu corpo e em sintonia com seu tempo. Dessa forma, o processo de constituição social da realidade, no âmbito da vida cotidiana, possui algumas características essenciais, que partem do pressuposto de que o sujeito social não está sozinho nesta realidade. Berger e Luckmann já afirmavam: “De fato, não posso existir na vida cotidiana sem estar continuamente em interação e comunicação com os outros” (BERGER e LUCKMANN, 1985, p. 40).

O tipo mais recorrente de interação é a que ocorre face a face³, ou seja, os indivíduos interagem no mesmo espaço e ao mesmo tempo. É no momento de interação que a vida cotidiana torna-se possível, por meio de objetivações. O caso mais importante de objetivação é a significação, que concretiza a subjetividade de um fato por meio de sinais. E, como se sabe, o principal sistema de sinais existente na vida cotidiana é a linguagem: agrupamento de sinais vocais que se tornam compreensíveis pelos indivíduos, possibilitando um diálogo en-

¹ Para falar de fichas simbólicas, utiliza-se aqui o conceito de Giddens (1991, p. 30): “Por fichas simbólicas quero significar meios de intercâmbio que podem ser “circulados” sem ter em vista as características específicas dos indivíduos ou grupos que lidam com eles em qualquer conjuntura particular”.

² O conceito de objetivação é utilizado por Berger e Luckmann da seguinte maneira: “A expressividade humana é capaz de objetivações, isto é, manifesta-se em produtos da atividade humana que estão ao dispor tanto dos produtores quanto dos outros homens, como elementos que são de um mundo comum” (BERGER e LUCKMANN, 1985, p. 53).

³ De acordo com John B. Thompson (1999) interação face a face é a forma mais clássica de interação entre os indivíduos. É aquela em que os indivíduos se comunicam no mesmo tempo e espaço. Ele distingue a interação face a face da interação mediada e da quase-interação mediada, e explica que a mediatização da tradição fez com que os indivíduos não mais se comunicassem com limitações face a face, mas sim intermediados por novos meios de comunicação.

tre eles e a interiorização da realidade da vida cotidiana. A linguagem como mais importante caso de objetivação é uma característica essencial do processo de constituição da realidade. É a partir dela que se pode afirmar, de fato, que é possível haver interação sem que os indivíduos estejam situados no mesmo espaço. Além disso, é a linguagem que vai reforçar uma institucionalização da vida cotidiana, criando uma identificação do sujeito com uma cultura que vai compor a sua identidade. Sendo assim a linguagem, manifestada socialmente pela conversa, é a responsável pela percepção de uma realidade e de sua concretização em um mundo tal qual conhecemos.

A primeira forma de percepção da realidade pelo sujeito relaciona-se à cultura nacional, que é um discurso constituído pela linguagem. Assim como explica Stuart Hall (2001, p. 50): “Uma cultura nacional é um discurso – um modo de construir sentidos que influencia e organiza tanto nossas ações quanto a concepção que temos de nós mesmos (...)”.

A constituição da realidade e a sua concretização em vida social se dão por meio da linguagem, como já foi dito acima. Nos tempos pré-modernos, considerava-se que esta linguagem era única, portanto, unificava os discursos e as tradições. A modernidade trouxe uma transformação significativa nesse sentido: as estruturas sociais, antes estáveis, começaram a se fragmentar, tornando as sociedades cada vez mais pluralizadas.

É importante ter em mente que a maioria das sociedades modernas são pluralistas. Isto significa que compartilham de um universo que é seu núcleo, aceito como indubitável, e têm diferentes universos parciais coexistindo em um estado de muita acomodação. (BERGER e LUCKMANN, 1985, p. 168)

Stuart Hall localiza a passagem da era pré-moderna para os tempos modernos entre o século XVI (Humanismo Renascentista) e o século XVIII (Iluminismo). Até o século XVI, o homem estava subordinado a discursos considerados superiores a ele, por exemplo, a Igreja Católica, que colocava Deus como centro do universo. O Humanismo veio para desmistificar essa ideia e tornou o homem um ser soberano. O movimento iluminista, por sua vez, fez emergir um sujeito racional, unificado e dotado de um núcleo central que lhe atribuía uma identidade individualista. Acredita-se que o “indivíduo soberano” (HALL, 2001, p. 25) foi o responsável por gerar uma movimentação em direção a uma “descentração do sujeito” (HALL, 2001, p. 34), eclodindo em transformações sociais⁴ que caracterizaram a modernidade.

⁴ Stuart Hall fala de cinco formas de descentração do sujeito que eclodiram em transfor-

A modernidade é um período histórico de mudanças sociais, econômicas, políticas e culturais. Assim como Stuart Hall, o sociólogo polonês Zygmunt Bauman (2001) caracteriza a modernidade como um período constituído por transformações sociais. O autor não data o período, mas o define como a construção de um projeto a partir de um mundo de transformações.

Bauman, em *A Modernidade Líquida*, considera o estágio de fluidez como a principal metáfora para a era moderna. Segundo o autor, a modernidade foi fluida desde a sua concepção. Consistiu no “derretimento dos sólidos”⁵, no repúdio e destroncamento do passado e, acima de tudo, da tradição. Na modernidade ocorre a substituição do conjunto de sólidos deficientes herdados da era pré-moderna por um novo conjunto de sólidos que foram então aperfeiçoados.

Os tempos modernos encontraram os sólidos pré-modernos em estado avançado de desintegração; e um dos motivos mais fortes por trás da urgência em derretê-los era o desejo de, por uma vez, descobrir ou inventar sólidos de solidez duradoura, solidez em que pudesse confiar e que tornaria o mundo previsível, e portanto, administrável. (BAUMAN, 2001, p. 10)

Bauman caracteriza a modernidade como a progressiva libertação da economia e de seus tradicionais embaraços políticos, éticos e culturais. A modernidade rompe fronteiras e é capaz de desmoronar o passado. Ela começa quando o tempo e o espaço são separados da prática da vida e entre si. Em meio às transformações geradas, as escolhas individuais começam a se entrelaçar aos projetos e ações coletivas. Nesse momento, o homem ainda era individualista, mas por meio de relações sociais, a sua identidade era influenciada e continuamente modificada pelas interferências de identidades exteriores.

mações sociais: a conclusão de que o capitalismo marxista coloca as relações sociais no centro de sua teoria (e não o homem, como se pregava); a descoberta do inconsciente por Freud que revelou que a identidade era formada por meio de processos inconscientes ao longo do tempo, e não estava enraizada ao sujeito; a linguística estrutural de Saussure, que afirmou que o homem não é o autor dos significados expressos pela linguagem; o conceito de “poder disciplinar”, introduzido por Foucault, que subordina os indivíduos a instituições reguladoras (escola, polícia, hospital, etc.); e a última descentração, relacionada aos novos movimentos sociais, que viriam restaurar a ordem vigente. (HALL, 2001, p. 34-46)

⁵ Em *O Manifesto Comunista*, de 1848, citado por Carlos Nelson Coutinho (1998), Karl Marx e Friedrich Engels difundiram de maneira simples uma nova concepção de filosofia e de história. Os autores já falavam em derretimento dos sólidos, por meio da metáfora “Tudo o que é sólido se desmancha no ar”. Nela, eles queriam expressar a definição de que ideologias, formas de governos e modos de produção nasceram, vingaram e ruíram, como num ciclo de vida e morte, desde a era pré-moderna até a pós-moderna. Eles imaginavam que o capitalismo não seria derrotado por outro modelo – um antagonista econômico – mas findado por ele próprio.

O sujeito pós-moderno é ainda mais instável: não possui uma identidade concreta, mas sim várias identidades possíveis, que se manifestam de acordo com o momento e com os sistemas culturais exteriores. É essa fragmentação cultural que caracteriza a pós-modernidade. Nesse contexto, pode-se questionar o fato de as identidades nacionais serem unificadas, assim como fez Stuart Hall (2001, p. 59): “Mas seria a identidade nacional uma identidade unificadora, desse tipo, uma identidade que anula e subordina a diferença cultural?”.

Segundo Hall, uma cultura nacional nunca foi tão unificada como se pensava. Primeiramente porque a maioria das nações são formadas por culturas separadas que só foram unificadas por processos de conquista violenta. Ele exemplifica com o povo britânico, que diante de uma variedade de culturas (costumes, línguas, etc.) teve de impor uma hegemonia cultural que as unificasse. Outro motivo é que uma nação possui diferentes classes sociais, grupos étnicos e de gênero. A terceira razão apontada é que as nações ocidentais modernas foram centros imperiais e sempre desempenhavam uma hegemonia cultural sobre os colonizadores. Assim, as identidades nacionais sempre foram repletas de diferenças internas e eram apenas tidas como unificadas por meio de representações.

A globalização é o fenômeno que explica o então deslocamento ou fragmentação dessas identidades, no fim do século XX. É ela também que explica a nova relação de reforço entre as identidades, já que se tornam resistentes à globalização, e ainda o surgimento de novas identidades que começam a tomar o lugar das, já em declínio, identidades nacionais. Apesar de não ser um fenômeno recente, já que ainda na modernidade os Estados-nação não eram totalmente independentes uns dos outros, a globalização é o processo que permeia as fronteiras nacionais, conecta comunidades em novas relações de espaço-tempo e torna o mundo “mais interconectado” (HALL, 2001, p. 67).

A nova sensação de um mundo menor e com as distâncias encurtadas causa significativo impacto principalmente sobre as pessoas que estão localizadas em diferentes lugares do planeta. A crescente interdependência global provoca o enfraquecimento das identidades culturais e gera assim a fragmentação e o pluralismo de códigos culturais.

Quanto mais a vida social se torna mediada pelo mercado global de estilos, lugares e imagens, pelas viagens internacionais, pelas imagens da mídia e pelos sistemas da comunicação globalmente interligados, mais as identidades se tornam desvinculadas – desalojadas – de tempos, lugares, histórias e tradições específicos e parecem “flutuar livremente”. (HALL, 2001, p. 75)

A nova realidade é então permeada por identidades fragmentadas, que vão

gerar mudanças nas relações sociais e principalmente nas formas de comunicação.

2.2 Internacionalização da comunicação

Se na era pré-moderna as relações entre os sujeitos eram apenas face a face, em que eles trocavam fichas simbólicas no mesmo tempo e espaço, surgem agora novas formas de interação entre os indivíduos, as quais Thompson (1999) denomina de interação mediada e de quase-interação mediada.

(...) nos casos de interação e quase-interação mediadas, os campos de interação adquirem uma complexidade adicional, uma vez que eles estão agora dilatados no espaço (e talvez também no tempo), e os participantes podem estar situados em contextos os mais diversos em termos de características institucionais e estruturais. (THOMPSON, 1999, p. 84)

Ao alterar as condições espaço-temporais da comunicação, surgem então, novas formas de ação à distância, em que os indivíduos passam a se relacionar com outros que não partilham o mesmo ambiente físico e nem o mesmo tempo. O surgimento da indústria da imprensa nos séculos XV e XVI na Europa e, aos poucos, em outros locais do mundo, e o aparecimento de novos meios de comunicação eletrônicos nos séculos XIX e XX fizeram com que a interação face a face fosse gradativamente substituída pela troca de informações e conteúdos simbólicos com fontes e pessoas distantes no tempo e espaço. As relações à distância passam a ser mais comuns do que aquelas em que pessoas próximas compartilham informações no cotidiano.

É neste momento que surgem as redes de comunicação, que organizam a sociedade contemporânea e são responsáveis pelo que hoje chamamos de internacionalização da comunicação. Thompson descreve bem o desenvolvimento das redes. Ele define e separa em três os momentos que desenvolveram e organizaram as redes de comunicação em sistemas globais, ou seja, em sistemas internacionais de comunicação. O primeiro momento abrange os desenvolvimentos em torno do telégrafo, que refletia as demandas das potências do século XIX. A comunicação em escala global neste período era roteirizada de forma análoga a organização do poder político e econômico. O segundo momento, de peculiar importância para este estudo, é o estabelecimento das agências internacionais de notícias. Coincidindo com o momento quando as redes telegráficas se desenvolviam, as primeiras agências surgiram no século XIX⁶, com

⁶ A primeira linha de telégrafo foi construída em 1843 por Morse, e ligava Washington e

os objetivos de coletar e disseminar informações em grandes extensões, criar uma ordenação das redes de comunicação e se aliar à imprensa, facilitando a distribuição de notícias provenientes de uma localidade para outra, não importando a distância. O terceiro e último momento decisivo para a organização das redes internacionais relaciona-se ao desenvolvimento dos eletrônicos, que possibilitaram a transmissão de mensagens por ondas eletromagnéticas. A partir de então, tornou-se realidade transmitir uma grande quantidade de informações em um curto espaço de tempo.

De acordo com Armand Mattelart (2000, p. 61) “o século XIX consagra a comunicação como um “fator civilizatório””. Para o autor, a formação das redes gera a impressão de que o mundo é um só organismo e que todas as suas partes são solidárias umas com as outras, constituindo assim, uma relação de interconexão entre as sociedades e os indivíduos. Mas a ideia de que essa interdependência entre as nações conduziria para uma unificação cultural é questionada por Huntington (1997) e pelo próprio Mattelart (2000). Na visão de Huntington, a internacionalização da mídia, da comunicação eletrônica, do turismo, do conhecimento e das ideias acaba por gerar um reforço das identidades culturais. O autor explica esse fato baseado na psicologia social, segundo a qual as pessoas se definem de acordo com o que as diferenciam. Por exemplo, dois brasileiros, um mineiro e um paulista, enxergarão um ao outro como mineiro e paulista. Porém, se esses dois brasileiros se deparam com um americano, eles se identificarão apenas como brasileiros. Da mesma forma, para Mattelart, ao contrário da unificação cultural, a grandiosidade de um novo organismo social, com partes cada vez mais complexas, pode acabar gerando um mundo mais indecifrável e de crescente multiculturalismo⁷.

O processo da globalização culmina na tendência de fragmentação das identidades e, concomitantemente, fortalece as inúmeras culturas resultantes destas identidades fragmentadas. O imperialismo, caracterizado pelo domínio de uma nação (no caso, os Estados Unidos) que detém a força econômica e o controle das principais redes de comunicação sobre as demais, reforça esse pressuposto. Considerando que a civilização ocidental foi a primeira a se modernizar e, posteriormente, as outras nações adquiriram padrões e valores semelhantes, pode-se dizer que a ocidentalização da cultura dita o modo de vida

Baltimore. Na mesma metade de século XIX, e um pouco antes, em 1835, surge em Paris a primeira agência de notícias, a Correspondance Garnier. (THOMPSON, 1999, p. 137-139). Mais detalhes sobre as agências de notícias serão discutidos no segundo capítulo.

⁷ O conceito de multiculturalismo é amplo, mas foi bem definido por Douglas Kellner (2001, p. 126): “O termo “multicultural” aqui, portanto, funciona como uma rubrica geral para todas as tentativas de resistir à estereotipia, às distorções e à estigmatização por parte da cultura dominante”.

dos outros países. No entanto, as nações não-ocidentais podem reagir a esse predomínio de três maneiras diferentes, de acordo com Huntington.

A primeira forma consiste na rejeição da modernização e consequente ocidentalização, em que as nações não adotam os mesmos padrões de modernização do Ocidente. Por exemplo, o Japão, que até meados do século XIX restringiu a importação da cultura ocidental, como o cristianismo, e expulsou todos os ocidentais do seu território. Outra forma é a adoção da modernização e da ocidentalização. As sociedades que assim reagiram, consideraram a modernização como algo necessário para abolir uma cultura selvagem, substituindo-a pela cultura ocidental. A maioria das nações ocidentais, não dominantes (por exemplo: Brasil, Argentina e México) no século XXI, acaba por seguir essa opção. A terceira maneira é a adoção da modernização e a negação da ocidentalização. Segundo Huntington (1997, p. 89) é a mais “(...) popular entre as elites não-ocidentais”, que não deixam de se modernizar, mas também não abandonam suas principais características culturais. Essa última reação explicitada é adotada nas nações que resistem à ocidentalização e não abrem mão de seus valores culturais e tradições.

Uma grande quantidade de conflitos étnicos existe muito antes do surgimento dos meios de comunicação e já estavam presentes desde a época em que as interações aconteciam apenas face a face. Pode-se afirmar, então, que a internacionalização da comunicação e o consequente reforço do multiculturalismo na sociedade pós-moderna não são os responsáveis pela existência desses conflitos, mas sim contribuíram e contribuem para dar visibilidade a eles. Por exemplo, a Guerra de Kosovo, a luta pela independência da Bósnia, as diversidades entre israelitas e palestinos no Oriente Médio e o conflito entre as etnias chinesas han e uigur são conflitos atuais que enchem as páginas da editoria internacional dos principais veículos de comunicação mundiais.

É possível afirmar então, que a vida em sociedade é naturalmente tensa, já que é preciso conviver e se defrontar com as diferenças a todo o momento. O surgimento das sociedades multiculturais explica a dificuldade do ser humano de conviver em ambientes sociais e, de acordo com Jacques A. Wainberg (2005, p. 148), “(...) essas tensões se explodem em conflitos étnicos abertos, perseguições religiosas, homicídios políticos e terrorismo, que desafiam os valores da tolerância”.

Em meio a vizinhanças cada vez mais heterogêneas, a comunicação floresce com o papel de fazer crescer a capacidade de convivência entre distintos mundos simbólicos, como afirma Thompson (1999). No jornalismo, a editoria internacional cumpre essa função desde o surgimento da imprensa nos séculos XV e XVI, até a ascensão dos meios eletrônicos nos séculos XIX e XX,

sobretudo, da Internet.

3 Dos Viajantes às Agências de Notícias

4 Breve história do jornalismo

Conforme já foi visto, a realidade social é constituída pela linguagem. Seja ela unificada, como na era moderna, ou fragmentada, como na pós-modernidade, é a linguagem que possibilita aos indivíduos estabelecerem relações por meio da comunicação. O desenvolvimento dos meios de comunicação permitiu uma reorganização da forma como os sujeitos sociais trocam conteúdo simbólicos. Assim como já afirmava Thompson (1999, p. 20): “os meios de comunicação são rodas de fiar no mundo moderno e, ao usar estes meios, os seres humanos fabricam teias de significação para si mesmos”.

De acordo com Clóvis Rossi, em *O que é jornalismo*, o jornalismo é a principal forma de comunicação: é o ofício de escrever, publicar e/ou noticiar, por meio dos jornais impressos, do rádio, da televisão, da Internet e, ainda, das assessorias de comunicação social. Ele ainda explica que

Jornalismo, independentemente de qualquer definição acadêmica, é uma fascinante batalha pela conquista das mentes e corações de seus alvos: leitores, telespectadores e ouvintes. Uma batalha geralmente sutil e que usa uma arma de aparência extremamente inofensiva: a palavra, acrescida, no caso da televisão, de imagens. (ROSSI, 1985, p. 7)

Segundo Thompson (1999), os precursores do jornalismo foram os viajantes que, ainda na Idade Média, difundiam informações e reportavam acontecimentos nos mercados, feiras e de corte em corte. Dessa forma, uma corte recebia notícias da outra e a sociedade mantinha-se funcionando graças à eficiência desses viajantes que, por meio de redes de comunicação, estabeleciam o contato entre diferentes regiões. Thompson (1999, p. 63) define quatro redes de comunicação que precederam o comércio de notícias. Até meados do século XV, antes do advento da imprensa de Gutenberg (1450), a Igreja, as atividades políticas, a atividade comercial e os “andadores” constituíam redes de informações que difundiam notícias pelo mundo.

Ainda de acordo com Thompson, a Igreja Católica possuía uma rede de contato entre o papado de Roma e a elite eclesiástica espalhada pela Europa. As autoridades políticas mantinham redes de comunicação diplomáticas entre

os estados e principados, de modo a facilitar a organização e a administração política de cada território. O desenvolvimento das atividades comerciais permitiu que redes de comunicação se estabelecessem entre os principais centros de comércio. E, por fim, os chamados “andadores”, como comerciantes ambulantes, mensageiros, mercadores, contadores de histórias e trovadores, que transmitiam informações para lugares longínquos.

O século XVI trouxe consigo alguns desenvolvimentos essenciais para que estas redes de comunicação se tornassem ainda mais complexas e eficientes. O estabelecimento de serviços postais regulares aconteceu de forma gradativa na Europa, inicialmente na França, em 1464, quando Luís XVI implantou o correio real. Nessa época, a comunicação dava-se de forma lenta, devido à precariedade dos serviços postais, que transportavam as mensagens por meio de cavalos e carruagens por rodovias em péssimas condições. No século XIX, o desenvolvimento das estradas de ferro contribuiu para a diminuição do tempo de envio das mensagens. Um segundo desenvolvimento importante para as redes de comunicação foi a descoberta da imprensa como forma de disseminar as notícias. Os “corantos” eram as primeiras folhas informativas impressas, que, no século XVII, já existiam em Berlim, Amsterdã, Frankfurt e demais cidades da rota comercial da época. As notícias que compunham estas primeiras publicações transmitiam informações de um país para o outro, já que o principal interesse do público era por notícias do estrangeiro. Foi em 1650 que surgiu, na Alemanha, o primeiro jornal diário, intitulado *Einkommende Zeitung* (KUNCZIK, 2001, p. 23).

A Guerra dos Trinta Anos⁸ foi uma grande pauta para o início da indústria do jornalismo. Pessoas que moravam longe das áreas de conflito (Suécia, França, Áustria, Alemanha, etc.) mantinham-se informadas sobre a guerra e sobre acontecimentos que nunca testemunhariam. Com esse desenvolvimento, as limitações geográficas foram amenizadas e a comunicação estendeu-se além da Europa.

Até chegar ao uso da energia elétrica nos meios de comunicação, no século XIX, o jornalismo passou por algumas mudanças, como a comercialização dos produtos midiáticos, transformando a indústria jornalística em empresas capi-

⁸ A Guerra dos Trinta Anos consistiu em uma série de guerras travadas por várias nações europeias, entre 1618 e 1648, principalmente a Alemanha, devido a motivações territoriais, comerciais, religiosas e dinásticas. Esses conflitos marcaram a transição do feudalismo para a Idade Moderna. As disputas religiosas diziam respeito aquelas decorrentes das reformas protestantes, do século 16. As causas dessa guerra também incluem a luta pela afirmação do poder de monarquias europeias, com disputas territoriais e conflitos pela hegemonia e passam pelos problemas da aliança da dinastia dos Habsburgo e do Sacro Império Romano-Germânico com a Igreja Católica.

talistas, e a globalização da informação, assunto já discutido anteriormente. O telégrafo eletromagnético e as transmissões radiofônicas foram algumas descobertas que precederam o desenvolvimento de novas formas de produzir informação baseadas na digitalização da comunicação.

No entanto, antes de se chegar à era das redes informatizadas, é necessário fazer um panorama geral das características essenciais do jornalismo. Considerando que o objeto empírico é um produto do jornalismo, surge a necessidade de definir alguns conceitos básicos, como os critérios de noticiabilidade. É o que será feito a seguir.

4.1 Notícia, o objeto do jornalismo

A razão do jornalismo é a existência de um acontecimento a ser noticiado. Nelson Traquina (1999, p. 169) explica que:

As notícias são o resultado de um processo de produção, definido como a percepção, seleção e transformação de uma matéria-prima (os acontecimentos) num produto (as notícias). Os acontecimentos constituem um imenso universo de matéria-prima; a estratificação deste recurso consiste na seleção do que irá ser tratado, ou seja, na escolha do que se julga ser matéria-prima digna de adquirir a existência pública de notícia, numa palavra – noticiável.

O conceito de acontecimento foi esmiuçado por diversos autores, tais como Souza Dias (1995) e Duarte Rodrigues (1999). Souza Dias explora o conceito de acontecimento baseado em um pensamento filosófico, seguindo os preceitos da filosofia de Gilles Deleuze. Segundo Souza Dias, todas as entidades filosóficas resumem-se em eventos. O autor afirma que a evenemencialidade (o ato de ser acontecimento) não significa o estado de ser das coisas, as ações e as consequências dessas ações. Um acontecimento é algo que sempre existiu, apenas ainda não se atualizou, ou seja, tornou-se efetivamente real⁹. Em sua definição, Dias caracteriza duas faces do acontecimento: uma voltada para as coisas e outra para a linguagem, o que significa que um acontecimento é efetuado por meio de coisas e exprimido por meio da linguagem. Poder-se-ia fazer, aqui, um paralelo entre o conceito de Souza Dias para acontecimento e o jornalismo. No entanto, o autor também afirma que a linguagem limita o acontecimento, visando datá-lo com início, meio e fim e que isso é um erro,

⁹ Souza Dias diferencia realidade de atualidade: a primeira é continuamente criada e recriada, de acordo com o que for atualizado ou não. Um acontecimento pode ser possível, mas só se torna real se for atualizado. (DIAS, 1995, p. 90-93)

já que o acontecimento não possui um tempo tal como conhecemos, com passado, presente e futuro. Souza dias diz que: “Não creio que os media tenham muitos recursos ou vocação para captar um acontecimento. Para começar eles mostram frequentemente o início ou o fim, ao passo que um acontecimento mesmo breve, mesmo instantâneo, se prolonga” (DIAS, 1995, p. 96). Portanto, não é possível utilizar a definição que Souza Dias dá ao conceito de acontecimento para uma análise de objetos jornalísticos. Será utilizado, então, o conceito de Duarte Rodrigues.

Duarte Rodrigues define como acontecimento todo e qualquer fato que, de acordo com a lei das probabilidades, tenha possibilidade de ocorrência: “tudo aquilo que irrompe na superfície lisa da história” (RODRIGUES In: TRAQUINA, 1999, p. 27). No entanto, o acontecimento jornalístico, ou seja, aquele que vai originar as notícias é, segundo Duarte Rodrigues, notável e passível de registro por não ter uma causa aparente, demandando um questionamento e uma investigação por parte de um profissional, no caso o jornalista.

O acontecimento jornalístico difere-se do infinito número de acontecimentos por meio de características singulares, que definem a sua notabilidade. Para que o acontecimento seja considerado jornalístico, é necessário perceber o grau de sua previsibilidade, ou seja, quanto mais imprevisível for um fato, maior é a probabilidade de se tornar notícia. Esse é um dos critérios de noticiabilidade, que serão explicados em seguida.

4.2 Seleção de notícias: critérios de noticiabilidade

O jornalismo consolidou-se no século XVII com o surgimento dos corantos, conforme já foi dito. A partir de então, a maior parte dos acontecimentos poderia ser transformado em notícias. Inicialmente, o surto de acontecimentos aparentemente noticiáveis foi facilmente resolvido: as letras do tipógrafo ficaram menores, as páginas tiveram seu tamanho aumentado e seu número multiplicado e a periodicidade das folhas informativas ficou menor (KUNCZIK, 2001, p. 219). No entanto, esses avanços tecnológicos não foram suficientes para abarcar tudo aquilo que poderia ser notícia e sempre ficavam acontecimentos de fora. Emergiu, assim, uma demanda por critérios que fizessem uma seleção entre o que seria notícia e o que seria apenas um acontecimento ignorado pela imprensa. Estes critérios seriam colocados em prática por um profissional que ficou conhecido, em um primeiro momento, como *gatekeeper*¹⁰.

¹⁰ O conceito de *gatekeeper* foi utilizado pela primeira vez por Kurt Lewin, em 1947. Lewin estava fazendo, na época, um estudo relacionado aos processos de tomada de decisões dentro dos grupos, especialmente quanto aos hábitos alimentares. Lewin chegou a conclusão que al-

O modo como os jornalistas agem ao selecionar o que será noticiado ou não tem sido objeto de análise de vários estudos acerca do jornalismo. Existem dois âmbitos nos quais se dá essa discussão em torno da noticiabilidade de um evento: a cultura profissional do jornalista, que abarca critérios subjetivos e a organização dos processos produtivos, que inclui os critérios ligados a organização do trabalho jornalístico. Para se definir critérios de noticiabilidade, é necessário, portanto, que esses dois âmbitos entrem em um acordo. Assim como afirma Wolf (1985, p. 196): “(...) “faz notícia” o que – tornado pertinente pela cultura profissional dos jornalistas – é suscetível de ser “trabalhado” pelo aparato sem muitas alterações e subversões do ciclo de produção normal”.

Existem inúmeros critérios de noticiabilidade e é necessário ter em mente que os jornalistas não os utilizam separadamente, mas sim em uma relação de complementaridade. Alguns critérios podem contradizer outros e, na hora de utilizá-los, o jornalista fará a opção por meio de uma hierarquia já intrínseca a esses critérios. Wolf divide os critérios de noticiabilidade, ou valores/notícia, como ele os chama, em quatro grandes grupos: o primeiro relativo ao conteúdo, o segundo, à disponibilidade de material, o terceiro, ao público e o quarto é relativo à concorrência. Outros autores também definiram critérios de noticiabilidade, como Adriano Duarte Rodrigues (1999) e Mário Erbolato (1991). Porém, observa-se aqui a definição dos valores/notícia feita por Mauro Wolf (1985).

O primeiro grupo definido por Wolf engloba quatro critérios que definem o quão interessante e importante o evento é. O primeiro critério diz que, para se constatar a importância de uma notícia, deve-se observar o grau hierárquico dos indivíduos envolvidos. O segundo critério analisa qual o impacto que a notícia será capaz de exercer sobre a nação, levando em consideração também a proximidade geográfica e cultural de um evento com relação ao local onde será publicado em forma de notícia. O terceiro critério diz que a importância de uma notícia é tanto maior, quanto mais pessoas estiverem envolvidas. O quarto e último critério define que a importância de uma notícia será maior se ela contribuir para o desenvolvimento posterior de uma situação.

O segundo grupo de valores/notícia é relativo ao produto informativo. Os critérios dentro deste grupo são relativos à disponibilidade do material, ou seja, a acessibilidade do acontecimento para que se torne passível de ser coberto pelos jornalistas. Há também, dentro deste grupo, o critério de brevidade, que define que as notícias devem ser limitadas de modo que o texto jornalístico

gumas regiões nos canais de tomadas de decisão podem funcionar como “cancela” ou como “porteiro”. O pesquisador também concluiu que o conceito de *gatekeeper* poderia ser aplicado na comunicação como um “líder de opinião”.

adquirir a objetividade necessária para prender a atenção do leitor. Entre os valores/notícia relativos ao produto, destacam-se ainda aqueles que explicariam o famoso ditado jornalístico “Bad news is good news”. Outro critério, ainda relacionado ao produto, é a novidade de um acontecimento, que vai definir a atualidade de uma notícia e o quanto ela já se tornou repetitiva ou se ainda pode ser considerada inédita.

O terceiro grupo que Wolf caracteriza reúne os critérios relativos ao público. Estes valores/notícia referem-se à imagem que o jornalista tem do receptor de sua mensagem. Os jornalistas não conhecem muito de seu público e isso pode tornar-se bom ou ruim para o desempenho de seu trabalho. Por um lado, o profissional deve ater-se a sua matéria-prima, que é a notícia e esquecer o que a maior parte do público gostaria de ver. Por outro lado, é necessário que o jornalista leve em consideração as preferências de seu público, para que o veículo de comunicação no qual trabalha obtenha uma boa audiência. Em resumo, os critérios relativos ao público auxiliarão os jornalistas a decidirem como notícia, dentre os inúmeros acontecimentos, aquilo que poderá atrair o público.

O quarto e último grupo diz respeito à concorrência. Gans, citado por Wolf (1985), define três tendências relativas à concorrência que definem critérios de noticiabilidade. A primeira tendência relaciona-se ao furo: os veículos buscam notícias exclusivas e não, necessariamente, notícias que correspondam a critérios já citados anteriormente. A segunda tendência diz que a concorrência resulta em uma situação na qual um veículo de comunicação é o critério de noticiabilidade do outro, ou seja, será definido como notícia por um veículo aquilo que os outros já deram em seus noticiários. A terceira tendência é uma consequência das duas primeiras: a competição acirrada entre as empresas, em busca de furos de reportagens, torna os noticiários muito semelhantes.

Adriano Duarte Rodrigues (1999) também define bem os critérios de noticiabilidade, que estabelecem uma relação de complementaridade com os valores/notícia definidos por Wolf e auxiliam nas decisões dos jornalistas. Ele estabelece três registros da notabilidade dos fatos, que considera como acontecimentos notáveis. O primeiro deles é o excesso. De acordo com o autor, todo fato que rompe a normalidade do funcionamento do mundo e deixa “marcas excessivas” (1999, p. 28) é considerado notícia. Um exemplo é o massacre de uma aldeia por tropas militares, que além da necessidade de fazer guerra, a excessiva forma de matar (toda a aldeia) torna-se o fato ainda mais noticiável. Outro registro de notabilidade dos acontecimentos definido por Duarte Rodrigues é a falha. Segundo esse registro, será notícia tudo aquilo que representa um desvio normal do fluxo das coisas. Duarte Rodrigues (1999, p. 28) define o critério da falha como aquele que “procede por defeito, por insuficiên-

cia no funcionamento normal e regular dos corpos”. Ele exemplifica que os acidentes que dizem respeito a esse critério são normalmente os acidentes naturais, como as inundações, os terremotos, tsunamis, entre outros. A inversão é o terceiro valor/notícia estabelecido por Duarte Rodrigues. Todo fato que é considerado inverso ao que normalmente acontece desperta atenção e é então noticiável. O exemplo mais clássico do jornalismo que se enquadra nesse registro é aquele dito por Charles Anderson Dana, do *New York Sun*, e que se tornou uma definição popularizada do que é notícia: se o cachorro mordeu o homem, não há nenhuma notícia, mas se o homem mordeu o cão, aí então existe a notícia.

Mas, Duarte Rodrigues defende ainda que os critérios que definem a notabilidade dos acontecimentos não param por aí. Uma segunda categoria de valores/notícia estabelecida por ele diz respeito àqueles critérios referentes aos meta-acontecimentos, resultados da própria existência do jornalismo e regidos pelo mundo simbólico. Ele bem os exemplifica como:

O desvio do avião ou a revolta que se produz frente às câmeras da televisão ou perante os repórteres, a explosão de raiva ou de dor captada em direto pelas objetivas das máquinas mediáticas são exemplos de irrupções de meta-acontecimentos que têm nos próprios dispositivos da informação a fonte e a urgência (RODRIGUES, 1999, pag. 29).

Assim, os critérios de noticiabilidade visam tornar mais lógica e racional a tarefa de selecionar o que é notícia. A utilização destes critérios pelo *gatekeeper*, seja ele um repórter ou um editor chefe, se dá de maneira mecanizada. Ilude-se quem pensa que em um determinado momento do dia o jornalista senta para analisar se um acontecimento envolve indivíduos de alto nível hierárquico, ou se o material que foi recebido por certa agência transcende o curso normal dos acontecimentos e mereceria então ser noticiado pelo veículo de comunicação. A prática dos valores/notícia é feita intrinsecamente ao processo de produção diário de uma redação. Wolf (1985, p. 228) afirma que: “(...) os valores/notícia agem concretamente para tornar possível a rotinização do trabalho jornalístico”.

Os critérios noticiosos, ou valores/notícia, acabam por homogeneizar os assuntos que estarão em pauta nos meios de comunicação. E, como já foi dito anteriormente, a busca por furos e notícias exclusivas acirra a concorrência entre os veículos para que eles diferenciem o seu conteúdo. No entanto, a tendência que se observa é contrária: as notícias que os principais veículos de informação colocam em sua pauta diária acabam estabelecendo a agenda dos demais veículos e também definem os assuntos que serão discutidos na esfera

pública¹¹.

4.2.1 Agenda Setting

Existe uma relação entre a produção dos meios de comunicação de massa e o público receptor das informações transmitidas por eles. A compreensão que as pessoas têm de grande parte da realidade social lhes é fornecida pelos meios de comunicação, que selecionam as informações mais relevantes, de acordo com os critérios de noticiabilidade, e noticiam, hierarquizando-as em nível de importância. Esta relação, segundo Wolf (1985, p. 129), possui três características: acumulação, consonância e onipresença. Para o estudo do *agenda setting*, deve-se focar na primeira característica, a acumulação.

O conceito de acumulação define a capacidade dos meios de comunicação de estabelecer temas e os manter em pauta durante certo tempo, por meio da repetição de um assunto, que será abordado em todos os meios e veículos de comunicação. Dessa forma, o público tende a atribuir importância aos temas que são enfatizados pela mídia. Os mesmos assuntos que estampam as primeiras páginas dos jornais são aqueles que pautam as discussões na esfera pública.

Assim, o *agenda setting* é a agenda de temas que a mídia estabelece ao público. A partir dos critérios de noticiabilidade, os meios de comunicação escolhem os assuntos, temas e acontecimentos que serão publicados e consequentemente que vão pautar o dia a dia dos receptores de informação em suas relações sociais. O fenômeno do *agenda setting* diz respeito à tendência que as pessoas tem de incluir ou excluir em suas discussões diárias aquilo que os meios de comunicação selecionam ou não como conteúdo noticioso a ser publicado. O público tende a assimilar e discutir tudo aquilo que os meios de comunicação publicam e julgam ser importante para o compartilhamento social. Todos os dias, as pessoas recebem uma lista de informações que foram julgadas como as mais relevantes e são então publicadas pelos meios de comunicação. São elas que pautam as conversas e os debates cotidianos.

De acordo com Mauro Wolf, a eficácia do efeito do *agenda setting* nos jornais impressos é maior do que em outros meios de comunicação: “O jornais são os principais promotores da agenda do público. Definem amplamente o âmbito do interesse público, mas os noticiários televisivos não são totalmente desprovidos de influência” (MCCOMBS *apud* WOLF, 1985, p. 145). Segundo

¹¹ Para falar de esfera pública utiliza-se a definição de Habermas. Segundo o autor “(...) surgiu uma nova esfera de “público”: a esfera pública burguesa que consistia de indivíduos que se reuniam privadamente para debater entre si as normas da sociedade civil e da condução do Estado” (HABERMAS *apud* THOMPSON, 1999, p. 68).

Wolf, é a estrutura de agendamento estabelecida pelos jornais impressos que acaba por sistematizar os principais temas das agendas televisivas.

Esses assuntos que constituem a pauta diária dos meios de comunicação podem ser produzidos em gênero noticioso, opinativo, entre outros. O gênero reportagem será aqui explicado, já que terá grande influência na análise que será apresentada posteriormente nesse trabalho.

4.2.2 Gênero jornalístico: Reportagem

Todo acontecimento que foi selecionado dentro dos critérios de noticiabilidade, ou seja, que merece ser noticiado, mas apenas o *lead*¹² não é o suficiente para esmiuçar os seus aspectos relevantes e pede também uma contextualização, interpretação e detalhamento, acaba tornando-se uma reportagem. Juarez Bahia (1990, p. 49) define bem o que diferencia a notícia de uma reportagem:

Enquanto a notícia nos diz no mesmo dia ou no seguinte se o acontecimento entrou para a história, a reportagem nos mostra como é que isso se deu. Tomada como método de registro, a notícia se esgota no anúncio; a reportagem, porém, só se esgota no desdobramento, na pormenorização, no amplo relato dos fatos.

Uma outra tentativa de diferenciar as notícias das reportagens é feita por Maria Helena Ferrari e Muniz Sodré (1986). Segundo os autores, notícia consiste no anúncio de um determinado fato, enquanto reportagem trata-se de um texto que enuncia um fato que já foi previamente anunciado, e que, poderá, dependendo de seu enfoque, tornar-se um texto de pronúncia e/ou de denúncia. Chama-se atenção para os termos anunciar, enunciar, pronunciar e denunciar. Anunciar significa tornar um fato público por meio de suas características básicas. É o que as notícias fazem valendo-se do *lead*. Enunciar vai além: o jornalista coloca os fatos para o leitor de uma forma ativa e detalhada, oferecendo informações que contextualizam melhor o acontecimento. É o que devem fazer as grandes notícias ou reportagens. Há ainda o ato de pronunciar e denunciar. No primeiro caso, o jornalista usa as palavras e seu poder de influenciar na agenda dos assuntos que estarão em pauta da esfera pública, para fazer uma avaliação sobre o fato que já foi anunciado e/ou enunciado. Já no ato de denunciar, o texto jornalístico tomará, declaradamente, uma posição

¹² Denomina-se *lead* o primeiro parágrafo da notícia jornalística. Segundo Nilson Lage (2005), sua origem não está vinculada à tradição literária, mas sim ao uso oral, ou seja, a forma como as pessoas relatam as principais questões de um fato que presenciaram. Assim, o texto jornalístico segue uma fórmula que não privilegia a narrativa cronológica dos acontecimentos, mas sim uma narrativa que hierarquiza os fatos culminantes do acontecimento antes de qualquer detalhe ou pormenor. Essa narrativa segue a estrutura conhecida como pirâmide invertida.

favorável ou contrária ao acontecimento em foco. Trata-se, nesse caso, de uma notícia ou reportagem opinativa.

Ferrari e Sodré afirmam que é bem tênue a linha que divide os diversos gêneros jornalísticos. Uma notícia, dependendo do espaço que o jornal vai destinar a ela, pode tornar-se mais contextualizada, e, portanto, passar a ser considerada uma reportagem. E um acontecimento que deveria ser publicado como reportagem, pode ter sido editado de modo que se tornou apenas uma notícia. Sendo assim, não é fácil fazer uma definição do que seria uma notícia e do que seria uma reportagem. Mais fácil é, segundo os autores, observar o discurso utilizado em cada texto jornalístico e tirar suas próprias conclusões:

Mais que obter uma definição, talvez importe, sobretudo, perceber as diferenças entre os tipos dos discursos, de acordo com as finalidades a que se propõem. Registrar, historiar, opinar e reclamar são funções diferentes que produzem efeitos também diferentes, conforme o objetivo do emissor (FERRARI e SODRÉ, 1986, p. 36)

Um momento considerado um dos marcos da reportagem moderna é descrito por Bahia (1990). Em 1869, o jornalista Henry Stanley, do *New York Herald*, recebeu como pauta a tarefa de localizar David Livingstone, geógrafo cuja fama se deu após descobrir várias regiões do continente africano e que estava desaparecido. Stanley tinha em mãos uma tarefa difícil, se não impossível, e que com certeza não renderia apenas uma notícia respondendo às seis perguntas básicas (o que, quem, quando, onde, como e porque). Dois anos após a missão do jornal americano ter sido confiada a ele, Stanley localizou o geógrafo em uma tribo africana. O relato da aventura do jornalista em busca de sua fonte resultou em um texto movimentado, dotado de uma certa emoção e com informações detalhadas. Desde então, segundo Juarez Bahia, a reportagem mudou, e os jornalistas que deveriam produzir grandes notícias perceberam uma demanda por pesquisa, metodologia, investigação e originalidade.

No Brasil, segundo Cremilda Medina (1998), o gênero reportagem foi introduzido por João Paulo Alberto Coelho Barreto, ou apenas João do Rio, como ele mesmo costumava se chamar. João do Rio foi o responsável pela popularização de um gênero que traz à tona a questão de onde termina o jornalismo e começa a literatura. Vários autores criticam sua obra analisando-a sob o prisma da literatura. Medina (1998, p. 55) afirma: “Os autores que discutem o mérito de Paulo Barreto estão, em geral, preocupados em atacar sua “literatura apressada” ou a “falta de amadurecimento de seu teatro”(...)”. No entanto, o próprio João do Rio admite que a sua contribuição foi muito mais para o jornalismo do que para a literatura.

João do Rio iniciou-se como jornalista entre 1898 e 1899, no jornal Cidade

do Rio. Em 1900, trabalhando na Gazeta de Notícias, publica uma série de reportagens intitulada *As religiões do Rio*, que foi editado em livro e chama a atenção para seu trabalho de apurar e buscar informações. Outras obras que trazem reportagens de João do Rio e que marcaram o jornalismo nesse início de século XX são *Alma encantadora das ruas*, *Vida vertiginosa*, *Cinematógrafo* e *Os dias passam*.

O início do século XX foi decisivo para a transformação da rotina das redações dos impressos no Brasil. Até beiras da década de 1900, segundo Medina, o jornalismo feito no Brasil privilegiava assuntos domésticos, com poucas páginas de texto, títulos curtos, ausência de bigodes (os subtítulos que vêm logo abaixo do título de um texto jornalístico e precedem o texto), e uma falta de interesse por parte do repórter para tornar o texto do jornal mais atraente para o leitor. João do Rio introduziu uma técnica que hoje é considerada uma das mais básicas para se fazer jornalismo: buscar informações na rua. Utilizando uma forma mais apressada de produzir jornalismo, João do Rio marcou época e todos os acontecimentos que se desenrolaram no período de 1900 – 1920 foram relatados por ele.

Fora os elogios de um biógrafo engajado emocionalmente, fica o fato comprovável pela obra – João do Rio, o repórter que testemunha uma época. Basta recorrer ao livro de Brito Broca, *A Vida Literária no Brasil – 1900*; todos os capítulos se remetem a escritos de João do Rio: o tema da decadência da boêmia literária; Paris, o modelo da cultura brasileira da época; a moda na Grécia; a biblioteca e a pseudocultura; a literatura nos jornais. Em todos os assuntos, Paulo Barreto é uma das fontes principais, não como historiador, mas como cronista e repórter de seu tempo (...) (MEDINA, 1998, p. 58).

Características do texto de João do Rio podem ser encontradas hoje em boas reportagens. A observação da realidade, a busca por informações apuradas por meio de entrevistas e fontes importantes, a humanização dos personagens envolvidos em um acontecimento, a descrição contextual, a reconstituição e resgate de aspectos históricos que influenciem no fato noticiado e a introdução de recursos literários no texto, como a metáfora, são alguns exemplos de técnicas que foram inauguradas por João do Rio no jornalismo brasileiro.

Atualmente, no jornalismo impresso diário, percebe-se a presença do gênero reportagem apenas quando o acontecimento demanda maiores explicações, ou quando se trata de um fato que provavelmente marcará época e será destaque em todos os veículos e meios de comunicação. Os temas geralmente

abordados na editoria internacional – conflitos e guerras, tragédias, eleições e decisões políticas em países influentes e epidemias – merecem uma contextualização maior, demandam uma interpretação por parte do repórter e os aspectos básicos, que constituem o *lead*, acabam sendo detalhados.

4.3 Jornalismo Internacional

João Batista Natali (2007) afirma que o jornalismo internacional não surgiu no século XIX, apesar de esse ter sido o momento de maior crescimento da editoria. Nessa época, a expansão do império colonial britânico fez com que os periódicos impressos ampliassem sua área geográfica de cobertura e, nos Estados Unidos, o noticiário internacional também se fortaleceu com a presença de imigrantes da Europa no país que demandavam informações específicas de várias partes do mundo, principalmente as que tinham origem no velho continente. No entanto, o jornalismo internacional não nasceu tão tarde. Natali (2007, p. 23) afirma que o jornalismo já nasceu internacional.

De acordo com Natali, o jornalismo internacional nasceu no século XVI, quando Jacob Függer von der Lilie, um importante banqueiro europeu, desse período que nos remete à época das caravelas portuguesas aportando no Brasil, criou o *newsletter*¹³. Como morava em Augsburg, na atual Alemanha e seus principais negócios estavam concentrados na Bélgica, os agentes do banqueiro enviavam a ele informações de utilidade sobre os negócios com certa regularidade por meio dos *newsletters*. É importante notar que o jornalismo internacional surgiu muito antes da consolidação de uma adequada infraestrutura de comunicações, que foi estabelecida bem mais tarde com a melhoria das estradas e o surgimento dos correios, que permitiram, então, a industrialização da comunicação.

Foi na época mercantil que as notícias impressas começaram a circular com maior frequência, já que elas passaram a ser vendidas e não mais circulavam apenas entre um grupo comercial, como aquele criado pelo banqueiro Jacob Függer von der Lilie. Os impressos não eram mais transmitidos apenas entre parceiros ou clientes comerciais, mas sim em toda a sociedade. Uma comprovação é o surgimento, na Holanda, dos corantos, jornais que tinham como principais notícias as econômicas e políticas do estrangeiro e que se espalharam por toda a Europa no início do século XVII. O acesso a esses primeiros jornais era essencial, já que as pessoas dependiam da leitura deles para se

¹³ A tradução da palavra *newsletter* é “boletim de novidades”. Segundo dados disponíveis no site da Aberje, o *newsletter* é um boletim informativo, destinado a diferentes públicos, com periodicidade regular, cujo conteúdo tem uma temática definida e constante.

informar sobre dados políticos e econômicos mais atualizados, tais como o mercado, os clientes e todo tipo de negócio que estavam distantes. Eram essas informações que os orientavam em decisões.

Muitas dessas primeiras formas de jornal se preocupavam principalmente com notícias do estrangeiro, isto é, com eventos que estavam acontecendo (ou tinham acontecido) em lugares distantes. Os indivíduos que liam estes jornais, ou escutavam sua leitura por outros, ficavam conhecendo fatos acontecidos em lugares os mais distantes da Europa – fatos que eles nunca poderiam testemunhar diretamente, em lugares que eles certamente nunca iriam visitar. Por isso a circulação destas formas primitivas de jornal ajudou a criar a percepção de um mundo de acontecimentos muito distantes do ambiente imediato dos indivíduos, mas que tinha alguma relevância potencial para suas vidas. (THOMPSON, 1999, p. 65)

É certo afirmar que o jornalismo nasceu em formato de jornalismo internacional, com foco em coleta de informações e difusão de notícias de terras distantes. E do seu surgimento, no século XVI, até chegar ao século XIX, foram muitas as transformações na imprensa. Ainda que os jornais impressos fossem comumente transportados a grandes distâncias, já no século XVI, vale lembrar que, somente no século XIX, o fluxo internacional de informações se tornou mais extensivo e organizado. A ascensão de novas tecnologias na imprensa aperfeiçoou os processos de impressão, acelerou a transmissão de notícias entre os países e contribuiu assim para o desenvolvimento do jornalismo internacional. Um exemplo desse desenvolvimento é a Guerra Civil norte-americana, que, em 1861, já foi acompanhada por cerca de 150 correspondentes. O surgimento do trem e dos cabos de telégrafo, na metade do século, também facilitou a transmissão de informações e encurtou as distâncias. Segundo Natali (2007, p. 30): “o impacto da rapidez na transmissão de informações e na distribuição de jornais e revistas foi proporcionalmente bem maior que o da computação e o da Internet no final do século XX”.

Foi então no século XIX, permeado de inovações tecnológicas, que surgiu, nas empresas jornalísticas, a necessidade de algo que, assim como foi dito, organizaria o processo de transmissão de informações em todo o mundo e, conseqüentemente, possibilitaria obter o maior número de informações possíveis pelo menor preço. Essas demandas geraram a criação das agências de notícias.

4.3.1 Agências de notícias

Segundo a Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (Unesco), citada por Mário Erbolato (1991, p. 202), agência de informação define-se como:

Empresa que tem principalmente por objeto, qualquer que seja a sua forma jurídica, obter notícias e documentação de atualidades, que sirvam para exprimir ou representar os fatos, distribuindo-os a um conjunto de empresas de informação e, excepcionalmente, a particulares, mediante o pagamento sempre à base de um serviço mais completo e imparcial possível.

Erbolato (1991) explica que para ser considerada internacional, uma agência deve atender a três critérios. O primeiro é relativo à necessidade de possuir correspondentes espalhados em pontos estratégicos do mundo, para que eles reúnam todas as informações desses locais e as transmitam para a sede da agência. Outro critério é a existência de uma redação central da agência, que assegure uma transmissão eficiente das informações para todo o mundo. E o último critério diz respeito à essencialidade de meios técnicos e financeiros capazes de garantir à agência uma infraestrutura adequada que mantenha os correspondentes e conseqüentemente a difusão de informações em grandes distâncias.

Assim como afirmou Thompson (1999), a comunicação no mundo moderno passa a acontecer em uma escala cada vez mais global, já que as mensagens passam a ser transmitidas entre distantes territórios com uma maior facilidade e as “distâncias foram eclipsadas pela proliferação de redes de comunicação eletrônica” (THOMPSON, 1999, p. 135). Foi então, no século XIX, que as redes de comunicação tiveram de ser organizadas sistematicamente em escala global, principalmente devido às novas tecnologias e novas considerações econômicas, políticas e militares.

A consolidação da globalização da comunicação teve várias conseqüências, dentre elas, o desenvolvimento dos sistemas de cabos submarinos e das agências internacionais. Entre 1830 e 1870, nascem as primeiras agências de notícias: a francesa Havas, a inglesa Reuters, a alemã Wolff e a americana Associated Press. As agências de notícias eram, assim como bem descreveu Mattelart (2000), um dispositivo de coleta e difusão de notícias situado no centro do sistema mundial. Elas aproveitaram o sistema telegráfico a cabo, que as possibilitou transmitir informação a longínquas terras e em grande velocidade.

Em 1835, nasceu a primeira agência de notícias, agência Havas, precursora da Agence France Press (AFP). A agência francesa criada por Charles Havas era inicialmente uma agência de tradução de informações publicadas por vários jornais europeus, para uso dos jornais da França, e, só em um segundo momento, passou a ter sua própria equipe de reportagem que ia em busca de informações. Em 1840, ela então passou a fornecer notícias para clientes em Bruxelas e Londres por meio de carruagens e foi cada vez mais estendendo seus destinos. A Havas adotou o pombo correio, método que aumentou de 8 a 12 vezes a rapidez de transmissão em comparação ao correio habitual. De acordo com Luiz Amaral (1987, p. 169), “Os pombos levavam a informação de Bruxelas a Paris em quatro horas, enquanto que o correio normal gastava dois ou três dias”.

O surgimento da Associated Press (AP), em 1848, nos Estados Unidos é fruto do *pool* entre os seis principais jornais de Nova York que se uniram para a cobertura de vários eventos e guerras. A agência teve rápido desenvolvimento e já que as estradas de ferro facilitavam cada vez mais a penetração pelo interior dos Estados Unidos, a AP rapidamente instalou muitos correspondentes e cobriu grande parte do país. De acordo com Natali (2007), foi a AP que fez o primeiro despacho por cabo telegráfico transatlântico, em 1858.

A alemã Wolff foi inaugurada em 1848 e, em 1851, surgiu a agência inglesa Reuters, que assim como a AP é uma agência cooperativa coordenada por seis diretores. A Reuters é hoje a maior agência internacional de notícias, disponibilizando seu conteúdo em 20 diferentes línguas, com 200 escritórios no mundo e o seu destaque é o noticiário econômico, assinado por importantes especialistas. Segundo Natali, a Reuters foi a primeira a noticiar o assassinato do presidente Abraham Lincoln, em 1865.

A United Press Association (UPA) foi fundada em 1907, com o intuito de romper a dominação da AP no mercado de notícias locais norte-americanas e logo montou escritórios na América do Sul e no Japão. Enquanto suas rivais noticiavam os fatos de maneira objetiva, a UPA procurava produzir informações com um diferencial, que ia além do simples relato do fato e abrangia detalhes exclusivos. A UPA foi ainda a primeira agência a distribuir informações para estações de rádio.

A EFE foi a primeira agência de notícias em espanhol que surgiu em 1939 como sociedade anônima. Segundo dados do site da agência, ela conta com mais de três mil profissionais de 60 nacionalidades que trabalham em mais de 181 cidades de 120 países e com quatro ilhas de edição em Madri, Miami, Cairo e no Rio de Janeiro. A EFE apresenta as notícias com um ponto de vista latino sobre o mundo, tem 884 clientes na América Latina e de acordo

com dados do site da agência, mais de 40% por cento das informações internacionais de agências publicadas na América Latina é da EFE. Ainda esse ano a EFE foi consolidada como a quarta maior agência do mundo e abriu sua primeira delegação permanente em Teerã, para atender à crescente demanda por informações do Irã.

Entre essas principais agências de notícias há ainda a TASS, Agência Telegráfica da União Soviética, que surgiu em 1925, bem mais tarde que as outras. Seu desenvolvimento está ligado à história do Estado Soviético. Para a TASS, toda notícia internacional tinha de contribuir para a consolidação da paz mundial, da união entre as nações e principalmente colaborar com a construção da nova sociedade soviética e da comunidade socialista.

Foi em 1850 que a competição entre as agências de notícias se intensificou, cada uma tentando garantir cada vez mais clientes e expandir suas operações. No entanto, apenas três agências de notícias tinham porte internacional e foi feita uma divisão do mundo em territórios exclusivos: a Reuters reservou o Império Britânico e o Extremo Oriente, a Havas, precursora da Agence France Press (AFP) ficou com o Império francês, Itália, Espanha e Portugal e a Wolff dominava a Alemanha, Áustria, Escandinávia e os territórios russos. Essa divisão entre as agências dominou o sistema de coleta e disseminação de notícias durante a I Guerra Mundial e, logo depois, esse tríplice cartel de agências foi então dissolvido pela expansão das agências norte-americanas Associated Press (AP) e United Press Association (UPA), transformada em United Press International (UPI), em 1958. Em 1930, o cartel foi finalizado. Em 1934, a Reuters e a AP assinaram um acordo, que liberou a coleta e distribuição das agências norte-americanas em todo o mundo, o que possibilitou o crescimento dessas agências. Apesar disso, a Reuters foi a única agência européia que se manteve firme. Devido ao nazismo e a derrota alemã na II Guerra Mundial, a Wolff perdeu sua forte influência e então acabou por desaparecer. A agência Havas foi acusada de contribuir com o nazismo e foi substituída pela Agence France Press (AFP). Assim, “desde a Segunda Guerra Mundial, as quatro maiores agências – Reuters, AP, UPI e AFP – mantiveram suas posições de liderança no sistema internacional de coleta e disseminação de notícias e outras informações” (THOMPSON, 1999, p. 140).

Domenico de Gregório, citado por Erbolato (1991), justifica a consolidação das agências de notícias devido à impossibilidade de os jornais manterem um grande número de correspondentes espalhados pelo mundo, já que isso significava um alto custo financeiro, que eles não poderiam pagar. A filiação a uma agência internacional de notícias era mais econômico que financiar um corpo de correspondentes no exterior, ainda que fosse pequeno.

No entanto, o uso indiscriminado de informações provenientes de agências de notícias acaba por homogeneizar o texto noticioso que chega a população mundial por meio dos veículos de comunicação. Sendo assim, os veículos que têm correspondentes possuem um diferencial, já que, no exterior, o jornalista poderá ter um olhar peculiar acerca de um fato e produzir uma notícia que não será oferecido pelas agências. John Hohenberg (1981, p. 377) discorre sobre a rotina dos correspondentes internacionais:

Quando os correspondentes são credenciados a cobrir um país inteiro, naturalmente dependem das facilidades locais de comunicação de massa para se manterem informados. Bem cedo descobrem que precisam fazer mais do que ler os jornais, ouvir o rádio, assistir à televisão, verificar o que está sendo enviado por telegramas e manter relações cordiais com a Embaixada americana e com os jornalistas do país. Precisam obter e desenvolver suas próprias fontes de informação, suas próprias idéias para matérias e reportagens, seus próprios métodos de trabalhos – e isso leva tempo e custa muito dinheiro.

Diariamente, as agências de notícias despacham um grande número de informações para os veículos de comunicação. A agência France Press, por exemplo, realiza, diariamente, cerca de cinco mil envios para os 165 países para os quais transmite informações em seis idiomas diferentes (francês, inglês, alemão, árabe, português e espanhol), segundo dados do grupo de pesquisa As agências de notícias e a circulação internacional de problemas na sociedade globalizada (SOARES, 2009). E, obviamente, todas essas informações não cabem nas páginas que os jornais destinam a editoria internacional. Para selecionar o que será notícia e o que será enviado à lixeira eletrônica, os jornalistas utilizam alguns critérios, que já foram esmiuçados aqui. Contudo, a editoria internacional pede critérios mais rigorosos, como afirmou Natali (2007, p. 10-11): “Nenhuma outra editoria do jornal põe no lixo uma quantidade tão incrível de informações. O que é também uma maneira de dizer que nenhuma outra editoria precisa utilizar critérios tão refinados e qualificados de seleção”.

4.3.2 O noticiário internacional

Considerando análise feita da editoria internacional nos principais jornais brasileiros, a Folha de S. Paulo e O Estado de S. Paulo¹⁴, observar-se-á que os assuntos em pauta têm características em comum, nos dois jornais. Indo mais longe: se for feita a mesma observação, porém utilizando jornais de épocas diferentes, a conclusão será parecida: os assuntos noticiados ainda serão bem

¹⁴ A análise dos jornais Folha de S. Paulo e O Estado de S. Paulo e de seus respectivos portais, conforme já foi explicitado na Introdução e cuja metodologia será explicada posteriormente, encontra-se no capítulo 4.

semelhantes. Pode-se afirmar então que, dentre os critérios de noticiabilidade já mencionados neste trabalho, existem critérios específicos da editoria internacional.

João Batista Natali (2007) enumera quatro temas valorizados pelo noticiário internacional: guerras e conflitos, eleições, epidemias e tragédias inesperadas. Isso significa que se o jornalista tiver que escolher entre dois temas para noticiar, ele escolherá aquele que se encaixa em um dos quatro temas indicados. E, dentro destes quatro temas, que podem ser considerados critérios, os valores/notícia estabelecidos por Wolf (1985) e os critérios definidos por Adriano Duarte Rodrigues (1999) são observados.

Por exemplo, uma tragédia inesperada, como a queda de um avião, é tão importante à medida que os indivíduos envolvidos forem igualmente importantes. Sendo assim, um avião que cai em um território rico, obviamente com passageiros de classes mais altas, será mais notícia do que um avião que cai em um território pobre. Fica provado isso se observarmos a cobertura feita pelo jornal O Estado de S. Paulo sobre as quedas de dois aviões em 2009: o *Airbus* da Air France¹⁵ e o *Airbus* da Yemenia Air¹⁶. Quase um mês depois do acidente da Air France, no dia dois de julho, assuntos referentes ao acidente ainda eram destaque no jornal, por exemplo, a notícia intitulada “Busca por caixa-preta vai durar mais 20 dias”. Já o acidente da Yemenia Air, que teve uma sobrevivente em condições milagrosas, enquanto na tragédia da Air France todos os passageiros e tripulantes morreram, uma semana depois, em seis de julho, já não havia mais nenhuma notícia referente ao assunto. Desse exemplo, pode-se retirar mais alguns critérios bastante recorrentes no noticiário internacional: a proximidade geográfica é um deles. De acordo com os estudos sobre os critérios de noticiabilidade pode-se supor que a queda de um avião que transportava 59 brasileiros (58 passageiros e um tripulante) será mais notícia, aqui no Brasil, do que a queda de um avião que não envolveu nenhum brasileiro. Outro critério que se pode relacionar ao exemplo dado é o referente à acessibilidade do acontecimento. Um avião que caiu na costa brasileira, como o da Air France, é mais passível de ser coberto por jornalistas brasileiros do que um avião que caiu longe do país: as informações serão

¹⁵ O voo AF447 da Air France caiu no oceano Atlântico após decolar do Rio de Janeiro em direção a Paris, em 31 de maio de 2009. O *Airbus* transportava 228 pessoas, dentre as quais 59 eram brasileiros. Acredita-se que o avião caiu na costa brasileira, a cerca de 800 Km do arquipélago de Fernando de Noronha. Nenhum sobrevivente foi encontrado.

¹⁶ O voo A330 da Yemenia Air caiu no oceano Índico após decolar de Paris em direção as Ilhas Comores, em 29 de junho de 2009. O *Airbus* transportava 153 pessoas, e teria caído cinco minutos antes de chegar ao seu destino, nas proximidades das Ilhas Comores. Houve uma única sobrevivente: uma menina de 14 anos, que ficou cerca de 12 horas no mar esperando resgate.

de difícil alcance no caso do avião da Yemenia Air, enquanto todas as informações relativas à queda do avião da Air France chegarão em primeira mão aos noticiários brasileiros. A tragédia da Air France foi tão acessível para os jornalistas brasileiros que se pode considerar várias de suas notícias fora do noticiário internacional¹⁷. É fácil perceber, então, que um acontecimento é trabalhado sob o prisma de vários critérios de noticiabilidade.

Guerras e conflitos resumem-se em um dos critérios específicos da editoria internacional, estabelecidos por Natali (2007), e são assuntos recorrentes no noticiário internacional. Conforme já foi explicado, a fragmentação das identidades culturais culmina no multiculturalismo, e o reforço dessas identidades fragmentadas acarreta em um nacionalismo exacerbado, que acaba por gerar guerras e conflitos étnicos em torno de poderio econômico e político. Samuel Huntington (1997) explica os conflitos atuais como guerras de transição e guerras de linhas de fratura. As guerras de transição são conflitos que se tornaram violentos e foram transformados em guerras de linhas de fratura. Huntington cita como exemplos de guerra de transição a Guerra Afegã-soviética¹⁸ e a Guerra do Golfo¹⁹, já que os dois conflitos inauguraram um período de transição para uma era dominada por guerras entre civilizações. Huntington (1997, p. 314) explica:

A Guerra do Afeganistão tornou-se uma guerra de civilizações porque os muçulmanos em todas as partes a viram como tal e se juntaram contra a União Soviética. A Guerra do Golfo tornou-se uma guerra de civilizações porque o Ocidente interveio militarmente num conflito muçulmano, os oci-

¹⁷ O acidente envolvendo o avião da Air France pode ser encaixado na editoria internacional se considerarmos que várias das informações contidas nas notícias sobre o acontecimento foram produzidas por correspondentes estrangeiros ou foram provenientes de agências internacionais de notícias.

¹⁸ A Guerra Afegã-Soviética teve início em 1979. O conflito ocorreu entre as tropas soviéticas, que apoiavam o governo marxista afegão, e os muçulmanos que planejavam derrubar o governo comunista do poder. O conflito aconteceu no contexto da Guerra Fria, e a União Soviética apoiou o governo afegão comunista, enquanto os rebeldes muçulmanos receberam apoio dos Estados Unidos, do Paquistão e de outros países muçulmanos. A guerra teve fim em 1989, quando as tropas soviéticas concluíram a sua retirada, que teve início em 1988.

¹⁹ A Guerra do Golfo foi um conflito militar iniciado em 2 de agosto de 1990, na região do Golfo Pérsico. A guerra começou com a invasão do Kuwait por tropas do Iraque, já que em julho de 1990, Saddam Hussein, o então presidente iraquiano, acusou o Kuwait de causar a queda dos preços do petróleo, retomando antigas questões conflituosas e exigindo indenizações do país. O Kuwait não cedeu às acusações e em agosto de 1990 as tropas iraquianas invadiram o país. A mando de Saddam Hussein, os iraquianos passaram a controlar os vastos e valiosos campos de petróleo do Kuwait. Este acontecimento provocou muitas reações na comunidade internacional, envolvendo inclusive os Estados Unidos, que se posicionou contra o Iraque e manteve tropas militares dentro do país.

dentais apoiaram de forma majoritária essa intervenção e os muçulmanos pelo mundo afora acabaram por ver tal intervenção como uma guerra contra eles e se juntaram contra aquilo que viram como mais um exemplo do imperialismo ocidental.

As guerras entre civilizações acarretam em conflitos de linha de fratura. Explica-se isso já que, por exemplo, a Guerra do Golfo, considerada uma guerra entre a civilização ocidental e a civilização muçulmana, resultou no fortalecimento das disparidades entre as duas civilizações e no fortalecimento das identidades de cada uma delas, e foi o estopim para a eclosão de muitos outros conflitos de linhas de fratura, por exemplo, o eterno conflito entre árabes e judeus na Palestina, já que os Estados Unidos e países do Ocidente, geralmente, assumem uma posição contrária ao fundamentalismo adotado pelos árabes muçulmanos.

Os conflitos de transição já não são mais tão recorrentes na agenda internacional, já que a maioria deles já se transformou em guerras de linha de fratura, que recheiam as páginas da editoria internacional com notícias relacionadas a esse tipo de conflito. Segundo Huntington, conflitos de linha de fratura podem envolver Estados e grupos não-governamentais. Estes grupos podem ser provenientes de um mesmo país e estarem localizados em um mesmo território ou em territórios diferentes. No primeiro caso, o autor exemplifica com os hindus e os muçulmanos na Índia, onde as relações são continuamente tensas e, vez ou outra, podem resultar em conflitos violentos. Pode-se exemplificar também com os conflitos entre as etnias hans e uigur, na China, que, durante o mês de julho, estiveram na agenda internacional dos principais jornais brasileiros. As relações entre os chineses hans e os chineses uigures nunca foram tranquilas, mas, de tempos em tempos, algum acontecimento desencadeia uma série de conflitos violentos entre as duas etnias. No segundo caso, quando os grupos estão geograficamente mais distantes, Huntington caracteriza os conflitos como uma luta por independência: “com maior frequência, a questão é o controle de território. O objetivo de pelo menos um dos participantes é conquistar território e livrá-lo de outras pessoas, expulsando-as, matando-as ou fazendo ambas as coisas, ou seja, praticando a “limpeza étnica”” (HUNTINGTON, 1997, p. 321).

A maioria dos conflitos que se tornam notícia para a editoria internacional tem como característica comum a violência, que transforma os conflitos em guerras. A riqueza visual da violência é talvez o principal estimulante para o seu uso no noticiário internacional. A violência terrorista é um dos principais assuntos retratados na editoria e, segundo Wainberg (2005), o efeito mais frequente gerado por ela é o medo. A violência política é um tipo especial de

guerra. Ela passa a ser terrorista quando aqueles que a cometem percebem a necessidade de adquirir mais publicidade para chegar a seus objetivos políticos. Assim, esses atores da violência escolhem o terror como principal estratégia para a luta. O maior desejo das nações é por meio da violência não apenas vencer o inimigo, mas abalá-lo gravemente, e é somente com a divulgação midiática, que os atos terroristas passam a ser conhecidos pelo público. Um exemplo é o atentado terrorista de 11 de setembro, quando aviões comerciais, sequestrados por terroristas do Al-Qaeda, colidiram contra as torres do World Trade Center, contra alvos civis nos Estados Unidos. A gravidade da relação entre os Estados Unidos e as várias forças inimigas só foi realmente percebida por toda a população mundial quando esse ataque foi noticiado pelos meios de comunicação de todo o mundo. O terrorismo político é um fenômeno simbólico em que o alto número de vítimas e suas outras graves consequências o tornam noticiável.

A cobertura do jornalismo internacional focada na violência justifica-se pelo desejo de “agregar valor dramático à crônica diária que faz do mundo” (WAINBERG, 2005, p. 14). O alto número de mortos, feridos e principalmente feridos inocentes nos atos terroristas permite a editoria internacional a produção de espetáculos graves, surpreendentes e inesperados. De acordo com Wainberg, a violência conquista com facilidade a audiência e a imprensa, ataques bombas e sequestros de aviões, por exemplo, totalizaram 67% das ocorrências terroristas transnacionais na década de 1980. O espetáculo acontece quando o público percebe que há um tipo de violência que visa atingir a ordem social. A violência torna-se, então, uma atração na editoria internacional.

4.3.3 Jornalismo internacional no Brasil

A imprensa brasileira nasceu concentrada nas notícias e informações da política interna e tinha como principal publicação os pasquins²⁰. De 1822 (independência do Brasil) a 1840, vigorou no Brasil um tipo de jornalismo que priorizava assuntos domésticos, como a política interna e a vida social dos nomes influentes da sociedade brasileira. O jornalismo internacional era, portanto, pouco ou quase nada presente nas primeiras décadas do jornalismo brasileiro, principalmente devido a questões técnicas, já que, por volta de 1850, não havia navegação a vapor e as atualidades eram transportadas lentamente, sempre chegando com cerca de seis semanas de atraso.

²⁰ Publicação “eminentemente política” (NATALI, 2007, p. 39) que entrou em decadência em 1850 e deu lugar ao jornalismo mais literário no Brasil.

Alguns acontecimentos relacionados ao jornalismo internacional praticado no Brasil são fundamentais e serão, portanto, abordados aqui. A primeira forma de noticiar fatos estrangeiros no Brasil aconteceu com o surgimento do *Correio Braziliense*, em 1808, primeiro jornal brasileiro, que era redigido em Londres, por Hipólito José da Costa e chegava aos assinantes, no Brasil, por meio de navios. Também em 1808, veio a *Gazeta do Rio de Janeiro*, que surgiu com a vinda da família real ao Brasil nesse mesmo ano e reportava notícias sobre os príncipes da Europa. Em 1874, Dom Pedro II mandou instalar um cabo estendido no Atlântico que ligava o Brasil à Europa por meio do telégrafo e finalmente acelerou a vinda das notícias européias para o Brasil. Em 1877, a agência Reuters – Havas abriu uma sucursal no Rio de Janeiro e, pela primeira vez, um jornal brasileiro, o *Jornal do Comércio*, publicou uma notícia internacional simultaneamente aos jornais europeus.

No fim do século XIX, tanto nos Estados Unidos quanto no Brasil, havia uma onda de imigrantes estrangeiros que criava um mercado jornalístico para informações oriundas da Europa. Nessa época, o Brasil começou com a prática de importação de mão-de-obra estrangeira e jornais em outros idiomas, que não o português, começaram a ser publicados aqui para serem lidos por esses imigrantes. De acordo com Natali (2007), em São Paulo estava a maior parte de imigrantes e, entre 1878 e 1901, surgiram 17 desses jornais, como o *Germania*, o *Freie Presse*, o *Echo von Brazilien* e o *Deutsch Brasilianische Presse* para a comunidade alemã, o *Fanfulla*, o *Tribuna Italiana* e *Il Secolo* para a comunidade italiana, o *Correo Español*, *El Heraldo*, *La Ibéria*, *La Gaceta Española* e *La Voz de España* para a comunidade espanhola e *O Brasil*, *Al Assmahy*, *Al Munazer* e *Al Manarat* para a comunidade árabe. Esses jornais possibilitavam aos imigrantes, contato com uma realidade familiar e um noticiário doméstico, ainda que eles estivessem em outro país.

De acordo com Wainberg (2005), hoje, ao contrário, a editoria internacional nos jornais do Brasil é levemente fortalecida apenas quando há claros momentos de instabilidade no mundo, no caso de guerras e tragédias. No entanto, isso não é uma realidade. Apesar de o Brasil não estar hoje envolvido em nenhum conflito do porte da 2ª Guerra Mundial e não ter um inimigo definido no mundo, como se refere o autor, o país tem crescente participação no cenário econômico mundial, como a possibilidade do ingresso no G-8 junto de outros países, tornando o grupo como G-13. No cenário político, o país tem influência em decisões, principalmente na relação que estabelece com seus países vizinhos da América do Sul. Outros exemplos são a presença das tropas brasileiras no Haiti²¹, que tem extrema importância no cenário mundial, e no caso do

²¹ Diante da crise haitiana que se iniciou em 2004, em solidariedade e participação de es-

golpe de Estado em Honduras²², o presidente deposto, Manuel Zelaya, foi apoiado pelo presidente brasileiro Luiz Inácio Lula da Silva e recebeu abrigo político na embaixada brasileira em Tegucigalpa, o que gerou grande polêmica internacional²³, dentre outros. Assim, o Brasil está sim em voga em assuntos internacionais e a visão de Wainberg de que somos meros espectadores dos fatos mundiais é equivocada. O Brasil influencia sim em importantes decisões intercontinentais e participa ativamente do cenário mundial.

5 Comunicação em Rede e o Jornalismo na Web

Chega-se então à era das redes informatizadas, que são fruto do ápice do desenvolvimento tecnológico atual. O desenvolvimento das tecnologias sempre esteve presente na vida social e pode ser distinguido em três momentos da história. A primeira fase é a da indiferença, que ocorreu na Idade Média, quando a vida social era regida por um universo sagrado, que misturava arte, mito e religião. Nesse momento da história, a técnica não era uma realidade em si e o olhar dos indivíduos em relação a ela era de extrema in-

forços coletivos militares da comunidade internacional – especialmente latino-americana – o Brasil deslocou suas tropas militares para a Missão de Estabilização da Organização das Nações Unidas no Haiti (Minustah). O Haiti foi considerado incapaz de se auto-governar. A missão brasileira no país é complexa e longa, e não existe uma data definida para o retorno dos soldados brasileiros.

²² O então presidente de Honduras, Manuel Zelaya, que governava o país desde 2006, foi deposto no dia 28 de julho de 2009, quando foi preso e, logo depois, expulso do país e enviado para a Costa Rica. Zelaya foi preso e expulso sob o pretexto de ter realizado um plebiscito não autorizado pelo Poder Legislativo, no qual a população era questionada sobre um referendo que pediria ao Congresso a convocação de uma Assembléia Constituinte para o país, para que assim, ele pudesse se reeleger.

²³ A atitude do presidente do Brasil gerou muita polêmica. De acordo com o portal UOL, Honduras chegou a cortar água, telefone e eletricidade da embaixada brasileira diante do abrigo ao presidente deposto. Ainda de acordo com o portal, em Assembleia Geral das Nações Unidas, o presidente Lula fez questão de defender o presidente deposto e na chegada de Zelaya à embaixada brasileira, o ministro das relações exteriores do Brasil, Celso Amorim, deu a ele boas vindas ao território brasileiro por telefone. De acordo com a Agência Brasil, para o presidente do Senado Brasileiro, José Sarney, a presença do presidente deposto de Honduras transformou a embaixada brasileira em um “comitê político”. Sarney defendeu que o Brasil tem tradição de 200 anos de respeito à soberania dos países, sem a ocorrência de qualquer intervenção e afirmou ainda que “esse abuso não é bom nem para o Zelaya, nem para o Brasil também. A embaixada brasileira tem que zelar pelas leis que marcam o asilo de não se meter em assuntos internos dos países”. Os argentinos, assim como outros vizinhos latino-americanos, concordaram com o abrigo político. De acordo com o portal do Correio Brasiliense, organizações sociais, de direitos humanos e de esquerda foram às ruas de Buenos Aires manifestar apoio à Lula e prestar solidariedade ao povo hondurenho e os cartazes exibidos pelos manifestantes diziam: “Obrigado Brasil” e “A América Latina está com Honduras”.

diferença. A segunda fase é a do conforto e diz respeito à modernidade. Nesse momento em que a ciência substitui a religião, a tecnologia acaba por capacitar o homem a administrar o mundo racionalmente. A modernidade tecnológica deu ao homem a possibilidade de controlar, explorar e transformar o mundo, tornando a natureza controlável e permitindo a ele uma vida de conforto. A última fase do desenvolvimento tecnológico é a fase da ubiquidade, ou seja, da onipresença, que acontece na pós-modernidade. É a fase da comunicação digital, quando surgem tecnologias digitais que, segundo André Lemos (2008, p. 53): "permitem escapar do tempo linear e do espaço geográfico. Entram em jogo a telepresença, os mundos virtuais, o tempo instantâneo, a abolição do espaço físico, em suma, todos os poderes de transcendência e de controle simbólico do espaço e do tempo". E é essa fase que será abordada aqui.

Enquanto o jornal impresso pode ser chamado de tecnologia do individualismo, em que as pessoas leem em silêncio e para si mesmas, as novas tecnologias digitais, em especial os computadores em rede, vão em direção oposta, já que estabelecem uma interconexão planetária dos indivíduos. A homogeneidade e o individualismo da cultura impressa acabam por ceder lugar à conectividade e a retribalização da sociedade: "Com a contração do planeta pelos novos *media* digitais, transformamo-nos não numa única aldeia global, mas em várias e idiossincráticas aldeias globais, devido principalmente à implosão do mundo ocidental pelo efeito das tecnologias microeletrônicas" (LE MOS, 2008, p. 71).

5.1 A nova revolução tecnológica

A internacionalização da comunicação, aliada à globalização da economia, trouxe consigo algo além de uma nova relação entre as sociedades. Conforme já foi dito, a era moderna atual é caracterizada por uma fragmentação das identidades. Neste momento, observa-se um reforço de pequenos grupos étnicos e culturais, dentro dos quais o sujeito social busca por uma identidade que lhe dê segurança e conforto. Manuel Castells (1999, p. 23) explica:

Nesse mundo de mudanças confusas e incontroladas, as pessoas tendem a reagrupar-se em torno de identidades primárias: religiosas, étnicas, territoriais, nacionais. (...) Em um mundo de fluxos globais de riqueza, poder e imagens, a busca pela identidade coletiva ou individual, atribuída ou construída, torna-se a fonte básica de significado social.

Nesse contexto, novas formas de comunicação se fazem necessárias. A questão central nesse momento é relacionada a como a comunicação deve abranger todas as formas culturais e etnias existentes. A comunicação do século XXI, cujas raízes remontam ao século XX, deve ser unificadora, de

modo que um discurso seja passível de entendimento em qualquer canto do mundo. Além disso, deve haver uma forma de transmissão de informações que atinja todas as sociedades ao mesmo tempo. Deve-se extinguir qualquer limitação espaço-temporal. E, para chegar ao período em que a comunicação está globalizada, é preciso retroceder alguns anos, e chegar ao início da Terceira Revolução Industrial.

A Revolução Industrial, iniciada na segunda metade do século XVIII na Inglaterra, foi uma revolução tecnológica que buscou desenvolver a força humana, e de fato o fez. Castells (1999, p. 50) cita o conceito de Harvey Brooks e Daniel Bell e bem define tecnologia como: “o uso de conhecimentos científicos para especificar as vias de se fazerem as coisas de uma maneira reproduzível”. Da mesma forma, pode-se dizer que a terceira fase da Revolução Industrial foi uma revolução tecnológica que buscou desenvolver a mente humana. De acordo com Mc Luhan, citado por André Lemos (2008, p. 69): “as tecnologias são prolongamentos do nosso corpo, próteses de nossos sentidos, os media são extensão do nosso sistema nervoso central”.

Segundo Castells (1999), à parte das descobertas ocorridas na segunda metade do século XIX, como a invenção do telefone em 1876 e a invenção do rádio em 1898, foi na década de 1970 que se concentraram e se popularizaram as principais descobertas que caracterizaram o início da atual revolução tecnológica. Os primeiros computadores de que se tem notícias apareceram em meados da Segunda Guerra Mundial. Naquele momento, as máquinas, chamadas de *mainframes* ou supercomputadores, eram enormes, pesadas e consumiam uma grande quantidade de energia. De acordo com o autor, historiadores afirmam que o primeiro computador eletrônico pesava 30 toneladas e ocupava uma área equivalente a um ginásio esportivo. Foi, em 1971, que a invenção do microprocessador veio para mudar essa realidade e transformar aquelas enormes e, pode-se dizer, primitivas máquinas, em computadores pequenos e práticos, que mais tarde viriam a ser chamados de PCs, ou Computadores Pessoais.

Enquanto a primeira fase da Revolução Industrial teve seu berço na Inglaterra, o nascimento da Revolução Tecnológica pode ser situado nos Estados Unidos, mais especificamente em uma região denominada Vale do Silício. Castells explica que o Vale do Silício é um condado localizado a 48 quilômetros ao sul de São Francisco, na Califórnia, que, em 1951, recebeu a instalação do Parque Industrial de Stanford, da Faculdade de Engenharia da Universidade de Stanford. Esse foi o início de uma série de investimentos feitos nessa região no sentido de torná-la um centro tecnológico notável. Em 1956, por exemplo, a Universidade de Stanford contratou William Shockley, o inventor do transis-

tor, para que ele desenvolvesse industrialmente a sua invenção. A presença de Shockley atraiu vários jovens interessados em trabalhar com ele e esses mesmos jovens, posteriormente, fundaram as principais empresas de fabricação de condutores, inclusive as atuais gigantes Intel e Signetics, por exemplo.

O Vale do Silício era um ponto de convergência para jovens interessados e aptos a desenvolver as tecnologias da informação. Além dos parques industriais e das empresas de tecnologia, a região também abrigava clubes de discussão. Segundo Castells (1999), o *Home Brew Computer Club* era um ponto de encontro, onde jovens como Bill Gates, inventor da Microsoft, Steve Jobs e Steve Wozniak, fundadores da Apple, discutiam as últimas novidades com relação às inovações feitas no campo das tecnologias da informação. Foi em uma das reuniões do clube que Steve Wozniak tomou conhecimento do Altair, uma máquina construída em 1975 por Ed Roberts que consistia em um computador de pequena escala que funcionava utilizando um microprocessador. A invenção de Ed Roberts foi a inspiração para que Wozniak e Jobs desenvolvessem microcomputadores e fundassem, em 1976, a Apple Computers, empresa responsável pela difusão dos computadores pessoais e que vigora no ramo até hoje. Castells (1999, p. 61) cita que, em 1982, a Apple alcançou a marca de US\$583 milhões em vendas, iniciando e era de popularização do computador. Pouco tempo depois, Bill Gates fundou a Microsoft, empresa que fornece sistemas operacionais para microcomputadores.

Concomitantemente ao desenvolvimento das máquinas e *softwares*, acontecia, sobretudo a partir da década de 1980, uma evolução da capacidade de funcionamento dos computadores em rede. Castells lembra que essa evolução das redes só foi possibilitada por avanços feitos nas telecomunicações, por exemplo, a difusão dos roteadores e comutadores e as tecnologias de transmissão, que começavam, na década de 1990, a se digitalizar. É nesse momento que a Internet surge como a rede que reforçaria a internacionalização da comunicação.

5.1.1 Internet, a mais importante das redes

Durante a Guerra do Golfo, no início da década de 1990, todos os meios de comunicação usuais da época (imprensa e, principalmente, a televisão) propagavam um discurso favorável aos Estados Unidos, de modo que a população fosse influenciada positivamente com relação à política de Bush de manter tropas no Iraque. As pessoas que se opunham a essa visão propagada pela mídia eram aquelas que tinham acesso a fontes alternativas de informação,

como a Internet, cujo acesso na época era ainda mais restrito do que é hoje²⁴. Douglas Kellner (2001, p. 290-291) afirma que:

(...) a cobertura lamentavelmente unilateral dada pela grande mídia à crise e à Guerra do Golfo chama a atenção mais uma vez para a necessidade de contarmos com meios de comunicação alternativos, capazes de fornecer informações essenciais sobre acontecimentos complexos como Guerra do Golfo. Durante essa guerra, todos os que nos opúnhamos a ela conseguimos informações em bancos de dados informatizados, como o PeaceNet (...)

Esse é apenas um exemplo que justifica a Internet como meio de comunicação capacitado para incluir e abranger todas as expressões culturais da atualidade. Como já foi explicado anteriormente, já é antiga a necessidade por um novo sistema de comunicação mais democrático e que abarque toda a gama de representações culturais trazidas pela modernidade. E é no contexto da Guerra Fria que a Internet surge para atender a essa demanda.

Em 4 de outubro de 1957, no auge da Guerra Fria, a União Soviética saiu na frente na corrida espacial²⁵ com os Estados Unidos e lançou o satélite Sputnik. O acontecimento foi alarmante para os norte-americanos e a Agência de Projetos de Pesquisa Avançada do Departamento de Defesa dos Estados Unidos, a Darpa, iniciou uma série de estratégias envolvendo alta tecnologia para que o país não ficasse pra trás na corrida por inovações tecnológicas. A iniciativa que veio para mudar a história da comunicação teve como base uma ideia de Paul Baran, da Rand Corporation, uma empresa especializada em estratégias. A Darpa pretendia desenvolver um sistema de comunicação que não fosse vulnerável a ataque nuclear. Segundo Baran, deveriam ser usadas redes

²⁴ Segundo Manuel Castells (1999, p. 369), na década de 1990 a Internet possuía mais ou menos 25 milhões de usuários, concentrados nos países desenvolvidos, como Estados Unidos e Japão. Atualmente, segundo relatório divulgado pela ComScore em janeiro de 2009, a Internet possui mais de um bilhão de usuários no mundo inteiro, mas esse número é concentrado em países como China, Estados Unidos e Japão, potências de nossa época. Regiões desprivilegiadas do nosso mapa mundi, como o Oriente Médio e a África, são responsáveis por apenas 5% desse número.

²⁵ A corrida espacial começou em 4 de outubro de 1957 quando a Rússia lançou ao espaço o satélite Sputnik. Na verdade, os alemães foram os primeiros a desenvolver um foguete espacial, o V2, nos anos 40, sob o regime nazista. Mas com o fim da Segunda Guerra Mundial, os segredos do Terceiro Reich passaram às mãos dos Estados Unidos e da União Soviética, os protagonistas da Guerra Fria e principais rivais da corrida espacial. A ideia que regia essa corrida espacial era que aquele que conquistasse o espaço, também conquistaria o planeta Terra. Quando os russos lançaram o Sputnik, o sonho americano foi abalado não apenas pelo ponto de vista tecnológico, mas principalmente porque os soviéticos passaram a ser "os primeiros".

distribuídas com base na tecnologia de comunicação por comutação de pacotes. Em 1966, Bob Taylor, então diretor da Darpa, baseou-se na ideia de Baran e, em 1969, surge a Arpanet.

Inicialmente, a Arpanet era aberta aos centros de pesquisa do Departamento de Defesa dos Estados Unidos, e era utilizada tanto para objetivos científicos quanto militares. No entanto, várias universidades, que era de onde saíam as principais descobertas na área de tecnologia, estavam conectadas à rede, o que dificultava na hora de separar assuntos pessoais dos estudantes de assuntos militares dos EUA. Só em 1983 é que a rede foi dividida em Arpanet, voltada para fins científicos, e Milnet, dedicada a fins militares. Pouco depois, ainda na década de 1980, a Arpanet passou a ser Arpa-Internet, e depois apenas Internet. Nesse período, várias outras redes científicas, pessoais e institucionais foram criadas pelo Departamento de Defesa, Fundação Nacional da Ciência, universidades norte-americanas, e por empresas como a Bell Laboratories, a Rand Corporation, dentre outras. A criação de todas essas redes foram cruciais para o desenvolvimento de uma rede universal, como a Internet o é atualmente.

Uma das invenções necessárias para a difusão das redes foi o *modem*, equipamento de baixo custo surgido em 1978. Criado por dois *hackers*, termo que na época não possuía conotação negativa como hoje, estudantes universitários que tentavam transferir arquivos de um computador para outro por meio de linhas telefônicas construíram o equipamento e difundiram a tecnologia sem nenhum custo. Dessa forma, qualquer pessoa munida de um computador, um *modem* e uma linha telefônica poderia acessar a rede, estimulando a difusão da computação pessoal.

Em 1989, foi criada a World Wide Web, ou apenas WWW, pelo físico Tim Berners-Lee, que trabalhava para um laboratório de pesquisas europeu. A Internet foi então concebida como um hipertexto, em que os elementos produzidos eram interativos. Castells (1999, p. 379) define a invenção de Berners-Lee como:

Uma rede flexível formada por redes dentro da Internet onde instituições, empresas, associações e pessoas físicas criam os próprios *sites*, que servem de base para todos os indivíduos com acesso poderem produzir sua *homepage*, feita de colagens variáveis de textos e imagens

Devido à facilidade de acesso que a nova interface gráfica possibilitava, o crescimento da WWW acelerou-se a partir de então. Segundo Polyanna Ferrari (2004), em 1996 existiam 56 milhões de usuários da web. A autora compara

as mensagens eletrônicas enviadas nos Estados Unidos, naquele ano, com as cartas postadas nos correios: o número era de 95 bilhões de e-mails contra 83 bilhões de cartas convencionais.

A Internet firmou-se como rede universal capaz de conectar pontos distantes e de agregar uma infinita quantidade de informação. Para entender todo o potencial dessa ferramenta enquanto rede é necessário discutir a arquitetura que define a Internet como um labirinto. Conforme será explicado adiante, essa arquitetura em forma de rede extrapola a dimensão digital e pode ser aplicada a todos os âmbitos da vida social.

5.2 Noção de rede e conceitos iniciais

Rede é a metáfora que surge nesse final de século, segundo Vera França (2002). Ela pode ser explicada de acordo com duas dimensões, definidas por França: a rede como conceito e a rede como fenômeno empírico. A primeira refere-se à metáfora da rede como explicação teórica para a nova forma de organização social que surge a partir do século XX. O surgimento das redes informatizadas, como a Internet, a globalização política e econômica, a internacionalização das comunicações e a expansão do multiculturalismo são alguns exemplos do que impulsiona o funcionamento da sociedade como uma rede, na qual vários nós estão conectados. A rede como fenômeno empírico diz respeito ao modo como esse novo funcionamento da sociedade, em formato de rede, será transposto para a realidade, e as consequências práticas que trará. Diversos autores, como a própria Vera França, Edgar Morin (1990), Pierre Lévy (1998), Lúcia Leão (2005), Lúcia Santaella (1996), dentre outros, trabalham com o conceito de rede e ajudam a explicar as suas características.

5.2.1 Conceitos de rede

Vera França (2002) afirma que o conceito de rede pode ser aplicado à forma de um sistema: aberto e constituído por nós interconectados. A autora questiona se é possível pensar a sociedade senão como uma rede, e conclui que a vida social é sim disposta enquanto rede. No entanto, França afirma que apenas constatar essa realidade não é o suficiente, e reforça a necessidade de se investigar o funcionamento dessa rede dentro da qual se vive. Ela diz que:

“A noção de rede – na acepção de rede de sentidos, rede de interações, rede de homens – é preciosa porque nos incita a pensar nos nós, conexões, interseções, inclusões e exclusões que se processam no âmbito das práticas sociais, realizadas comunicativamente” (FRANÇA, 2002, p. 3).

Para compreender as consequências oriundas da noção de rede, Vera França faz uma retrospectiva do modelo antes vigente no âmbito da comunicação, e que poderia ser estendido para a sociedade como um todo: o modelo do telégrafo. Esse modelo baseia-se em uma forma de comunicação linear, segundo a qual o emissor transmite as informações para um receptor passivo, excluindo-se qualquer forma de interação e simplificando a trajetória da mensagem. França alerta para a necessidade que se observou na época - com a revolução tecnológica informacional e o multiculturalismo - de se pensar a comunicação de maneira mais complexa, que extrapolasse o modelo de comunicação linear entre um emissor e um receptor. É também dessa forma que Castells (1999, p. 396) justifica a necessidade de se pensar a sociedade segundo o modelo de rede: “O que caracteriza o novo sistema de comunicação, baseado na integração em rede digitalizada de múltiplos modos de comunicação, é sua capacidade de inclusão e abrangência de todas as expressões culturais”. Apesar de aqui o autor já considerar as redes digitalizadas, como a Internet, Castells (1999, p. 497) também alerta para uma sociedade passível de ser analisada como rede: “Redes constituem a nova morfologia social de nossas sociedades, e a difusão da lógica de redes modifica de forma substancial a operação e os resultados dos processos produtivos e de experiência, poder e cultura”.

Edgar Morin (1990) também trabalha com a noção de rede quando propõe que, na era atual, já não há mais espaço para uma simplificação do pensamento. Segundo o autor, essa simplificação acarreta em uma forma de inteligência que ele denomina de inteligência cega. O fato de o conhecimento ser norteado por redução e hiper-especialização das áreas, por exemplo, a separação da ciência em áreas de conhecimento (física, biologia, fiologia etc.), faz com que haja uma destruição dos conjuntos e das totalidades, isolando os objetos do que está ao seu redor, gerando várias patologias na sociedade²⁶. Assim, o autor acredita que apenas uma forma de pensar que não distingue e não separe as idéias, tornando tudo um sistema, é capaz de abranger toda a realidade em que se vive e elevará o pensamento à complexidade.

Morin propõe enxergar a realidade como uma rede, cujos nós estão entrelaçados e dialogando entre si. Para propor essa ideia, ele utiliza como pressuposto a teoria dos sistemas, segundo a qual desde os átomos que compõem o nosso corpo até a sociedade podem ser considerados sistemas, ou seja, podem ser analisados segundo a lógica das redes.

²⁶ Morin (2001, p. 22) identifica algumas patologias da simplificação do saber, tais como: a antiga, que dava vida independente aos mitos e aos deuses; a moderna, ou seja, a inteligência cega, da que simplifica a realidade; a do idealismo, que oculta a realidade; a da teoria, que propõe o doutrinismo; e, por fim, a da razão, que ignora a ação dialógica da racionalidade.

(...) qualquer realidade conhecida, desde o átomo à galáxia, passando pela molécula, a célula, o organismo e a sociedade pode ser concebida como sistema, quer dizer, associação combinatória de elementos diferentes. De fato, a teoria dos sistemas, que surgiu com Von Bertalanffy, a partir de uma reflexão sobre a biologia, espalhou-se, a partir dos anos 50 de maneira profusa nas mais diferentes direcções (MORIN, 1990, p. 28)

A rede, segundo Morin, é um sistema aberto. Para entender a noção de sistema aberto, Morin faz uma distinção entre sistema aberto e sistema fechado. Sistema fechado é aquele que está em constante equilíbrio, e que não precisa de trocas com o exterior para se tornar estável. Já o sistema aberto é aquele que necessita de trocas externas para se estabilizar, dispondo de fontes material/energética/organizacional/informacional exteriores para realizar as trocas. No entanto, apesar de estar continuamente em diálogo com os sistemas externos, e mesmo com os seus sub-sistemas constituintes, um sistema aberto possui uma estrutura maior que continua sempre a mesma. Morin (1990, p. 31-32) explica melhor:

Este estado firme, constante e no entanto frágil, *steady state*, tem algo de paradoxal: as estruturas permanecem as mesmas, embora os constituintes sejam mutáveis; é assim não apenas com o turbilhão ou a chama da vela, mas também com os nossos organismos, onde incessantemente se renovam as nossas moléculas e as nossas células, enquanto o conjunto permanece aparentemente estável e estacionário.

Pierre Lévy (1998) é outro autor que utiliza o conceito de rede para explicar a nova morfologia social desencadeada pela atual revolução tecnológica ou 3ª Revolução Industrial. O autor utiliza a metáfora do hipertexto para definir os mundos de significação que um contexto pode criar sob o modelo de rede, já que cada ponto da rede leva para outro, que pode levar para inúmeros outros, que pode então levar para mais infinitos pontos, e assim por diante. Dentro dessa perspectiva, Lévy define seis características que explicam melhor o funcionamento das redes hipertextuais, que são válidas, segundo o autor, “para todas as esferas da realidade em que significações estejam em jogo” (LÉVY, 1998, p. 25).

A primeira característica definida por Lévy refere-se ao princípio de metamorfose, segundo o qual a rede está sendo constantemente construída, para que possa se estabilizar. O segundo princípio que rege o hipertexto é o de heterogeneidade, que define que os nós que compõem a rede são constituídos por

diferentes objetos, relações, modelos, etc. Já o terceiro princípio diz respeito à multiplicidade, e caracteriza cada nó da rede hipertextual como constituído por uma rede, que por sua vez possuirá conexões, que serão constituídas por redes, em um ciclo de conexões interminável. A quarta característica proposta por Lévy define o princípio de exterioridade, que reforça a dependência do hipertexto de uma fonte externa, que permitirá a conexão de uma rede com outras e a adição de novos nós. O princípio da topologia é a quinta característica e afirma que a rede não possui um território fixo, já que ela se move de acordo com os seus nós e conexões, sejam exteriores ou não. O sexto e último princípio refere-se à mobilidade dos centros das redes hipertextuais. Segundo essa característica, a rede não possui um centro definido, já que cada nó poderá assumir uma posição central dependendo do contexto em que está inserido.

Segundo Lúcia Leão (2005), o conceito de hipertexto foi inventado pelo filósofo e sociólogo Ted Nelson. No início do anos 1960, Nelson propôs o desenvolvimento de um sistema de compartilhamento de ideias entre as pessoas, denominado *Xanadu*, semelhante a ideia de “biblioteca universal”, na qual todos os livros existentes estariam disponíveis. Nessa época, as principais ideias do futuro hipertexto já haviam sido apresentadas por Vannevar Bush, em um artigo intitulado *As we may think*, no qual Bush afirma que a mente humana trabalha segundo associações.

O hipertexto é, então, um texto não seqüencial com enlaces que são controlados pelo leitor. É um texto interativo, multilinear, que não tem uma seqüência fixa, já que essa varia de acordo com as diferentes leituras. Segundo George Landow e Lúcia Leão, citados por Luciana Mielniczuk (In NOCI e PALACIOS, 2008, p. 163), existem duas diferentes estruturas de hipertexto:

(...) uma menos complexa, denominada de arborescente, semelhante às árvores que possuem um eixo central; a outra, com uma maior grau de complexidade, está organizada em rede. O primeiro tipo de estrutura estaria atrelado à idéia de um livro digital, enquanto a segunda remete á idéia de redes interconectadas.

No modelo arborescente há um texto central que seria metaforicamente um caule e os anexos estão subordinados a esse caule e o compõem como os galhos de uma árvore. Já no modelo de rede há uma relação complexa entre as lexias em que não há uma hierarquia na organização das informações, é uma estrutura rizomática²⁷.

²⁷ Diferente dos sistemas hierárquicos, que podem ser metaforicamente comparados às árvores, que possuem um tronco central e ramos sustentados por ele, a rede é sustentada por vários pontos e nós que se entrelaçam e acabam por gerar novas redes. O conceito de rizoma pertence a Deleuze e Guattari (1995).

Outro autor que utiliza o conceito de rede é Lúcia Santaella (1996). Santaella trabalha o conceito de uma forma diferente dos outros autores apresentados, já que ela define a relação da rede com as mídias. A autora define rede de duas formas: primeiro como uma rede existente entre as mídias e em um segundo momento como uma rede que existe dentro das mídias. Quando a autora trata da rede entre as mídias, ela defende que as mídias coexistem nas sociedades modernas ainda que tenham características específicas e singulares. De acordo com Santaella, uma mesma informação passa de mídia para mídia, com algumas variações na aparência, por exemplo, a duração de uma informação em uma revista semanal não é a mesma que em um jornal impresso diário ou ainda que em um jornal televisivo. Essa mobilidade e capacidade de trânsito da informação de uma mídia para a outra é um dos aspectos fundamentais que constrói a rede entre elas. Outro aspecto que também justifica a ligação entre as mídias é a proliferação das próprias mídias. Apesar de coexistirem, as mídias (TV, jornais, revistas, etc) competem entre si, e essa competição é essencialmente econômica, já que elas sempre buscam os primeiros lugares em audiência e vendagem. No entanto, essa proliferação também estabelece uma intercomplementariedade das redes, considerando que as diferentes naturezas e funções das mídias fazem com que os receptores busquem informações em todas.

A audição de uma notícia no boletim radiofônico, por exemplo, na maior parte das vezes, desperta a curiosidade do ouvinte, levando-o a buscar o noticiário da TV em busca de maiores detalhes e, principalmente, das imagens vivas da notícia para a qual foi despertado. Assim também, o noticiário noturno da TV, muitas vezes, leva o espectador a buscar o jornal impresso do dia seguinte na expectativa de encontrar nele esclarecimentos e maior detalhamento analítico e interpretativo (SANTAELLA, 1996, p.38).

Santaella fala, ainda, sobre uma condensação entre as mídias, já que existe um intercâmbio entre elas. Esse intercâmbio constitui “verdadeiras famílias de mídias” (SANTAELLA, 1996, p.39). A condensação se deve ao fato de que uma mensagem nunca é suficiente em uma única mídia, uma vez que as mídias as disponibilizam de formas opostas e ainda assim convivem entre si. As diferentes funcionalidades das mídias estabelecem uma inter-relação entre elas. Se o rádio tem o intuito de mostrar ao ouvinte apenas a ocorrência de um fato, a TV já mostra imagens ao vivo desse fato e o impresso, por sua vez, aprofunda-se nos detalhes do fato.

Há, ainda, segundo Santaella, a existência de uma rede dentro das mídias. A mesma diversidade de funções que existe entre as mídias também ocorre dentro de cada mídia. No jornal impresso, por exemplo, há uma multiplicidade de matérias, desde notícias até reportagens, que se enquadram em várias editoriais. A televisão é também um exemplo de mídia que abarca dentro de si várias mídias, como o cinema, concertos musicais, espetáculos teatrais, entre outros.

Assim, “as mídias tendem a se engendrar como redes que se interligam, e, nessas redes, cada mídia particular tem uma função que lhe é específica” (SANTAELLA, 1996, p.39). Por isso, o surgimento de uma nova mídia tende a apenas redimensionar a função das demais. Uma nova mídia gera atritos, mas, com o tempo, as mídias pré-existentes redefinem suas funções e prioridades, considerando essa nova existência. Da mesma forma, uma nova mídia acarreta em reformulações e criação de novos conceitos, que lhes são específicos.

5.2.2 Nova mídia, novos conceitos

O surgimento de uma nova mídia traz consigo novas terminologias e novos conceitos que devem ser aqui explicitados. Considera-se que uma nova mídia estabelece uma nova forma de cultura, denominada cibercultura, ou seja, a manifestação da vitalidade social contemporânea. De acordo com André Lemos (2008), ela não é a negação da oralidade ou da escrita, mas sim o prolongamento dessas. A partir da socialidade contemporânea, a cibercultura se constitui ainda como uma cibernsocialidade. Assim, por meio da inclusão da tecnologia na prática diária, a cibercultura adquire contornos mais nítidos gerando cada vez mais novas expressões como cibermoda, ciberarte, ciberespaço, entre outras.

Portanto, junto dessa nova cultura, floresce também uma nova linguagem, e o seu desenvolvimento é representado pelo ciberespaço. Segundo André Lemos, o ciberespaço é um sonho enciclopédico capaz de armazenar todo o conhecimento da humanidade e disponibilizar esse conteúdo a grande parte dela.

Pierre Lévy (1999) também define os termos ciberespaço e cibercultura. O ciberespaço, que Lévy usa como denominação para rede, surge a partir da conexão mundial de computadores, que engloba a infinidade de informações disponibilizadas e os agentes que a disponibilizam. Já cibercultura, para o autor, refere-se ao conjunto de técnicas, práticas, valores e atitudes que emergem dessa rede chamada ciberespaço. É importante lembrar que, diferente de Lemos, Lévy aplica seus conceitos à sociedade mediada por computadores conectados em rede, considerando que todos têm acesso à rede e às inovações tecnológi-

cas. É justamente por causa dessa característica que alguns estudiosos criticam a teoria de Lévy²⁸.

O ciberespaço, e consequentemente a cibercultura, possuem importantes características, como a interatividade, a interface, a rede de informações, dentre outros. De acordo com Eduardo Cardoso Braga, citado por André Lemos (2008), a interatividade está na própria natureza do computador, ou seja, o computador é por si só uma máquina interativa, já que estabelece um diálogo com o homem. Segundo Walter Benjamin, também citado por André Lemos (2008), a antiga separação entre usuário e máquina e autor e criador, foi superada pelo desenvolvimento tecnológico que gerou um crescente uso das máquinas. Pode-se dizer, então, que a interatividade acontece por meio de processos comunicacionais codificados em signos de várias naturezas.

E é no processo de codificação e decodificação das informações que está o conceito de interface. O conceito de interface foi criado por Doug Engelbart, o mesmo inventor do *mouse*, do processador de texto e dos menus de navegação. É a interface que organiza os signos que possibilitam a interatividade. A interface orienta a rede de informações e é o terreno simbólico em que a interatividade acontece. É importante lembrar, ainda, que o *design* da rede de informações facilita a navegação de um usuário nessa interface, à medida que a presença de uma sinalização de ambientes hipermediáticos permite melhor visualização. Para se localizar no ciberespaço, os usuários precisam de sinais que os indiquem onde estão, como chegar a algum destino, se estão realmente no caminho desejado, etc. Ao transmitir essas orientações aos usuários, é gerado um mapeamento cognitivo que acaba por tornar a navegação mais produtiva.

Outro conceito importante gerado por essa nova mídia, e já comentado, é o de hipertexto. Definiu-se esse conceito extrapolando-se o âmbito das redes informatizadas, conforme definido por Pierre Lévy (1998), que utiliza a metáfora do hipertexto para caracterizar a sociedade em rede. O hipertexto é construído por *lexias* e *links*. As *lexias* são unidades de informação compostas por vários dados (textos, imagens, sons, etc.) que estão obrigatoriamente ligadas a outras *lexias*. Este conceito foi utilizado anteriormente por Barthes, para definir blocos de textos significativos, conforme explicou Lúcia Leão (2005). Já o *link* é o responsável pelas conexões entre as *lexias* e é ele que dá sentido ao ciberespaço. O *link* pode transferir o usuário da rede de um tópico para outro, fornecer informações complementares, dentre outras funções. O *link* constrói sentido

²⁸ Vera França (2002, p. 10), por exemplo, diz que: “O pensamento de Lévy produz uma quase autonomização da materialidade significativa. E é essa concepção que sustenta seu olhar um tanto otimista de um coletivo cosmopolita, democrático, expansivo, aberto – como uma grande onda, dotada de impulsão própria, que vem atravessando e engolfando o mundo”.

entre os signos que estão dispersos na rede à espera de uma organização que acontece por meio de uma navegação.

É fácil perceber, então, que, no hipertexto, o receptor da mensagem torna-se também o emissor, já que ele pode intervir no processo de produção de informação, segundo o princípio de interatividade e fazer o seu próprio roteiro de navegação, escolhendo os links para acessar cada lexia. De acordo com Pierre Lévy (1999, p. 57):

O navegador participa, portanto, da redação do texto que lê. Tudo se dá como se o autor de um hipertexto constituísse uma matriz de textos potenciais, o papel dos navegantes sendo o de realizar alguns desses textos colocando em jogo, cada qual à sua maneira, a combinatória entre os nós

Lúcia Leão (2005) define três formas possíveis de leituras que podem ser feitas em um hipertexto. A primeira é a tradicional leitura linear, quando o leitor lê todo o texto, seguindo a ordem em que os parágrafos estão dispostos. O segundo tipo de leitura acontece quando se busca uma informação específica dentro de um texto. Nesse caso, é comum dar-se uma olhada rápida sobre o texto em busca de dados específicos. O terceiro tipo de leitura que Leão define é aquela que não possui um plano determinado: a ordem de leitura será determinada de acordo com os links que o leitor escolherá para continuar a sua navegação. Nesses dois últimos casos, o leitor está navegando pela rede.

Em meio a esse ciberespaço e as navegações nele realizadas, Lévy define dois tipos de navegações possíveis de serem feitas no hipertexto: a caçada e a pilhagem. O primeiro tipo de navegação é realizado quando o usuário da rede busca por uma informação específica. A segunda, denominada pilhagem, acontece quando o usuário navega sem se prender a uma informação específica, acessando os links aleatoriamente, criando o seu próprio caminho. Nesse caso, o usuário torna-se ativo. Na perspectiva dessa última navegação, é importante explicitar ainda o conceito de arquitetura da informação.

Segundo Lúcia Leão (2005, p. 46): “O leitor ativo que a hipermídia²⁹ requisita é também o arquiteto de um labirinto. O viajante, ao percorrer o sistema,

²⁹ Existe uma distinção entre os termos hipermídia e multimídia. Desde o fim da década de 1980 houve a popularização da palavra multimídia. De acordo com Polyanna Ferrari (2004), multimídia diz respeito à tecnologia que abarca som, imagem e movimento. Essa tecnologia ficou mais conhecida com o surgimento dos CD-ROMs, ou seja, discos ópticos que tem capacidade de reunir um grande número de dados. Com a descoberta das redes hipertextuais, surge também a hipermídia, que segundo Polyanna Ferrari (2004, p. 43), “foi beber nas ciências cognitivas e na multimídia, proporcionando ao leitor a possibilidade de ler um aplicativo na ordem que desejar, já que engloba hipertextos e recursos multimídia”.

faz existir um espaço que se desdobra. No momento em que este atualiza escolhas, o desenho de um labirinto é criado”. Para organizar esse labirinto, é necessário que os blocos de texto e os nós que os conectam estejam dispostos de forma clara, tornando a navegação uma tarefa o mais lógica possível.

No caso da World Wide Web, há a necessidade de uma arquitetura da informação específica para a navegação hipertextual, que se dará por meio de mapas de site, links nas páginas, bancos de dados, sistemas de busca, dentre outros. Essa organização da informação facilita também o acesso à informação noticiosa disponível na Internet. Por ser grande a quantidade de informação noticiosa na web, se não houver uma organização, o internauta pode acabar por se perder em meio a ela.

5.3 O jornalismo na Internet

O conceito de rede é bem definido por Vera França (2002) como modelo empírico para explicar o funcionamento das relações sociais atuais. Conforme já foi comentado aqui, o modelo de rede também pode ser associado à comunicação, considerando que essa é a principal forma de relação social. Autores como Lúcia Leão (2005) e Lúcia Santaella (1996), dentre outros, utilizaram a metáfora de rede para definir a comunicação. Nesse caso, a rede é denominada hipertexto e terá características peculiares, que foram estabelecidas por Lévy (1998). O autor vai ainda mais adiante e aplica o conceito de hipertexto como definição do percurso da informação na Internet.

A Internet é, segundo Dizard (1998), uma das mais importantes redes, que se expande cada dia mais tanto em termos de audiência como no leque de serviços de informação que ela oferece. Além disso, é a Internet o espaço de comunicação mais propício para abranger todas as manifestações culturais existentes atualmente. André Lemos (2008, p. 12) faz essa interpretação da rede:

A internet é um espaço de comunicação surrealista, do qual “nada é excluído”, nem o bem, nem o mal, nem suas múltiplas definições, nem a discussão que tende a separá-los sem jamais conseguir. A internet encarna a presença da humanidade a ela própria, já que todas as culturas, todas as disciplinas, todas as paixões aí se entrelaçam.

Assim, a Internet, como sistema de comunicação democrático, faz uma espécie de revolução nos meios tradicionais de comunicação. Castells (1999, p. 397) afirma que:

A inclusão da maioria das expressões culturais no sistema de comunicação integrado baseado na produção, distribuição e intercâmbio de sinais eletrônicos digitalizados tem consequências importantes para as formas e processos sociais. Por um lado, enfraquece de maneira considerável o poder simbólico dos emissores tradicionais fora do sistema (...)

O jornalismo impresso, como meio de comunicação tradicional, bem como os outros meios de comunicação (rádio e televisão) ficam balançados diante dessa nova realidade. Surge, assim, uma nova forma de fazer jornalismo que utiliza como ferramenta principal a Internet.

5.3.1 Nomenclaturas

Embora o uso da Internet para fins jornalísticos já ocorra há quase uma década, ainda não há um consenso sobre a melhor terminologia a ser usada quando é preciso se referir ao jornalismo praticado na Internet, para a Internet ou, ainda, com a ajuda dessa ferramenta. Apesar de parecer ter o mesmo significado, jornalismo eletrônico, jornalismo digital, ciberjornalismo, jornalismo online e webjornalismo têm características específicas que os diferenciam. No Brasil, segundo Luciana Mielniczuk (2003), os termos mais usados são jornalismo online ou jornalismo digital, contudo, em todo o mundo, são estabelecidas diferentes definições para essas cinco nomenclaturas.

De acordo com Helder Bastos, citado por Luciana Mielniczuk, o termo jornalismo eletrônico é aquele que utiliza equipamentos e recursos eletrônicos e engloba os termos jornalismo online e jornalismo digital. Ele define jornalismo online como a pesquisa realizada em redes nas quais há diversas informações que circulam em tempo real e estão disponíveis para a apuração jornalística. Já jornalismo digital, para ele, consiste na disponibilização de informações jornalísticas na rede, ou seja, o ato de desenvolver e disponibilizar produtos informativos.

Já Elias Machado, também citado por Mielniczuk, adota a denominação jornalismo digital. Para Machado, digital refere-se à particularidade do novo suporte midiático, e online é, para ele, um termo mais restrito do que digital, já que é uma única característica do meio, que não abarca a nova realidade midiática. Sendo assim, ele prefere usar o termo jornalismo digital.

De acordo com Polyanna Ferrari (2004, p. 40), o jornalismo online é aquele produzido por “Profissionais que trabalham com a transposição das mídias, ou seja, traduzem as notícias da linguagem impressa para Web, em sites

de jornais e revistas (...). E o jornalismo digital envolve todos os noticiários, produtos e sites que nasceram diretamente da web.

Luciana Mielniczuk (2003, p. 41) conclui que o jornalismo eletrônico é o mais abrangente de todos os termos. Para ela, já que a aparelhagem tecnológica usada no jornalismo é eletrônica, pode-se explicar: “Assim, ao utilizar aparelhagem eletrônica, seja para captura de informações, seja para a disseminação das mesmas, estar-se-ia exercendo o jornalismo eletrônico”. Dentro dessa realidade eletrônica há uma tecnologia digitalizada que cresce cada dia mais tanto na captura, no processamento quanto na distribuição da informação, por meio de ferramentas como câmeras fotográficas digitais, gravadores de som, disquetes, CD’s e DVD’s, entre outros. A autora acredita ainda que o termo jornalismo online está associado a ideia de conexão em tempo real, em que há um fluxo de informações permanente e quase sempre instantâneo.

Outro termo que surge quando associamos jornalismo e Internet é o ciberjornalismo, considerado como um espaço imaginário onde se encontram todos os elementos que remetem ao mundo da informática e da eletrônica. André Lemos, por exemplo, citado por Luciana Mielniczuk, acredita que o ciberespaço pode ser entendido como um ambiente virtual ou, ainda, como um conjunto de redes de computadores interligadas ou não em todo o planeta. Já Polyanna Ferrari (2004) defende que toda produção que abarca a criação de textos para produtos do meio digital é ciberjornalismo, alguns exemplos são a criação de um blog, participação em chats e fóruns na web, entre outros.

Já o webjornalismo, segundo Luciana Mielniczuk, diz respeito à utilização de uma parte específica da Internet: a web. De acordo com João Messias Canavilhas, citado por Mielniczuk, a nomenclatura webjornalismo está relacionada ao suporte técnico, assim como o jornalismo na TV é telejornalismo, o jornalismo no rádio é radiojornalismo, o na web é webjornalismo.

Por fim, Luciana Mielniczuk conclui que essas terminologias não são excludentes e que as práticas e os produtos jornalísticos perpassam e se enquadram em todas as esferas: jornalismo eletrônico, jornalismo digital, ciberjornalismo, jornalismo online e webjornalismo. Para ela o jornalismo eletrônico é o que simplesmente usa equipamentos e recursos eletrônicos. O jornalismo digital é o que emprega a tecnologia digital, ou seja, é todo procedimento jornalístico que implica no tratamento de dados em forma de *bits*³⁰. O ciberjornalismo é o que envolve tecnologias que utilizam o ciberespaço. Jornalismo online é o que utiliza tecnologias de transmissão de dados em tempo real e em

³⁰ Simplificação para *Binary Digit*, em inglês. Consiste na menor unidade de informação que pode ser armazenada e transmitida, e assume apenas dois valores, no caso da informática, 0 e 1. O *bit* tem como base a matemática binária. Assim, todas as mensagens e ações que executamos em computadores, são codificadas em 0 e 1.

rede. E o webjornalismo é aquele que utiliza apenas a web, parte específica da Internet. Portanto, nesse trabalho usar-se-á a nomenclatura definida por Luciana Mielniczuk, e quando for falado em jornalismo feito para Internet, estará falando-se em webjornalismo.

Pode-se dividir, dentro dessa perspectiva, o jornalismo feito na web em três momentos, assim como fez Luciana Mielniczuk (2003), adotando as idéias de Pavlik, Silva Jr. e Palacios. O primeiro momento refere-se ao webjornalismo de primeira geração. Nesse período, os textos jornalísticos disponibilizados na web tratavam-se de transposições de textos produzidos para impressos. A atualização desse material era feita a cada 24 horas, pautada pelo fechamento das edições dos impressos. Assim, não havia aproveitamento dos recursos oferecidos pela Internet e não havia uma produção jornalística específica para o espaço da web. Mielniczuk (2003, p. 49) diz que: “A disponibilização de informações jornalísticas na web fica, então, restrita à possibilidade de ocupar um espaço, sem explorá-lo enquanto um suporte que apresenta características específicas”.

O segundo momento é o webjornalismo de segunda geração. Nesse momento, o jornalismo feito na Internet ainda não se livrou da dependência dos impressos, no entanto, já é possível perceber certo aproveitamento de alguns recursos da rede, como links e e-mail. Pode-se dizer que esse é um momento de transição para o webjornalismo de terceira geração, que é o mais visível atualmente.

O webjornalismo de terceira geração é aquele feito exclusivamente para a Internet. Não se trata de uma versão para a web de um jornal impresso, mas sim de um jornal próprio da web, com características bem peculiares. A partir de então, são explorados as características disponibilizadas pela rede, tais como a convergência de mídias, a utilização do hipertexto, a atualização das notícias em tempo real, a interatividade entre o jornalista e os leitores, dentre outros. É importante lembrar que o webjornalismo de terceira geração, como o tipo de webjornalismo encontrado hoje nos principais portais, sobretudo nos que serão analisados nesse estudo, possui características específicas, que serão analisadas a seguir.

5.3.2 A notícia jornalística na web

Bem diferente dos jornais impressos, na web, a produção noticiosa vai muito além de textos, fotos e infografias. O conteúdo online também é composto por vídeos, áudios e até mesmo ilustrações animadas. Além disso, outra diferença em relação aos impressos é o fato de os textos produzidos para a web não serem definitivos, como aqueles publicados nos impressos, considerando que

o internauta pode comentar as notícias e agregar assim maiores informações e até mesmo pontos de vista sobre um fato. É importante lembrar ainda que o conteúdo produzido para a web não se concentra na área de notícias dos portais, já que está espalhado por toda Internet. Dentro desse contexto, Marcos Palacios (2002) define seis características passíveis de serem exploradas pelo webjornalismo.

A primeira característica engloba a multimídia e a convergência. No webjornalismo, é possível disponibilizar, em uma mesma notícia, diferentes mídias, como áudio e vídeo. Dessa forma, o conteúdo terá a possibilidade de ser disponibilizado em quaisquer mídias. Diante disso, os jornalistas devem se preparar para uma produção jornalística bem diferente de tudo que já foi praticado por eles. De acordo com Polyanna Ferrari (2004), é provável que os jornalistas comecem a produzir notícias para diversas plataformas, como a Internet móvel (celulares), a Internet via cabo, a televisão interativa e os meios que ainda estão por surgir. Sendo assim, é importante que os veículos totalmente digitais tenham todos os departamentos como os de uma redação de jornal impresso: fotografia, editorias, produção gráfica, arte, financeiro, entre outros.

A segunda característica que Palacios (2002) define refere-se à interatividade. A notícia na web tem a vantagem de atrair o leitor pelo fato de ele poder intervir nela, e essa intervenção pode ocorrer de diversas formas: por meio de comentários deixados pelo leitor ao fim da notícia, por meio da troca de e-mail entre internauta e jornalista, e mesmo por meio da navegação na rede hipertextual, que Lévy (1999) definiu como pilhagem, segundo a qual, o internauta escolhe os links que irá percorrer, intervindo no roteiro do texto e alterando a ordem das informações. Dessa característica, surge uma terceira, que é a hipertextualidade. A hipertextualidade possibilita que o jornalista agregue, em uma só notícia, várias outras, por meio dos links.

Uma quarta característica que Palacios define é a customização do conteúdo, também chamada de personalização. Alguns sites permitem que o usuário hierarquize os assuntos de sua preferência, bem como a escolha de uma diagramação que seja mais agradável.

A memória é a quinta característica estabelecida por Palacios para falar de webjornalismo. Na Internet, é possível produzir uma infinidade de informações, já que não há restrições de espaço. Essa característica pode ser ligada a última que Palacios define, que se refere à instantaneidade de atualização das notícias. Justamente pelo fato de a memória na web ser ilimitada, as atualizações podem ser feitas inúmeras vezes ao dia e ficar arquivadas na memória do site. Essa rapidez na atualização das notícias na Internet é justificada pela

facilidade de produção jornalística para a web.

Segundo Talita Eredita, editora de Internacional do portal estado.com.br, nas redações on-line não existe a produção de reportagens, mas apenas de notícias. De acordo com a editora de Internacional do portal, o conteúdo produzido pela equipe do portal é exclusivamente noticioso, tendo em vista que essa equipe é composta por ela e por um estagiário que é redator. Os repórteres, enviados especiais e correspondentes que produzem as reportagens se encontram apenas na editoria do jornal O Estado de S. Paulo. De acordo com Polyanna Ferrari, a produção noticiosa para a web se dá por meio de um “empacotamento” de notícias. Para a autora, empacotar significa:

(...) receber um material produzido, na maioria das vezes, por uma agência de notícias conveniada, e mudar o título, a abertura, transformar alguns parágrafos em outra matéria para ser usada como link correlato, adicionar foto ou vídeo, e por aí afora. (FERRARI, 2004, p. 44)

No webjornalismo, as funções do editor se confundem com a de um “empacotador”, considerando que ele precisa transformar uma matéria em um formato que seja específico da web. De acordo com Ferrari, há nesse momento de “empacotamento” o ressurgimento dos *copydesks*³¹, já que os jornalistas da Internet também têm como função trabalhar em um texto alheio e torná-lo mais claro e mais adequado para as demandas do leitor da Internet. E, embora o caminho mais prático seja o do empacotamento das notícias, há ainda sites que possuem conteúdos originais.

É importante lembrar que o trabalho dos jornalistas desse meio de comunicação não se resume a apenas “colocar” notícias na web, é preciso ainda pensar na produção das enquetes, ou seja, as pesquisas de opinião com os leitores, nos temas dos chats, nos vídeos e áudios e ainda na reunião do maior número possível de assuntos relacionados às notícias para que haja a construção de um hipertexto. Segundo Luciana Moherdau (2002, p. 104), o planejamento da notícia para a web deve seguir um roteiro. Nesse roteiro, o jornalista deve definir se o pano de fundo da reportagem pode ser um link para outras páginas da web, quais elementos multimídia (que reúnem áudio e vídeo) devem acompanhar o texto, quais elementos interativos podem ser disponibilizados para os internautas, e quais elementos visuais serão necessários, tais como mapas, infografias e ilustrações.

³¹ De acordo com Polyanna Ferrari (2004, p.4) *copydesk* é um “(...) cargo comum nos jornais de antigamente, ocupado por jornalistas com profundo conhecimento da língua portuguesa e domínio dos recursos da redação expositiva. Eles tinham a tarefa de tornar mais claro e elegante o texto do repórter antes que chegasse às mãos do editor”.

A web influenciou fortemente na forma de escrever dos jornalistas. Uma dessas influências refere-se à necessidade de conhecer o público leitor e manter o foco nos desejos e hábitos desse público para produzir um texto mais adequado, lembrando que a produção de conteúdo jornalístico para web consegue agrupar assuntos das mais variadas áreas. Os webjornalistas também precisam sempre pensar em elementos diferentes que podem compor uma matéria, já que há a possibilidade de complementá-la com recursos multimídia, recursos interativos como os hiperlinks, ou simplesmente links, entre outras ferramentas que são específicas desse meio de comunicação.

De acordo com Polyanna Ferrari, os textos da web estão em uma linha entre os textos produzidos para o impresso e para os meios eletrônicos, a TV, por exemplo. Os textos da web são mais concisos e multimidiáticos do que os dos impressos e mais detalhados do que os da TV. Eles são ainda construídos por frases concisas, simples, declarativas e verbos marcantes, é um texto mais leve, curto e distante de estilos convencionais. Uma diferença importante entre o texto para impresso e o texto para a web relaciona-se à temporalidade. A editora do jornal El País on-line, Inmaculada Moretón, citada por Moherdau (2002, p. 99) diz que: “Há que se levar em conta as diferenças entre escrever para o papel e para a Internet: extensão dos textos (a leitura é feita pela tela do computador), uso de datas (hoje, amanhã, etc), títulos informativos incompletos(...)”.

O texto da web é ainda um texto que deve dar muita força ao *lead*, já que é “essencial dizer ao leitor de forma rápida qual é a notícia e por que ele deve continuar lendo aquele texto” (FERRARI, 2004, p. 49). No entanto, o fato de ser um texto conciso e curto, não quer dizer que se trata de uma notícia incompleta ou descontextualizada. E para os leitores da web que querem se aprofundar no assunto de uma notícia, basta utilizar os recursos hipermidiáticos disponíveis nesse meio de comunicação.

Essa característica de textos curtos e diretos justifica o fato de que o caminho percorrido pela notícia da web desde o surgimento na reunião de pauta até a publicação na Internet leva apenas cerca de dez minutos, segundo Polyanna Ferrari (2004). Talvez, por esse curto tempo, há um grande número de notícias publicadas na Internet com erros de ortografia, concordância e até mesmo apuração.

Ainda em comparação com a produção noticiosa dos impressos, de acordo com Polyanna Ferrari, para produzir uma notícia para a Internet é preciso um elevado nível de conhecimento das mídias envolvidas, bem maior do que o conhecimento necessário para produzir notícias para os impressos. Citado por Polyanna Ferrari, o diretor do Diário Digital, Luís Delgado (2004, p. 46) ex-

plica que: “Um jornal virtual é a expressão máxima da realidade. Paradoxal, mas verdadeiro. Não se encerra, está sempre em movimento, é a cores, tem imagens, é global e instantâneo. É a vida real. Não tem horas fixas, matérias pré-destinadas, páginas fechadas”.

5.3.3 A notícia na web: um resgate histórico

Com o advento das tecnologias da informação, tornou-se possível fazer jornalismo na Internet, conforme já foi dito. A produção noticiosa disponibilizada na web, hoje, possui alguns antecedentes históricos que devem ser explorados. O primeiro grande jornal que disponibilizou conteúdo em rede foi o New York Times, em meados da década de 1970. O jornal passou a oferecer um serviço chamado New York Times Information Bank que disponibilizava na rede textos e artigos de suas edições para assinantes. Seguindo a mesma linha do Times, em 1980, um jornal de Ohio também começou a disponibilizar o seu conteúdo em rede.

Concomitantemente com o desenvolvimento das redes, esse tipo de serviço cresceu. O jornal News & Observer criou um Bulletin Board System, o BBS, boletins informativos que chegavam até os computadores de seus assinantes por meio de um *modem* e de uma linha telefônica. Vários outros jornais fizeram acordos com a empresa America Online para disponibilizar seu material na íntegra na rede. O primeiro jornal a tomar essa iniciativa foi o San Jose Mercury News, em 1994. A partir de então, o jornal transpunha as suas edições impressas para a web. Em 1995, o Wall Street Journal lançou o Personal Journal, que permitia ao leitor internauta que assinasse o serviço montar a edição do jornal de acordo com sua preferência, atendendo à característica do webjornalismo, definida por Palacios (2002), que possibilita ao leitor customizar o conteúdo. Ainda nesse ano, o Washington Post lançou um serviço semelhante, chamado Digital Ink. É importante ressaltar que as experiências realizadas até então estavam localizadas no período, já definido anteriormente, como webjornalismo de primeira geração. Somente em 1999, segundo Luciana Moherdau (2002), é que foi lançado o primeiro jornal feito especificamente para a Internet, o Diário Digital, em Portugal, que começou a aproveitar alguns recursos oferecidos pela rede, produzindo um webjornalismo de segunda geração.

No Brasil, o primeiro jornal a disponibilizar conteúdo na rede foi o Jornal do Brasil, em 28 de maio de 1995. A experiência do JB desencadeou o registro de vários jornais brasileiros na web, como O Estado de S. Paulo e a Folha de S. Paulo. No entanto, nenhum desses jornais já utilizava os recursos oferecidos pela web. Apenas no início dos anos 2000 é que é lançada a primeira experiência brasileira de produzir um jornal para a Internet, utilizando os recursos que

a rede oferece. O Último Segundo foi lançado pelo provedor Internet Grátis, e possuía uma equipe de repórteres especializada em webjornalismo.

A importância do webjornalismo ficou mais clara depois de 1995, quando os Estados Unidos sofreram o maior ataque terrorista até então. O bombardeio de um prédio do governo de Oklahoma City executado por Timothy McVeigh atraiu todos os olhares para a rede, em busca de informações sobre o fato. Em 1998, o colunista Matt Drudge publicou em seu site informações sobre o caso Clinton-Lewinsky³², furando a revista impressa Newsweek, o que provocou um congestionamento na rede.

No Brasil, o webjornalismo ganhou destaque apenas no início do ano 2000, apesar de em 1999 ter exercido importante papel na cobertura do conflito de Kosovo³³. Em 2001, o jornalismo online no Brasil se consolidou graças às coberturas feitas pelos sites noticiosos brasileiros do ataque terrorista às torres gêmeas, em Nova York, em 11 de setembro.

O conteúdo jornalístico ganhou mais espaço na web com o advento e o fortalecimento de sites que reúnem uma infinidade de conteúdos noticiosos e serviços em sua página principal. Esses sites ficaram conhecidos como portais. De acordo com Polyanna Ferrari (2004, p. 30), “o conteúdo jornalístico tem sido o principal chamariz dos portais. Pela possibilidade de reunir milhões de pessoas conectadas ao mesmo tempo, os sites do gênero assumiram comportamento de mídia de massa”.

5.3.4 Portal: o local da informação

Assim como Polyanna Ferrari, a autora Suzana Barbosa também levanta o fato de os portais serem os meios de massa da internet. Segundo Suzana, os portais se fortaleceram e consolidaram no Brasil principalmente pela capacidade de convergir grandes audiências, dando significativa visibilidade para o conteúdo e os serviços, atraindo a publicidade e ainda gerando o comércio eletrônico. Em 1998, o portal tornou-se “(...) o modelo escolhido por dez entre dez empresas dos mais diversos setores para a sua presença digital, até mesmo para governos e administrações estaduais e municipais” (BARBOSA In MACHADO e PALACIOS, 2003, p. 166).

Os antigos mecanismos de busca, ou seja, as páginas amarelas, que foram criadas com o objetivo de facilitar o uso da World Wide Web e ofereciam a

³² A estagiária da Casa Branca Mônica Lewinsky ficou famosa após serem divulgadas informações que confirmavam que ela mantinha um relacionamento amoroso com o então presidente norte-americano, Bill Clinton, caracterizando um dos maiores escândalos do século passado.

³³ A Guerra de Kosovo consistiu em dois conflitos ocorridos de 1996 a 1999, quando os sérvios iniciaram uma luta para expulsar os albaneses étnicos de Kosovo.

localização e classificação de informações, tais como, mapas de rua, telefones úteis e guia de serviços, são os precursores dos portais. Os portais surgiram em sua forma mais simples a partir de 1994, de acordo com Suzana Barbosa (2003), nos Estados Unidos. Em 1998, as notícias foram então acrescentadas aos portais norte-americanos. O noticiário jornalístico passou a ser disponibilizado “(...) às home pages dos portais, seja como simples links diretos para os veículos ou por parcerias de conteúdo” (FERRARI, 2004, p. 32). O Yahoo! foi o primeiro a disponibilizar o link *news*. E desde então começaram a ter como principal foco atrair o maior número de internautas.

Assim como nos Estados Unidos, no Brasil, os portais também surgem tendo como principal característica os mecanismos de busca. O primeiro brasileiro nessa categoria foi o Cadê, que surgiu na web em 1995 e logo precisou diversificar seus serviços para competir com os grandes portais que estavam se firmando, como o UOL e ZAZ, além dos norte-americanos AltaVista, Yahoo! e MSN, todos com versões em português ou prestes a lançá-las, entre 1998 e 1999.

Para ser considerado um portal, o site tem de ter algumas características específicas. De acordo com Polyanna Ferrari (2004), a principal delas é o fato de que os portais têm de atrair e manter a atenção dos usuários da Internet apresentando em sua página inicial conteúdos que dizem respeito a diversas áreas e a vários assuntos. Assim sendo, o conteúdo jornalístico tem sido a “solução” para os portais, já que é capaz de reunir um grande número de pessoas conectadas ao mesmo tempo e interessadas em assuntos das mais variadas áreas.

Devido à infinidade de conteúdos que um portal vai disponibilizar, surge-se a necessidade de um mecanismo que facilite ao internauta a busca por informações. Assim, pode-se dizer que a característica fundamental dos portais é a existência de uma ferramenta de busca. Antes dela era muito difícil encontrar informações na Internet, a não ser que o usuário tivesse endereços eletrônicos exatos. Os sites de busca, que permitem aos internautas uma verdadeira navegação em rede, conquistaram um enorme número de usuários e deram origem aos portais.

A ideia inicial por trás do portal era de ser o lugar por onde começava a ação do internauta, que, a partir dele, poderia construir os roteiros de “leitura” que desejasse ou o seu próprio hipertexto (BARBOSA In MACHADO e PALACIOS, 2003, p. 163)

Com o intuito de atrair e manter os internautas, os portais passam então a diversificar seu conteúdo, oferecendo gratuitamente assuntos variados,

como esportes, previsão do tempo, turismo, finanças, religião, serviços de calendário, saúde, e principalmente notícias. Após a disponibilização desses elementos, os portais passaram também a integrar novas funções como comunidades virtuais, listas de discussão, *chats*, possibilidade de personalização de *homepages* e sítios de busca, entre outros.

A existência das comunidades virtuais também faz parte da consolidação dos portais, já que por meio delas é possível conhecer o perfil dos que frequentam o portal e ainda as preferências de consumo desses usuários. Só assim os portais conseguem oferecer assuntos realmente direcionados ao seu público. É importante lembrar ainda, que cada portal define o perfil de comércio das comunidades que atende, podendo assim oferecer o que condiz aos reais desejos dessas. O e-mail gratuito é outra ferramenta de destaque nos portais e principalmente, um recurso que faz com que os usuários sejam fiéis aos portais, acessando-os constantemente. Um exemplo é o Hotmail, que é hoje o principal destaque do MSN. O entretenimento e o esporte são ainda as áreas que mais rendem visitação nos portais. O entretenimento disponível nos portais envolve assuntos de programa o de TV aberta e fechada, teatro, cinema, vida dos famosos, jogos on-line, notícias disponibilizadas em tempo real, entre outros.

Outra ferramenta disponível nos portais   o *chat*, que agrupa internautas e possibilita conversas simultâneas em tempo real. Em 1999, os portais começaram a oferecer também as *homepages* pessoais, em que o usuário pode confeccionar sua própria página postando fotos pessoais, currículo, entre outros. Mapas, previsão do tempo e cota es financeiras também são destaques nos portais e atraem um alto número de visitantes. A disponibiliza o de mapas   um serviço que atrai os usuários já que facilita o tráfego em ruas e cidades e as cota es financeiras transformam as *homepages* em verdadeiros pregões internacionais, com bastidores e especula es econ micas. Há ainda o mapa do site, que aparece normalmente na parte inferior das *homepages* de todos os portais e apresenta ao internauta todos os canais, serviços e se es existentes, facilitando a navega o.

5.4 A notícia internacional na web

Os principais fatos que trouxeram notoriedade para o webjornalismo tratam de assuntos que, nos sites brasileiros, poderiam ser encaixados na editoria internacional. O 11 de setembro, por exemplo,   citado por Luciana Moherdau (2002), como o fato responsável por um bombardeio de informa es em jornais digitais do mundo todo, como os espanhóis El Mundo e El Pais, o argentino El Clar n, o português Diário de Notícias e o francês Libération.

Em 1989, aconteceu na China o Massacre da Praça da Paz Celestial, também conhecido como Massacre de 4 de Junho, quando estudantes chineses se manifestaram contra a repressão e corrupção exercida pelo Partido Comunista Chinês. Os estudantes foram contidos pela força, suas reivindicações não foram atendidas e o governo chinês expulsou a imprensa estrangeira e reprimiu a cobertura dos fatos pela imprensa local. Na época, o conflito teve grande repercussão no mundo e foi um dos primeiros acontecimentos da editoria internacional a entrar na rede, por meio dos BBSs. Segundo Castells (1999, p. 378): “(...) os protestos eletrônicos contra os acontecimentos da Praça da Paz Celestial na China, em 1989 via redes de computadores operadas por estudantes chineses no exterior, foram uma das manifestações mais notórias do potencial dos novos dispositivos de comunicação”.

Segundo João Batista Natali (2007, p. 57), a Internet foi revolucionária para o jornalismo internacional. Antes da ascensão da rede, os jornalistas da editoria internacional recebiam os despachos das agências de notícias e tinham que confiar apenas nas informações contidas ali. Apesar dos correspondentes internacionais, mantidos pelas grandes empresas jornalísticas, as informações enviadas pelas agências eram o único material que os jornalistas tinham em mãos para produzir as notícias. Com o advento da Internet, os jornalistas ganharam a possibilidade de apurar informações por e-mail, em tempo real e sem limitações geográficas, e de pesquisar sobre o assunto que será noticiado em sites do mundo inteiro, consultando qualquer arquivo necessário. A possibilidade de cruzar dados, fornecendo uma informação mais precisa, foi concretizada com as ferramentas do jornalismo de precisão³⁴.

Antes da Internet, essas pesquisas e apurações eram possíveis. No entanto, o custo-benefício não compensava. No caso de apurar as informações, isso poderia ser feito por telefone, mas traria uma alta despesa para os veículos de comunicação, ao contrário da Internet, que é uma ferramenta barata e prática. A pesquisa em arquivos e o cruzamento de dados também eram viáveis, porém

³⁴ O jornalismo de precisão pode ser comparado ao jornalismo investigativo. Para apurar os fatos, o jornalista que trabalha utilizando o jornalismo de precisão não se restringirá a fazer uma análise superficial. Ele utilizará métodos de cunho científico, cruzamento de informações, análise e cálculo de estatísticas, e poderá, inclusive, fazer uma base de dados online. Segundo artigo do Observatório da Imprensa, publicado em novembro de 2006, a disseminação dessa prática jornalística possibilitaria que ferramentas da informática, como planilhas, redes digitais e bancos de dados, que constituem o conceito de RAC (reportagem assistida por computador), se popularizassem. A reportagem assistida por computador é a forma mais atual de se fazer jornalismo de precisão. Ainda segundo o mesmo artigo do Observatório da Imprensa, há apenas dois exemplos de reportagens feitas segundo a técnica do jornalismo de precisão no Brasil: a série *Lavoura Arcaica*, produzida pela repórter especial da Folha de S. Paulo Elvira Lobato, e o livro *Políticos do Brasil*, de Fernando Rodrigues.

seriam processos demorados, prejudicando a instantaneidade da informação.

Outra vantagem trazida pela Internet para o jornalismo internacional é relacionada à necessidade de manter correspondentes no exterior. Natali (2007) atenta para o fato de que a Internet não é capaz de substituir o trabalho que um correspondente faria. No entanto, os recursos disponibilizados pela web poderão amenizar a inexistência de um corpo de correspondentes internacionais ou um número pequeno deles, em um veículo de comunicação.

Além das vantagens trazidas pela Internet para os jornalistas de Internacional no sentido de produção das informações noticiosas, é possível pensar também no âmbito dos critérios de noticiabilidade, já estabelecidos no capítulo 2. Luciana Moherdauí (2002) lista os principais acontecimentos que marcaram o jornalismo online, entre 1996 e 2001, e é fácil perceber que muitos deles são da editoria internacional. Alguns exemplos citados pela autora são: o acidente com o voo da TWA, em Nova York, que matou 230 pessoas, em 17 de julho de 1996; as mortes da princesa Diana, em 31 de agosto, e de Madre Tereza de Calcutá, em 14 de setembro, ambas em 1997; a guerra de Kosovo, em 1999; a queda do avião Concorde, da Air France, em Paris, que matou 113 pessoas no ano 2000; as eleições nos Estados Unidos, também em 2000, no mês de novembro, quando o republicano George W. Bush disputava com o democrata Al Gore; dentre outros acontecimentos, além dos já citados aqui, como o fatídico 11 de setembro de 2001.

Se forem analisados cada um dos fatos acima, ficará claro que todos eles respondem aos critérios de noticiabilidade estabelecidos por Natali (2007), destrinchados no capítulo 2. O acidente com o voo da TWA, assim como as mortes da princesa Diana e de Madre Tereza de Calcutá e a queda do avião Concorde são acontecimentos da editoria internacional que correspondem ao critério de tragédia inesperada. As mortes de princesa Diana e Madre Tereza de Calcutá também podem ser classificadas dentro do critério estabelecido por Wolf (1985), segundo o qual para se definir a importância de uma notícia deve-se observar o nível hierárquico dos indivíduos envolvidos.

A guerra de Kosovo foi, segundo Moherdauí (2002), a “Guerra da Internet” e a primeira grande cobertura produzida para a web. Inclusive, pode-se destacar a cobertura online brasileira do conflito, já que o webjornal Universo Online trouxe relatos de pessoas que estavam próximas às áreas de conflito. O conflito de Kosovo pode ser classificado dentro do critério de Natali de guerras e conflitos. Pode-se também colocar o fato como correspondendo ao critério de excesso, definido por Duarte Rodrigues (1999). A guerra é um acontecimento que rompe a normalidade do funcionamento do mundo e deixa marcas permanentes.

As eleições nos Estados Unidos, em 2000, que também foi destaque no noticiário internacional, pode ser analisado segundo o critério de Natali que define como notícia internacional as eleições em países vizinhos do Brasil. Esse acontecimento também se encaixa nos critérios de Wolf de proximidade geográfica e, considerando que os Estados Unidos é uma potência mundial, as eleições do país vão influenciar futuramente em suas relações com o resto do mundo, definindo a importância desse fato como contribuinte para o desenvolvimento posterior de uma situação, outro critério de Wolf.

Considerando as análises acima, pode-se afirmar que os critérios de noticiabilidade também são aplicados ao webjornalismo. Assim como os jornalistas de internacional das mídias tradicionais, os jornalistas que produzem para a editoria na Internet também terão critérios que definirão o que deve ser escolhido como notícia, principalmente devido à infinidade de e-mails que chegam diariamente com informações das agências internacionais. A questão que pode ser colocada aqui está relacionada às características da web e de que forma elas podem contribuir para que os critérios de noticiabilidade da editoria internacional sejam mais bem atendidos. Essa questão será analisada no próximo capítulo, por meio do objeto empírico escolhido e do marco teórico estudado.

6 Contribuições da Internet para a Editoria Internacional

6.1 Jornalismo Internacional na Folha de S. Paulo e no portal Folha Online

6.2 Folha e Folha Online

A Folha de S. Paulo, também conhecida como Folha, é um jornal impresso brasileiro, editado na capital paulista, que foi fundado em 19 de fevereiro de 1921, com o nome original de Folha da Noite, por um grupo de jornalistas liderado por Olival Costa e Pedro Cunha. O objetivo inicial do vespertino era atrair leitores das classes operária e média urbana, de acordo com o Manual de Redação da Folha de S. Paulo (2007). Em julho de 1925, foi lançado o matutino Folha da Manhã que deu força ao empreendimento jornalístico.

O ano de 1930 também foi marcante na história da Folha de S. Paulo, que por apoiar a eleição de Júlio Prestes à presidência da República³⁵, foi

³⁵ Júlio Prestes foi o último presidente do Brasil na República Velha, que não assumiu o cargo de presidente da república, impedido que pela Revolução de 1930. Essa revolução foi um movimento armado, liderado pelos estados de Minas Gerais, Paraíba e Rio Grande do Sul, que culminou com o Golpe de 1930, golpe de estado que depôs o presidente da república Washing-

depredada e fechada em outubro desse ano. Foi só em 1931 que o jornal mudou de dono e voltou a funcionar.

Em 1945, o controle acionário da empresa passou a ser do jornalista José Nabantino Ramos, e a partir de então, em 1949, ele fundou a Folha da Tarde. Foi em 1960 que Nabantino Ramos fundiu os três títulos Folha da Manhã, Folha da Tarde e Folha da Noite em um, e deu origem a Folha de S. Paulo.

Em 1962, a empresa passou por dificuldades econômicas e foi transferida para as mãos dos empresários Carlos Caldeira Filho e Octavio Frias de Oliveira, que em 1991 se tornaria único dono da empresa. Em 1967, de acordo com dados do portal Folha Online, a Folha de S. Paulo foi o jornal pioneiro na impressão *offset* em cores, que foi usada pela primeira vez em larga tiragem no Brasil.

O período da ditadura militar foi significativo para a imprensa brasileira, que sofreu censura de todas as formas. Em um primeiro momento, a Folha de S. Paulo apoiou a ditadura militar, ao contrário de seu principal concorrente O Estado de S. Paulo. Mas o apoio ao golpe militar de 64 não durou muito. A ascensão de uma redação renovada, com a presença de nomes como Cláudio Abramo, Jânio de Freitas, Bóris Casoy e Clóvis Rossi influenciou a linha editorial do jornal e já no século passado o jornal se voltou para as reportagens que apoiavam o movimento das Diretas-Já.

Outra data importante foi 1983, de acordo com dados do portal Folha Online, quando a Folha se tornou a primeira redação informatizada da América do Sul, com a instalação de computadores. 1986 foi também um marco na história do jornal impresso brasileiro, já que ele se tornou o diário de maior circulação no país. Na década de 90, o jornal em uma atitude novamente pioneira e revolucionária, contratou um *ombudsman*³⁶.

Em 1992, de acordo com dados do portal Folha Online, o empresário Octavio Frias de Oliveira passou a deter a totalidade do controle acionário da companhia e a Folha se consolidou como o jornal de maior circulação paga aos domingos, com uma média de 522.215 exemplares. Ainda que em meados da década de 1990, a Folha passou a liderar as vendas em São Paulo.

Hoje, a diretoria corporativa do Grupo Folha³⁷ é composta por: Luís Frias

ton Luís e impediu a posse do presidente eleito Júlio Prestes, pondo fim à República Velha.

³⁶ De acordo com o Manual de Redação da Folha de S. Paulo, *ombudsman* é o representante dos interesses do leitor na estrutura do jornal. Cabe ao *ombudsman* atender os leitores do jornal e encaminhar as reclamações e sugestões desses à redação. O *ombudsman* produz uma crítica interna que circula na redação do jornal e nos demais setores da empresa, na Folha de S. Paulo é facultado a todos os jornalistas da empresa responder às observações feitas pelo *ombudsman*.

³⁷ Não será discutido, com detalhes, o histórico e as características de todos os veículos do Grupo Folha, apenas do jornal impresso Folha de S. Paulo e do portal Folha Online. Cabe

(presidente), Otavio Frias Filho (diretor editorial), Antonio Manuel Teixeira Mendes e Judith Brito (superintendentes) e Eleonora de Lucena (editora-executiva). A Folha de S. Paulo ainda é o jornal brasileiro de maior tiragem e circulação e tem hoje além das editorias fixas, vários suplementos³⁸. Perfil mais atual dos leitores da Folha de S. Paulo é um leitor bem informado, sendo que 68% têm curso superior; 90% pertencem às classes A e B, 92% assistem a telejornais, 69% lêem revistas e 57% buscam notícias na Internet, segundo dados de pesquisa da DataFolha. A maioria dos leitores tem entre 23 e 49 anos. A pesquisa identificou ainda que 63% dos leitores estão no mercado de trabalho ou à procura de emprego (caso de 4%). Os 37% restantes são aposentados (17%), estudantes (10%) e donas-de-casa (8%), entre outros.

Voltando um pouco na história, em 1996, o Grupo Folha lançou o Universo Online, o UOL, primeiro serviço online de grande porte do Brasil. Segundo dados do portal Folha Online, no início, a equipe do Universo Online, tinha cerca de 20 pessoas. Ainda de acordo com o portal Folha Online, o primeiro veículo virtual da Folha foi a Folha Web, um site simples, que era produzido por um terminal na Redação da Agência Folha³⁹ e ocupava um espaço pago em um provedor da Embratel, por onde passaram também os primeiros sites do Jornal do Brasil e do O Estado de S. Paulo.

Foi então em 2000 que o Grupo Folha criou a Folha Online, que está situado no provedor UOL. Segundo informações do portal Folha Online, o Folha Online foi o primeiro jornal em tempo real em língua portuguesa. É importante destacar que o portal tem uma equipe de reportagem própria, que cria, produz e desenvolve conteúdo jornalístico on-line.

Os primeiros links fixos⁴⁰ disponíveis na Folha Online são: Notícias, Es-

apenas dizer que o Grupo Folha é constituído por várias unidades de negócios e atua na área do jornalismo, publicidade, entretenimento, serviços gráficos e distribuição.

³⁸ Dentre as editorias fixas da Folha de S. Paulo estão: Folha Brasil, Folha Ciência, Folha Cotidiano, Folha Dinheiro, Folha Esporte, FolhaCorrida, Folha Ilustrada, Folha Mundo, Opinião e Folha Saúde. E os suplementos da Folha são: Agrofolha, Classificados Folha Empregos, Classificados Folha Imóveis, Classificados Folha Negócios, Classificados Folha Veículos, Folha Educação, Folha Equilíbrio, Folha Construção, Folhainvest, Folhinha, FolhaTeen, Fovest, Guia da Folha, Folha Informática, Revista da Folha, Folha Turismo, +mais!, Moda (caderno trimestral) e Vitrine.

³⁹ A FolhaPress é a agência de notícias do Grupo Folha, que comercializa e distribui diariamente fotos, textos, colunas, ilustrações e infográficos a partir do conteúdo editorial do jornal Folha de S. Paulo, do jornal Agora São Paulo e de parceiros em todos os Estados do país. A Folhapress disponibiliza conteúdo a jornais e revistas de todo Brasil. O gerente geral da Folhapress é Raiumundo Cunha e todo acervo da agência está disponível no site www.folhapress.com.br.

⁴⁰ O link Notícias é a página principal do portal, que é atualizada durante todo o dia. No link Especial há um retrospecto das principais coberturas do portal de 2000 a 2009. O link Serviços oferece os sublinks: A cidade é sua, o link Atendimento ao assinante, o link Busca, o

pecial, Serviço, Galeria, Erramos, Colunas, Fale Conosco, Atendimento ao assinante, Grupo Folha e Assine Folha. Depois desses links gerais, o portal Folha Online disponibiliza os links jornalísticos e os que dizem respeito as editorias, são eles: Em cima da hora, Ambiente, Bichos, Brasil, Ciência e Saúde, Comida, Cotidiano, Dinheiro, Educação, Equilíbrio, Esporte, Ilustrada, Informática, Mundo e Turismo. Em todas as editorias, há notícias que podem trazer vídeo, áudio ou apresentações animadas. Em geral as páginas desses links seguem um padrão, ou seja, praticamente todas apresentam o mesmo *layout* e os mesmos links. E oferece ainda a Folha Digital, que consiste em uma versão digital do jornal impresso, que é restrita a assinantes.

6.2.1 A editoria Mundo

A editoria internacional da Folha de S. Paulo é denominada Mundo e surgiu no mesmo ano da criação do jornal, em 1921. É importante ressaltar que no livro *Folha de S. Paulo Primeira Página: Uma Viagem Pela História do Brasil e do Mundo nas 223 Mais Importantes Capas da Folha Desde 1921* (2006), 40% dessas principais capas contém notícias internacionais. Vale destacar aqui algumas capas importantes. A primeira delas é a capa da primeira publicação da Folha da Noite, em 19 de fevereiro de 1921, que trouxe a notícia “Declarações de Lloyd George sobre as dividas allemans”, produzida em Londres e enviada ao jornal por meio de agências noticiosas. Outra capa de destaque foi a da Folha da Manhã, de 30 de outubro de 1929, que apresenta como primeira chamada “A situação creada pelas especulações da Bolsa de Nova York”, que vem seguida de cinco notícias sobre o *crash*, que foram produzidas em Nova York e duas notícias sobre o assunto que foram produzidas em Berlim. A terceira capa de destaque foi a da Folha de S. Paulo, de 23 de novembro de 1963, que teve como principal manchete “John Kennedy assassinado”, que foi produzida em Dallas e também enviada por meio das agências de notícias.

A estrutura interna da editoria Mundo da Folha de S. Paulo é formada pelo editor Rodrigo Röttsch e seis repórteres, que trabalham na sede em São Paulo.

link Classificados, o link Comunicar Erros, o link Envie sua notícia, o link Folha Online Móvel, o link Folhanews, o link Folhashop, o link Folhainvest, o link Fovest, o link Guia da Folha, o link Horóscopo, o link Indicadores, o link Loterias, o link Manchetes, o link *Ombudsman*, o link RSS e o link Tempo. O link Galeria apresenta as imagens do dia e tem um acervo de imagens da semana e um álbum com imagens desde 2000. No link Erramos a Folha Online apresenta seus erros ao internauta, em Colunas há a apresentação de todos os colunistas da Folha de S. Paulo que também estão disponíveis no portal, no link Fale Conosco há espaço para contato, no link Grupo Folha há sublinks como o Banco de dados, o ClubeFolha, o DataFolha, o FolhaPress, o da Publicidade, o da PubliFolha, o Trabalhe na Folha e o Treinamento.

Rodrigo Röttsch, em entrevista⁴¹, afirmou que o jornal possui correspondentes seniores em Washington, Pequim, Jerusalém e Caracas e correspondentes bolsistas, ou seja, profissionais que vão ocupar o posto por um período de nove meses como forma de aprendizado, em Buenos Aires, Nova York e Genebra. Atualmente a Folha ainda mantém um segundo correspondente em Nova York dedicado a assuntos econômicos que ficará na cidade por tempo indeterminado. Segundo o editor de Mundo da Folha, os correspondentes estão alocados em países estratégicos, onde há notícias que são consideradas de maior interesse dos leitores do jornal.

Vale ainda destacar o processo de produção das notícias da editoria do jornal. Antes de explicar a reunião de pauta específica da editoria Mundo da Folha de S. Paulo vale lembrar que o jornal tem três reuniões gerais por dia. A primeira é às 9 horas, quando os chefes de reportagem se reúnem com os secretários de redação e discutem as perspectivas de reportagem para o dia, a segunda é às 12 horas, quando os editores dos cadernos, junto dos secretários de redação e da editora-executiva do jornal discutem a edição do dia anterior e as prioridades de cada editoria no dia, e a terceira é às 17 horas, com a participação dos mesmos presentes da segunda reunião e com o editor da primeira página, quando são apresentados os detalhes finais do dia de cada editoria e é resolvido o que merece ser capa do jornal. Assim como explicou Rodrigo Röttsch, além dessas reuniões gerais, a editoria Mundo tem uma reunião interna, às 14 horas, quando ele distribui as reportagens do dia então definidas entre os repórteres e define com eles o que é mais ou menos importante.

As matérias internacionais são então produzidas por meio dos despachos das agências de notícias. De acordo com o editor de Mundo da Folha, o ideal é ler todos os despachos, principalmente os que sejam relacionados aos temas do dia. Em entrevista, Rodrigo Röttsch afirmou que as agências mais utilizadas pela editoria Mundo da Folha são a Reuters, a AP e a Efe. Segundo o editor de Mundo, a editoria da Folha vem dando prioridade às notícias que dizem respeito à América do Sul, portanto, uma notícia do Paraguai, por exemplo, que receba pouco destaque das agências de notícias pode ser uma prioridade para a Folha, que terá de buscar informações e apurá-las de outras formas.

Na versão impressa, a editoria Mundo tem normalmente de quatro a sete páginas e em quase todas há o versal [+] Saiba mais, que apresenta uma matéria

⁴¹ Foi feita entrevista com os editores dos jornais impressos e dos portais Folha de S. Paulo, O Estado de S. Paulo, Folha Online e estadao.com.br. Os entrevistados foram: Rodrigo Röttsch, editor de Mundo da Folha de S. Paulo desde maio de 2009; Daniela Loreto, editora de Mundo da Folha Online desde março de 2007; José Eduardo Barella, editor de Internacional de O Estado de S. Paulo desde novembro de 2006 e Talita Eredia, editora de Internacional do estadao.com.br desde agosto de 2008.

paralela⁴² que complementa a matéria principal da página, a maioria das páginas da editoria possui um olho da matéria principal e apresenta infográficos e ilustrações. A editoria também apresenta algumas análises dos assuntos mais relevantes, que normalmente são produzidas por correspondentes e enviados especiais. A editoria traz com frequência entrevistas ping-pong e textos retirados de jornais internacionais, principalmente do Financial Times. Há ainda indicações nas páginas do impresso que direcionam o leitor a outras páginas da editoria, como forma de complementar informações, por exemplo, “Leia Mais A-20”. No entanto, a editoria do impresso não apresenta indicações ao leitor para complementação de notícias na Folha Online.

A editoria Mundo na Folha Online existe desde a criação do portal em 2000. De acordo com a editora do Mundo Online, Daniela Loreto, atualmente, a editoria é composta pelo editor, editor-assistente e dois repórteres, lembrando que a editoria da Folha Online não possui correspondentes e apenas aproveita o material enviado pelos correspondentes da Folha de S. Paulo. Em relação ao aproveitamento de material da Folha no portal, a editora do Mundo Online explicou que, pela manhã, cada editoria da Folha Online pode utilizar cerca de 30% do material da Folha Impressa, e, que, em geral, os textos de correspondentes internacionais do impresso podem ser publicados no portal.

Ainda de acordo com Daniela Loreto, existe uma reunião de pauta da editoria Mundo da Folha Online uma vez por semana (geralmente às segundas-feiras). Ela ocorre apenas entre os repórteres do Mundo Online, quando são discutidas as prioridades da editoria e é estabelecida uma agenda da semana. Ela ainda explica que um repórter do Mundo Online sempre participa das reuniões de pauta da Folha que já foram explicitadas anteriormente.

Sobre a produção das notícias da editoria no portal, segundo informações fornecidas pela editora do Mundo Online em entrevista, o processo de atualização é similar ao das outras editorias. Todo o conteúdo da página (manchete, destaques abaixo da manchete e foto) é atualizado pela manhã, até 9h, e atualizado ao longo do dia, em geral no mínimo, uma vez próximo das 12h, uma vez à tarde e uma à noite, lembrando que isso é o obrigatório, mas que, em geral, a editoria é atualizada com mais frequência. No caso de uma notícia quente, a atualização é imediata e os assuntos em destaque na *homepage* do site devem ser atualizados no máximo a cada duas horas para trocar o texto “linkado” na *homepage*. Em geral, a atualização da *homepage* principal é a prioridade em todas as editorias.

⁴² O conceito dado por Mário Erbolato (1991) são matérias que se relacionam a outras por abordarem o mesmo tema.

Conforme já foi comentado, as páginas de todas editorias do portal apresentam o mesmo *layout* e os mesmos links e vale explicar aqui essa estrutura. Assim, na *homepage* da editoria Mundo Online, como nas outras do portal, há sempre uma foto ou um vídeo do principal e mais recente fato e a apresentação de quatro a sete principais manchetes da editoria. Há o link Interação que disponibiliza uma ou duas enquetes com temas da editoria em que o internauta pode participar dando seu voto e o link Serviços que oferece ao leitor informações relacionadas a editoria Mundo. Há ainda o link Colunistas que apresenta os colunistas do Grupo Folha relacionados ao assunto da editoria, como por exemplo, Clóvis Rossi e a Livraria da Folha que está presente na primeira página do portal e também aparece em todos os links das editorias, lembrando que a lista de livros é sempre de títulos relacionados ao assunto da editoria e há fotos dos livros, informações básicas das obras e a sinopse delas. Há também o link Galerias que oferece imagens do dia e outras galerias da editoria, o link Multimídia, que apresenta um ou dois dos principais vídeos dos últimos dias, e os links +lidas, +curiosas e +enviadas da editoria. Há ainda, em algumas editorias, o link Especiais, por exemplo, na editoria Mundo, em novembro de 2009, o link apresenta um especial sobre a cobertura completa dos 20 anos da queda do Muro de Berlim. Ao fim da tela das editorias, há ainda uma lista de notícias que são atualizadas em tempo real e estão divididas por datas e com os respectivos horários de publicação.

A editora de Mundo do portal explicou ainda que não há um contato regular com a equipe da editoria da Folha Impressa e que as duas redações trabalham de forma independente. No entanto, nada impede o contato entre as equipes e a tendência é que impresso e online trabalhem cada vez mais integrados.

6.3 Jornalismo Internacional no Estado de S. Paulo e no portal estado.com.br

6.3.1 Estadão e estado.com.br

O jornal O Estado de S. Paulo surgiu em 1875, quando predominavam ideais abolicionistas e republicanos, conforme explicou Cléber Sebastião Fabbri (2002). Segundo o autor, o jornal foi criado por um grupo de revolucionários que lutavam pela liberdade democrática e de acordo com informações do portal estado.com.br esse grupo foi liderado por Manoel Ferraz de Campos Salles e Américo Brasiliense, como resultado de uma proposta surgida na Convenção Republicana de Itu, que sugeria a criação de um diário republicano como forma de liberdade de expressão para aqueles que estavam insatisfeitos com a monarquia e a escravidão. Assim, em 4 de janeiro de 1875, começou a circular o

jornal A Província de São Paulo. Fabbri (2002) afirma que nesse momento a venda dos jornais era feita apenas por assinaturas ou nas redações. A venda avulsa começou apenas em 1876, e era feita pelo francês Bernard Gregoire, que acabou se tornando figura folclórica na cidade.

A Província era um jornal de oposição e por isso sofria dificuldades financeiras. Foi só em 1884 que Júlio Mesquita entrou na sociedade que mantinha o jornal e fez várias inovações, por exemplo, a contratação da agência internacional de notícias Havas, o que tornou o jornal mais ágil, atual e mais atraente. Em 1889, um mês e meio após a proclamação da república, A Província de São Paulo passou a se chamar O Estado de S. Paulo. Em 1891, Júlio Mesquita tornou-se diretor do jornal, assumindo o cargo que era de Rangel Pestana, e em 1902, o jornal tornou-se propriedade integral da família Mesquita. Segundo Fabbri, por volta de 1907, o jornal chegou à tiragem diária de 35 mil exemplares.

O jornal já nasceu como um veículo de oposição. Após a proclamação da república, os fundadores sentiram-se vitoriosos, mas continuaram lutando por ideais que não eram respeitados pelo Estado, como o voto livre. Segundo Fabbri, em 1909, durante o período eleitoral, o Estado de S. Paulo apoiou o candidato da oposição, Ruy Barbosa. Em 1924, Júlio Mesquita foi preso durante a revolução paulista de 1924⁴³ e morreu três anos depois. Após sua morte, assumiram a direção seus filhos Júlio de Mesquita Filho e Francisco Mesquita e Armando Salles Oliveira.

Ainda sob nova direção, o jornal continuou se opondo ao governo vigente. Em 1932, apoiou a articulação da Revolução Constitucionalista, que questionava as reformas não realizadas prometidas por Getúlio Vargas, que assumira a presidência em 1930. Devido a isso, alguns diretores e vários redatores foram mandados para exílio em Portugal. Júlio Mesquita Filho também foi preso mais de 17 vezes na década de 1930. Em 1940, ele estava exilado em Buenos Aires, quando recebeu a notícia de que o jornal havia sido ocupado pela polícia. O jornal ficou, então, cinco anos sob intervenção militar.

Após o Golpe Militar de 1964, a imprensa brasileira viveu um período caracterizado pela ditadura. O Estado de S. Paulo sofreu duras intervenções durante esse período. Em 13 de dezembro de 1968, o jornal foi proibido de circular. A proibição aconteceu após a publicação de um editorial assinado por Júlio Mesquita Filho intitulado “Instituições em frangalhos”. E a partir de então, todos os textos do jornal passavam pela censura.

⁴³ A Revolta Paulista de 1924 foi a segunda revolta tenentista ocorrida no Brasil. A revolta foi comandada pelo general Isidoro Dias Lopes e teve a participação de vários tenentes, que ocuparam a cidade por 23 dias e forçaram o governador a se retirar.

No final de 1969, Júlio Mesquita Neto assumiu a direção do jornal, após o falecimento de Júlio Mesquita Filho e de Francisco Mesquita, ambos no último ano da década de 1960. No começo da gestão de Mesquita Neto, em 1970, foi fundada a Agência Estado, primeira agência de notícias do país, especializada em fornecer informações para o mercado financeiro. Nessa época, o Grupo Estado já era constituído pelo jornal O Estado de S. Paulo, a rádio Eldorado (criada em 1958) e o Jornal da Tarde (criado em 1965)⁴⁴.

Em 1996, Ruy Mesquita assumiu a direção do grupo, após o falecimento de seu irmão, Júlio Mesquita Neto. Até hoje, ele permanece no cargo de diretor-responsável e ainda responde pela opinião do jornal. O Estado de S. Paulo tem periodicidade diária, atualmente possui oito editorias fixas e diariamente traz um ou mais cadernos suplementares⁴⁵.

Em março de 2000, surgiu o portal estadão.com.br, como resultado de uma fusão dos sites da Agência Estado e dos jornais O Estado de S. Paulo e Jornal da Tarde. Segundo o relatório corporativo de 2008 do grupo Estado, é por meio do portal que o jornal O Estado de S. Paulo torna-se verdadeiramente multimídia, multiplataforma e assume uma posição denominada *web first*, que significa que as notícias exclusivas apuradas pela equipe de jornalismo do grupo Estado estarão na web primeiro, seguidas de uma nota de rodapé indicando que o assunto será mais bem detalhado no impresso do dia seguinte.

Em 2007, o portal passou por uma reformulação de seu *layout*, que lhe permitiu maior interatividade com os internautas, conforme foi divulgado no relatório corporativo de 2008. A partir de então, no estadão.com.br, o leitor tem acesso a algum conteúdo do jornal impresso e às notícias em tempo real, além de ter a possibilidade de interagir com o Estadão por meio de blogs, fóruns, enquetes e de deixar comentários em qualquer matéria disponível no portal. O portal também oferece uma série de serviços ao internauta⁴⁶.

⁴⁴ Não será discutido, com detalhes, o histórico e as características de todos os veículos do Grupo Estado, apenas do jornal impresso O Estado de S. Paulo e do portal estadão.com.br. Cabe apenas dizer que o Grupo Estado é constituído por 12 unidades de negócios e atua na área do jornalismo, publicidade, entretenimento, serviços gráficos e distribuição.

⁴⁵ As editorias fixas do Estado de S. Paulo são: Nacional, Opinião, Internacional, Vida&, Economia, Cidades, Esportes e Caderno 2. E os suplementos são: Agrícola, Paladar, Aliás: a semana revista, Feminino, Tv & Lazer, Link, Viagem & Aventura, Estadinho e Ponto Edu.

⁴⁶ O Estadão Digital, que é uma versão digital do jornal impresso, exclusivo para assinantes; O Estadão de Hoje, que disponibiliza para os internautas as capas de todos os cadernos do jornal impresso do dia; O Estadão no Desktop, que possibilita que o internauta instale em seu computador *widgets*, ou seja, pequenas janelas com notícias que ficam visíveis na área de trabalho do computador e que são atualizadas a todo instante; O Estadão no Celular, que permite acesso às notícias pelo celular, o Webmail Estadão; o Meu Estadão, que por meio de cadastro gratuito, o internauta monta o seu próprio noticiário, a ferramenta RSS; a previsão do tempo; Especiais, que traz vários conteúdos especiais sobre um determinado assunto; o Fotos, que traz

O portal possui as mesmas editorias do Estadão. No entanto, os suplementos que são publicados separadamente no jornal impresso, no estadão.com.br estão disponíveis diariamente. Os links que direcionam para as páginas de cada editoria no portal estão localizados em uma coluna horizontal na parte superior da página, e assim como os links para os serviços, descritos acima, são fixos⁴⁷

Segundo Lourival Santt'Anna (2008), foi implementado em setembro de 2006 o “mesão”, que se trata de uma reunião entre as principais chefias do Estadão com editores do portal estadão.com.br e responsáveis pela Agência Estado, com o objetivo de produzir matérias especiais para todas as editorias do jornal, integrando as mídias impresso. O chamado Mesão está em vigor desde então e em maio de 2009, dobrou seu time de repórteres especiais, segundo reportagem do portal Comunique-se. O Mesão é mais um exemplo da convergência de mídias dentro do Grupo Estado⁴⁸.

Dados do relatório corporativo de 2008 do Grupo Estado contabilizam em 37.055.367 os visitantes únicos do portal estadão.com.br no período de janeiro a dezembro de 2008. O relatório afirma que o número cresceu 56% com relação ao mesmo período de 2007. Informações obtidas no relatório corporativo de 2007 do Grupo Estado demonstram que o seu público é bem diversificado, com relação a faixa etária: 16% tem até 17 anos, 17% tem de 18 a 25 anos, 22% tem de 26 a 34 anos, 28% tem de 35 a 49 anos e 17% dos usuários do estadão.com.br tem a partir de 50 anos.

6.3.2 A editoria Internacional

A editoria Internacional no Estado de S. Paulo existe desde que o jornal foi criado, em 1875. Fabbri (2002) cita as principais manchetes que o jornal apresentou em sua trajetória e se pode destacar que várias delas foram de notícias referentes à editoria Internacional. De 76 manchetes listadas pelo autor, 40 são de Internacional. Já no livro *Páginas da História: uma coletânea das primeiras páginas do Estado nos seus 125 anos de história* (2000), 45% das manchetes

as fotografias referentes às últimas notícias divulgadas no portal, além de incluir o serviço Foto Repórter, que convida o leitor a enviar fotografias para serem publicadas nos veículos do Grupo Estado; o Áudios, que reúne os áudios e *podcasts* publicados no portal; e a TV Estadão.

⁴⁷ Cada link de editoria possui subdivisões, com links para os temas recorrentes dentro daquela editoria ou para assuntos que podem auxiliar o internauta a encontrar a informação desejada.

⁴⁸ O Grupo Estado mantém dois projetos no âmbito de convergência de mídias. O primeiro, chamado Rumos, estuda o futuro dos impressos O Estado de S. Paulo e Jornal da Tarde, e o segundo, chamado Fases, que coloca em prática aquilo que foi concebido pelo Rumos. O Mesão e os portais Paladar e Link são resultados dos projetos.

são de internacional, por exemplo, “A bolsa de Nova York registrou ontem um formidável desastre financeiro”, em 25 de outubro de 1929 e “Começou a guerra na Europa”, em primeiro de setembro de 1939. Sendo assim, pode-se afirmar que a editoria Internacional sempre teve grande relevância dentro do jornal.

Há diferenças entre o jornalismo internacional produzido no início do século passado e o que foi produzido a partir do final do século XX e é até hoje. Segundo dados concedidos por José Eduardo Barella, editor de Internacional do Estadão, nos momentos iniciais do jornal, sobretudo antes das redações serem informatizadas, o correspondente executava um trabalho muito importante, já que ele tinha acesso a informações que um redator da sede não tinha. Com o advento das redes informatizadas e da Internet, o correspondente passou a desempenhar uma função complementar: ele não traz mais o *hardnews* básico, mas sim um complemento, por exemplo, uma entrevista exclusiva. Além disso, o editor ressalta que nos primeiros momentos a cobertura diária era feita por correspondentes e enviados fixos em países de Primeiro Mundo e atualmente essa cobertura é mais participativa, já que os redatores e repórteres têm a possibilidade de entrevistar fontes do exterior por e-mail e as empresas investem mais em viagens para cobertura de eventos internacionais, sobretudo na América Latina.

A estrutura interna da editoria no jornal O Estado de S. Paulo é composta por um editor, um subeditor e dois editores assistentes. Além desse grupo, que é responsável por fechar as matérias e decidir quais serão publicadas, há o chefe de reportagem, que define as pautas do dia, tanto para os redatores locais quanto para os correspondentes. Os redatores ou repórteres são cinco e cada um fica responsável por cobrir uma região do mundo. Há ainda um plantonista, que chega às 17h e permanece até à 1h, atualizando o material produzido pela equipe. O jornal possui correspondentes em Washington, Nova York, Paris (lá, o jornal também mantém o articulista Gilles Lapouge), Genebra, Buenos Aires e Pequim.

O processo de produção das reportagens começa com a reunião de pauta. Conforme explicou Barella, às segundas feiras acontece uma reunião especial apenas entre a equipe da editoria, da qual participa também a editora de Internacional do portal, com o objetivo de definir as pautas que entrarão no jornal de domingo, que, segundo o editor, é a edição da semana que traz matérias mais aprofundadas. O chefe de reportagem também participa de uma reunião com os chefes de reportagem das outras editorias. Às 12h30 acontece uma reunião apenas entre os editores para consolidar as pautas que foram discutidas ao longo da manhã. Mais tarde, os editores se reúnem novamente para definir

as manchetes que entrarão na primeira página da editoria.

Para produzir as reportagens, a editoria Internacional vale-se do material enviado por correspondentes e, principalmente, das informações que chegam das agências de notícias. O Estadão recebe material da Reuters, da AP, da AFP e da EFE. Barella afirma que a agência a qual o jornal atribui maior confiabilidade é a Reuters.

A editoria Internacional do jornal impresso O Estado de S. Paulo geralmente possui de três a quatro páginas. A exceção acontece aos domingos, quando a editoria chega a ter sete páginas. Nesse dia da semana, as reportagens são maiores e mais aprofundadas. Além das reportagens, a editoria também possui as seções No Mundo e + , as quais trazem pequenas notícias que não valeram reportagens mas que merecem ser publicadas. Há também textos de articulistas e artigos de opinião retirados de jornais estrangeiros como The New York Times e The Guardian. Como uma tentativa de integrar o conteúdo impresso e o conteúdo da web, há sempre indicação de complementos de determinada reportagem na web. Uma outra proposta nesse sentido, citada por Barella, é a criação de um blog específico da editoria do impresso, Radar Global, que ainda está em fase de experimentação.

Na Internet, a editoria Internacional surgiu no final dos anos 1990, por meio de boletins BBS. Apenas em 2004, segundo Barella, com a modernização do estadao.com.br, é que a editoria Internacional surgiu no portal. A equipe de Internacional do portal é bem pequena e composta por apenas dois redatores, que são um editor e um estagiário. Um redator fica na parte da manhã e redige a maior parte do webnoticiário. Sua mesa fica situada ao lado da editoria Internacional do impresso, o que garante uma relação bem estreita entre as duas equipes. O segundo redator faz a cobertura vespertina. Assim como já foi comentado, um dos redatores participa da reunião de pauta da editoria no impresso às segundas feiras. De acordo com o que fica decidido, a equipe de Internacional do portal fica com a função de produzir gráficos, galerias de imagens e demais complementos para serem postados na web à medida que as reportagens especiais são publicadas no impresso, conforme explicou Talita Eredia, editora de Internacional do portal. Talita ainda afirma que para produzir as notícias postadas no portal, são aproveitados os materiais enviados pelos correspondentes do jornal O Estado de S. Paulo e dos correspondentes da Agência Estado (alocados Washington, Londres e Buenos Aires). A atualização das notícias da web é feita por um robô, quando são postados textos integrais das agências noticiosas. No entanto, segundo Talita, quando são notícias produzidas pelos redatores ou por correspondentes, as matérias são postadas manualmente na medida em que ficam prontas.

A editoria Internacional no estadao.com.br possui o mesmo *layout* das outras editorias no portal. A primeira manchete que se vê assim que a página de Internacional é acessada é da principal notícia do dia até aquele momento. Em tamanho um pouco menor, há, geralmente, mais seis manchetes. Ao lado e abaixo dessas manchetes sempre existe uma imagem, também de algum assunto de destaque. Há também o *box* Últimas Notícias, com links para notícias que são constantemente atualizadas. Há, ainda, chamadas para os blogs do estadao.com.br que abordam assuntos internacionais. E, bem ao final da página, localiza-se uma coluna horizontal com uma galeria de fotos, que direciona para a página do serviço Fotos, mas na página de Internacional estão reunidas só as imagens de assuntos da editoria. Ao acessar alguma notícia, o texto geralmente virá acompanhado de links que direcionam para notícias relacionadas, especiais, *podcasts* ou vídeos. A notícia também terá o espaço para comentários dos internautas e um espaço para que o usuário avalie a notícia, atribuindo-lhe uma nota de um a cinco. Todos os votos ficam contabilizados. Quando o texto foi retirado do jornal impresso, ele fica identificado como “Versão Impressa” e quando foi produzido pela equipe online ou postado automaticamente, fica identificado como “Online”.

6.4 Metodologia

Conforme já foi citado anteriormente, foi escolhido como objeto de análise a editoria internacional dos jornais paulistas Folha de S. Paulo e O Estado de S. Paulo e de seus respectivos portais Folha Online e estadao.com.br. Para conhecer melhor o objeto, foi feita uma análise durante o mês de julho de 2009, do dia primeiro (quarta-feira) ao dia 30 (quinta-feira). O período de observação dos jornais e dos portais, ou seja, um mês, foi definido considerando que, por serem jornais diários e portais com atualizações constantes durante o dia, seria tempo suficiente para observar de forma detalhada a editoria e fazer constatações válidas.

Todas as observações feitas foram postadas, diariamente, em um blog⁴⁹. Durante esse período, todos os exemplares dos jornais impressos foram coletados e os principais *print screens*⁵⁰ dos acessos às páginas dos sites foram arquivadas. Com base no material recolhido, foi feita uma análise para verificar como a editoria internacional é tratada em cada jornal impresso e em

⁴⁹ O blog Jornalismo Internacional na Internet, disponível em www.jornaiseportais.blogspot.com, possui todas as análises feitas durante o mês de julho na íntegra e será apresentado como produto agregado na banca examinadora.

⁵⁰ Print screen é uma tecla de comando encontrada nos teclados dos computadores. Quando acionada, tudo o que está na tela naquele momento é frisado em forma de imagem.

cada portal, e tentar demonstrar, por meio de categorias de análise previamente estabelecidas, que a Internet possui características e ferramentas que fazem contribuições para a editoria internacional. Para isso, foram definidas as categorias de análise - interatividade, hipertextualidade, aprofundamento e contextualização, multimídia e instantaneidade de atualização das notícias – que foram relacionadas aos critérios de noticiabilidade específicos da editoria internacional, explicados por Natali (2007).

As matérias analisadas dentro dessas categorias foram escolhidas por serem as principais nos impressos. Consideram-se matérias principais aquelas que estavam na primeira página da editoria internacional ou com chamada na capa do jornal. Foram analisadas também matérias que estavam em destaque na página principal da editoria internacional dos portais a maior parte do dia. Conforme já foi explicado, os impressos foram os parâmetros para definir quais assuntos de internacional pautaram a agenda dos veículos de comunicação no período analisado.

Durante a análise, foram feitas constatações, as quais foram questionadas pelas autoras aos jornais e portais por meio de entrevistas qualitativas feitas com os editores de internacional dos jornais e dos portais, via e-mail⁵¹.

6.5 Análise

Assim como foi explicado anteriormente, foi feita uma análise, com base no material recolhido da Folha de S. Paulo, do portal Folha Online, do Estado de S. Paulo e do portal estadao.com.br durante o mês de julho de 2009 para constatar como a editoria internacional é tratada em cada jornal impresso e em cada portal, que será apresentada aqui. Em um primeiro momento, é de extrema importância ressaltar que não cabe à análise proposta dizer que os jornais impressos são melhores do que a Internet ou vice-versa, já que são meios de comunicação diferentes, com características peculiares, que não anulam a importância de ambos. Cabe à análise apenas tentar mostrar, por meio de algumas categorias previamente estabelecidas, que a Internet é um meio que faz contribuições importantes para o jornalismo internacional. Vale destacar ainda que a editoria internacional, cuja importância já foi comentada na introdução do trabalho, foi escolhida com o intuito de fazer um recorte dentre as outras editorias existentes no jornalismo. Assim, o que será feito aqui não tem por objetivo provar que a editoria internacional é mais bem atendida pela Inter-

⁵¹ Os entrevistados foram: Rodrigo Röttsch, editor de Mundo da Folha de S. Paulo desde maio de 2009; Daniela Loreto, editora de Mundo da Folha Online desde março de 2007; José Eduardo Barella, editor de Internacional de O Estado de S. Paulo desde novembro de 2006 e Talita Eredia, editora de Internacional do estadao.com.br desde agosto de 2008.

net do que as outras editorias, mas sim explicar de que forma o jornalismo internacional aproveita as ferramentas e características disponibilizadas pela web.

As categorias de análise escolhidas foram: interatividade, hipertextualidade, aprofundamento e contextualização, multimídia e instantaneidade de atualização das notícias. Essas categorias foram determinadas por meio do marco teórico proposto, levando em consideração as características do web-jornalismo definidas por Marcos Palacios (2002) e as características da Internet definidas por Pierre Lévy (1999), Pollyana Ferrari (2004), dentre outros autores já estudados aqui. Existem outras categorias de análise segundo as quais a editoria internacional poderia ser analisada, por exemplo, as fontes utilizadas, que demonstrariam de que forma a Internet traz fontes exclusivas em suas notícias com relação aos impressos. No entanto, os exemplos dados para essa categoria poderiam entrar em outras categorias, como instantaneidade de atualização, já que devido a essa atualização mais rápida possibilitada pela Internet o portal consegue publicar um número maior de notícias utilizando, conseqüentemente, mais fontes. Outra categoria que poderia ter sido utilizada é personalização do conteúdo, que define que a Internet possibilita que o usuário escolha de que forma as notícias chegarão até ele, customizando as páginas de acordo com sua preferência. A categoria foi descartada porque extrapolaria o objeto de análise escolhido, já que os portais Folha Online e estado.com.br possuem serviços específicos que possibilitam que o internauta monte seu próprio noticiário. Assim, foram definidas as cinco categorias.

Ao analisar os jornais e portais com base nessas categorias foi feita uma relação delas com os critérios de noticiabilidade da editoria internacional que foram estabelecidos por Natali (2007): conflitos e guerras, tragédias inesperadas, epidemias e eleições. Esses temas, que constituem a editoria internacional, podem despertar interesse justamente por acontecerem em países diferentes, que possuem manifestações culturais distintas, algumas vezes até divergentes.

A interatividade possibilitada pela Internet permite que usuários situados em locais distantes troquem informações, comentários e impressões sobre determinado assunto. Assim, a web torna-se um ambiente democrático, no qual os receptores de informação têm a possibilidade de expressar seu ponto de vista e intervir na mensagem que está sendo transmitida. Essa intervenção pode ocorrer de várias formas: por meio de um e-mail enviado ao produtor da informação, por enquetes ou, até mesmo, por meio do trajeto que o internauta fará pelos links disponibilizados em determinada notícia. Essa forma de intervenção acarreta na segunda categoria de análise: a hipertextualidade. É

por meio da hipertextualidade que os temas da editoria internacional, que demandam explicações e aprofundamentos, tais como mapas, explicações sobre possíveis causas e conseqüências, dentre outros, são contextualizados. A categoria aprofundamento e contextualização é uma conseqüência da hipertextualidade, já que é por meio dessa última que uma notícia, dentro da web, agregará inúmeras outras, dando ao internauta diversas possibilidades de acesso e de compreensão de um tema. A partir daí, pode-se afirmar que os temas de internacional são atualizados inúmeras vezes ao dia. Uma guerra, por exemplo, não acontece em determinado momento do dia, da mesma forma que os acontecimentos em torno de uma eleição não possuem data e hora para ocorrer. Assim, é necessário que a atualização desses temas seja instantânea, e isso é permitido pela Internet. Os temas de internacional também serão bem retratados se forem utilizadas outras plataformas que não o texto tradicional. Por meio de imagens, áudio e vídeo o internauta, situado em um local distante de onde está acontecendo o que está sendo noticiado, poderá experimentar tal situação de forma mais próxima da realidade. Um vídeo, por exemplo, é uma expressão mais fiel de um conflito do que um texto que apenas o relata.

Assim, a análise utiliza essas categorias apresentadas baseadas nos critérios de noticiabilidade da editoria internacional propostos por Natali (2007). Por meio de exemplos de notícias dos portais, que foram escolhidas de acordo com o que era destaque nos jornais, é sugerida a contribuição da Internet para a editoria. Lembrando que todos os exemplos citados encaixam-se em algum dos critérios do autor, de modo a revelar a importância das características do meio digital para a editoria internacional.

6.5.1 Interatividade

Assim como já foi comentado, o conceito de interatividade pode ser remetido à própria natureza do computador, já que ele é por si só uma máquina que estabelece um diálogo com o homem. Marcos Palacios (2002) ressalta que a notícia na Internet prima pela possibilidade de atrair o leitor através da interatividade. Essa interatividade permite uma autonomia do internauta em relação ao meio, que pode acontecer quando ele comenta uma notícia, quando troca e-mails com outros usuários da web, quando entra em contato com os jornalistas que produziram determinada notícia, quando os internautas participam de enquetes, dentre outros infinitos exemplos que poderiam ser dados.

Essa categoria de análise pode ser explicada se for considerado que o mundo atual é caracterizado pelo multiculturalismo. Um meio que possibilita que o receptor da informação se manifeste de maneira ativa, interagindo com os usuários e com os produtores de conteúdo, consegue abarcar um número

maior de culturas e é mais democrático. Os critérios de noticiabilidade específicos da editoria internacional definidos por Natali (2007), tais como, guerras e conflitos, tragédias inesperadas, eleições e epidemias, são temas que despertam interesse justamente por acontecerem em países diferentes, muitas vezes constituídos por identidades e culturas distintas, que geram opiniões e manifestações divergentes. Essas divergências, com a interatividade possibilitada pela Internet, podem ser expressadas e acabam por ganhar visibilidade sem restrições de espaço e tempo. Notícia publicada no portal estadao.com.br, em seis de julho de 2009, intitulada “China aperta vigilância da Internet após confrontos em Xinjiang”, demonstra que a Internet é um meio que possibilita que as informações circulem mais rapidamente, por meio da interatividade entre o usuário e o meio. Reportagem do jornal *Estadão* do dia 8 de julho, intitulada “Centro de imprensa facilita controle do regime” conta que o governo chinês criou um centro para a imprensa, onde os jornalistas recebiam informações, eram acompanhados por membros oficiais do governo para conseguir entrevistas e poderiam acessar a Internet. No entanto, o acesso a Internet nesses centros era extremamente lento. Em casos de conflitos, quando não é de interesse do governo que o resto do mundo entenda a situação tal qual ela acontece, o primeiro meio de comunicação a sofrer censura é a Internet. No caso da China, a notícia exemplificada explica que o governo apertou o cerco contra a Internet após serem publicados no Youtube vídeos retratando os protestos muçulmanos na China.

A matéria da editoria Internacional do portal estadao.com.br “Soldados vivem entre períodos de tédio e terror no Afeganistão”, do dia 28 de julho, possui hiperlinks, dentre eles “Blog: Patrícia C. Mello faz o Diário da Guerra de Obama”. O link possibilita ao internauta a condição de interatividade, considerando que no blog da correspondente do *Estadão* em Washington, Patrícia C. Mello, o internauta pode comentar nos posts da correspondente e se comunicar com ela. O post do blog da correspondente, para o qual o link da notícia do portal direciona, é intitulado “Pelotão Nightmare em missão em Mangow” e possui 19 comentários. Chama-se atenção para o comentário feito pelo internauta José Renato P. Oliveira, que afirma estar postando da República do Congo, localizada no continente africano.

Outro exemplo é a matéria “Governo chinês diz que executará culpados por 156 mortes em protestos” publicada no portal *Folha Online* no dia 8 de julho. Assim como todas as outras publicadas na editoria Mundo do portal, há o serviço Compartilhe, que reúne links de várias redes sociais, como Twitter, Myspace, Facebook, dentre outras, para que o internauta publique determinada notícia em sua rede social. Dessa forma, a partir de uma ação de um usuário,

a informação chega a vários outros usuários, que podem ler uma notícia da Folha Online sem ter acessado o portal. É importante ressaltar que a Internet possibilita que as informações se espalhem muito mais rápido, por meio de ferramentas que garantem interatividade entre o usuário e o meio.

No portal Folha Online, até o dia 15 de novembro de 2009, as notícias sobre o tema Honduras já havia recebido 4482 comentários dos internautas na Folha Online. Todos os comentários sobre o assunto ficam disponíveis em todas as notícias referentes ao tema, em ordem cronológica. Assim, o internauta pode saber o que outros usuários estão pensando sobre o assunto e interagir com eles, avaliando o comentário. Esse número alto de comentários comprova que a interatividade possibilitada pela Internet é bem utilizada pelos usuários.

Pierre Lévy (1999) ainda lembra que a interatividade na Internet pode acontecer por meio da navegação na rede hipertextual, o que ele definiu como pilhagem. Esse tipo de navegação acontece quando o usuário não se prende a uma informação específica e acessa os links aleatoriamente, criando o seu próprio caminho. Nesse caso, o usuário torna-se ativo. Essa é outra característica da Internet que será utilizada como categoria de análise.

6.5.2 Hipertextualidade

A Internet é uma rede que possui uma característica que a define como um mundo de significação, na qual os nós estão interligados, conforme explicou Pierre Lévy (1998). Dessa forma, no webjornalismo, a hipertextualidade possibilita que em uma só notícia sejam reunidas várias outras, por meio dos links. O hipertexto é, assim, um texto não sequencial com ligações que podem ser controladas pelo leitor. É um texto interativo e multilinear, já que a sequência que os links serão acessados varia de acordo com as diferentes leituras.

Tragédias, conflitos e guerras, eleições e epidemias são temas que pedem contextualizações, como mapas, explicações sobre o país onde ocorreu o fato, explicações das possíveis causas e consequências, etc. Esses assuntos, específicos da editoria internacional, demandam uma cobertura mais detalhada e com um maior número de possibilidades de acesso para que o leitor escolha as informações que precisa para entender melhor a notícia. Um exemplo é o acidente da Yemenia Air, que se encaixa no critério de Natali (2007) de tragédia inesperada. Uma tragédia, como a queda de um avião, pede contextualizações, como mapas, explicações da área onde o avião caiu, informações sobre possíveis vítimas, dentre outras. O hipertexto da Internet possibilita que todas as notícias e contextualizações sejam integradas em uma notícia principal.

A reportagem de destaque do Estado de S. Paulo de dois de julho de 2009 foi “Destroços salvaram passageira de Airbus”. No portal, as notícias

relacionadas ao assunto estavam recheadas de links direcionando para outras matérias. Por exemplo, a notícia “Única sobrevivente da queda de avião no Índico encontra o pai”, possui vários links, como “Inspeção havia detectado defeitos em avião que caiu, diz ministro francês” e “Principais acidentes com aviões da Airbus desde 1990”. Esses links, por sua vez, também possuem links que direcionam para outras matérias, formando uma rede hipertextual.

Outro exemplo de hipertextualidade está na matéria da editoria Internacional do portal estadao.com.br “País comprará vacina para 2010”, do dia 23 de julho, que apresenta o hiperlink “Acompanhe as últimas notícias da pandemia”. Esse link orienta o leitor a outra editoria do portal, a Vida &, com versal especial “Gripe Suína” que oferece ao internauta várias matérias sobre a doença que se alastrou rapidamente no mundo no mês de julho, como “Ministros se reúnem na OPS para analisar doenças como H1N1” e “Monja beneditina usa web para combater vacina contra H1N1”. É importante ressaltar que o assunto da matéria se enquadra no critério pandemia ou epidemia, estabelecido por Natali (2007) e enquanto os impressos trazem cerca de três matérias por dia sobre o assunto, o portal disponibiliza diariamente uma infinidade de matérias sobre a pandemia, inclusive em outras editorias que complementam as disponíveis na editoria Internacional.

Em 14 de julho de 2009, o Estadão trouxe a reportagem “Juíza indicada por Obama enfrenta ceticismo republicano no Congresso”. Dentro da reportagem, que estava disponível também no portal estadao.com.br, há uma fala de Sonia Sotomayor em que ela se diz uma “latina sábia”. Essa fala da juíza gerou polêmicas e ela foi acusada de preconceito. Às 12h17 o estadao.com.br publicou a notícia “Sonia Sotomayor defende-se de afirmação sobre ‘latina sábia’”. Essa reportagem tem um link, que direciona para um perfil da hispânica Sonia Sotomayor. No texto do perfil, por sua vez, há um link direcionando para uma notícia antiga, intitulada “Obama indica juíza hispânica para Suprema Corte dos EUA”, publicada em 26 de maio de 2009. Uma notícia do dia 14 de julho de 2009, que inclusive atualizava informações do jornal impresso, dá ao internauta a possibilidade de acessar uma notícia publicada há quase dois meses.

Outro exemplo importante é o da editoria Internacional no portal estadao.com.br, no dia 17 de julho, às 17 horas, que foi “Rafsanjani pede pela libertação de detidos em protestos no Irã”. A notícia possui seis hiperlinks que orientam o internauta a matérias paralelas, como “Polícia iraniana volta a reprimir protestos” e a retrospectos sobre o assunto, como “O histórico de tensões no Irã” e “O programa nuclear do Irã”. Esses links complementam as informações oferecidas ao internauta e comprovam a hipertextualidade presente na Internet, que ocorre

pouco nos impressos. Lembrando que nessas matérias paralelas existem ainda mais links que acabam por constituir um hipertexto.

6.5.3 Aprofundamento e contextualização

A hipertextualidade característica da Internet permite que uma notícia agregue várias outras. Assim, a principal consequência de o jornalismo na web ser produzido em forma de hipertexto é a possibilidade de uma notícia ser mais aprofundada e contextualizada. A hipertextualidade também pode ser relacionada à característica da Internet de memória ilimitada, já que assim um número incontável de links poderá ser agregado a uma notícia sem ocupar espaço.

Segundo José Eduardo Barella, editor de Internacional do Estadão, é comum a prática de publicar textos do impresso no portal. Contudo, o inverso é raro, já que, conforme explica Barella, o conteúdo do portal segue o gênero noticioso. No entanto, já foi definido que características essenciais do gênero reportagem são o aprofundamento e a contextualização de um tema, enquanto a notícia é objetiva e obedece a estrutura de pirâmide invertida. Pode-se dizer que o aprofundamento e a contextualização, características do gênero reportagem, são feitos na Internet por meio do hipertexto. Assim, cada texto publicado na web referente a um assunto é uma notícia com informações objetivas. A possibilidade de conectar todas essas notícias em um hipertexto é que oferece um aprofundamento e uma contextualização.

No impresso, o espaço é limitado, já que os repórteres têm um número exato de caracteres para fechar o seu texto. Assim, fica difícil oferecer ao leitor informações complementares que não seja a notícia imediata. Nas edições especiais, como a de domingo, os textos aparecem no formato de reportagem, ou seja, trazem complementos. Na Folha de S. Paulo, por exemplo, a editoria Mundo traz entrevistas exclusivas principalmente aos domingos. Na Internet, devido à sua característica de memória ilimitada, definida por Palacios (2002), o espaço é muito maior, chegando a ser infinito. Notícias internacionais, que atendem aos critérios de guerras e conflitos, tragédias inesperadas, eleições e epidemias, para relembrar os critérios de Natali (2007), demandam explicações detalhadas de toda uma trajetória, já que costumam ser acontecimentos que possuem antecedentes históricos e causas políticas. São assuntos que geralmente rendem suítes⁵² e enquanto a web possibilita o acesso a todas as suítes, reunindo-as em uma notícia de destaque em determinado dia, o impresso, devido às restrições de espaço, não contempla os antecedentes que acarretaram no fato que está sendo noticiado naquele dia.

⁵² Suíte em francês quer dizer sequência ou série, assim o termo é utilizado no jornalismo para designar as repercussões dos fatos que já foram notícia.

A reportagem “Justiça de Honduras rejeita pedido da OEA; Zelaya adia retorno ao país”, publicada no Estadão em quatro de julho de 2009, é um exemplo. Se for acessada a mesma notícia, porém no portal estadão.com.br, o internauta terá acesso a notícia imediata e a várias informações complementares, que não estão no impresso. Há é o link “Entenda a origem da crise política em Honduras”, que direciona para um texto que explica a crise desde seu início. Está disponível também o link “Honduras, um país pobre e dependente dos EUA”, que direciona para um texto que apresenta o país. Além disso, há vários *podcasts*, com áudios de especialistas e professores que analisam e comentam a situação hondurenha.

Outro exemplo pode ser retirado do dia 13 de julho de 2009, quando o jornal Estadão deu destaque à reportagem “Vice de Bush ordenou que CIA ocultasse plano do Congresso”, que fala sobre um plano antiterrorista que estava sendo desenvolvido pela CIA desde 2001, após o ataque às Torres Gêmeas em Nova York, e que foi escondido do Congresso. No entanto, essa notícia não teve matérias paralelas no impresso, com contextualizações e análises do fato. Já no portal, o internauta teve acesso a várias matérias paralelas, que o impresso não trouxe, e que contextualizam bem a notícia, tais como: “Bin Laden diz que Obama segue os passos de Bush”, “Na África, Obama pede democracia e fim da corrupção” e “Viagens de líder exibem face dos EUA multilaterais”. Essas três matérias estavam disponíveis por meio de links localizados abaixo da manchete para a reportagem “Vice de Bush escondeu programa antiterror da CIA”, na página principal de Internacional no estadão.com.br, em acesso em 12 de julho de 2009, às 19h36.

Em 19 de julho de 2009, o portal Folha Online trouxe a notícia “Aiatolá critica opositor por dizer que governo do Irã depende do povo”. A reportagem possui links que direcionam para reportagens que ajudam a compreender a notícia por meio de contextualização, por exemplo, o link “Conheça os indícios de suposta fraude na eleição”, que direciona para a notícia “Sem provas de fraude, especialistas apontam indícios de manipulação no Irã”, publicada em junho de 2009. Além de links que contextualizam melhor, há também, no meio da notícia de 19 de julho, links que aprofundam o assunto, como o link “Golpe e revolução marcam o último século no Irã”, que direciona para a notícia “Golpe, ditadura e revolução marcam história do Irã no século XX”, publicada em junho de 2009. Essa notícia traz, além de um pequeno texto introdutório, uma apresentação animada que fala sobre a história do Irã no século XX. No impresso, em 18 de julho, o tema teve apenas uma reportagem, intitulada “Clérigo opositor desafia líder supremo do Irã”. Em 19 de julho, a Folha de S. Paulo não trouxe nenhuma reportagem sobre o assunto.

A matéria “Governo chinês diz que maioria das 184 vítimas de protestos são Hans” que foi publicada na editoria Mundo da Folha Online do dia 10 de julho é outro exemplo. A notícia apresenta dois importantes hiperlinks que ajudam o internauta a entender a profundidade do assunto, ou seja, os conflitos étnicos na China, e contextualizam melhor o fato. O link “Leia a cronologia dos conflitos com uigures no oeste da China” direciona o internauta a uma cronologia sobre os conflitos que começa em 1933 e vai até 2008. E o link “Saiba mais sobre os conflitos com muçumanos na China” explica com detalhes, porém sem análise dos fatos, quais são as etnias envolvidas no conflito, o histórico delas e ainda os motivos que geram a violência étnica. É importante ressaltar que o assunto da matéria se enquadra no critério de noticiabilidade conflitos e guerras e sua complexidade é melhor atendida na Internet do que nos jornais impressos. Os impressos acabam por trazer, diariamente, cerca de três notícias com os principais fatos do dia relacionados ao conflito étnico na China, mas não oferece ao leitor informações da trajetória desse conflito entre etnias que já se estende por muitos anos.

6.5.4 Multimídia

O aprofundamento e a contextualização das notícias que a Internet possibilita, podem ser feitos por meio de várias plataformas. No webjornalismo, é possível disponibilizar diferentes mídias em uma mesma notícia, tais como áudio e vídeo. Polyanna Ferrari (2004) define multimídia como a tecnologia que abarca som, imagem e movimento. Essa categoria atende bem aos critérios de notícia da editoria internacional já que guerras e conflitos, eleições, epidemias e tragédias inesperadas são assuntos que podem ser apresentados não apenas por meio de imagens fotográficas, que acabam por focar em um momento específico, mas também por meio de áudios e vídeos, que possibilitam que o internauta experimente, de certa forma, a realidade do que está sendo noticiado.

A reportagem “Chefe da OEA chega a Honduras e deve se reunir com mediadores” do jornal O Estado de S. Paulo, do dia três de julho de 2009, está reproduzida no portal, identificada como Versão Impressa. No portal, no meio da matéria, tem vários links que direcionam para reportagens e *podcasts* que ajudam a contextualizar as informações contidas nesta notícia sobre o golpe hondurenho. Um dos *podcasts* contidos nessa reportagem traz comentários de Gustavo Chacra, enviado especial do Estadão à Tegucigalpa, sobre a tensão política em Honduras. Além desse, a notícia faz link com mais três *podcasts*. A necessidade de complementar a cobertura de uma crise em país com áudios pode ser justificada. Já é, para o jornal impresso, um privilégio ter um corre-

spondente ou um enviado especial no país onde está acontecendo o conflito. No entanto, ele não será um diferencial se não trouxer algo além do que as agências de notícias enviariam. Assim, o papel do correspondente e do enviado é mandar para os jornais um material complementar, que pode ser uma entrevista ou, como denominou José Eduardo Barella, editor de Internacional do Estadão, uma “sacada”. Essa sacada seria algo que apenas uma pessoa que está no lugar pode perceber, sentindo o clima local e ouvindo comentários na rua, por exemplo. Dividir a experiência de estar no local naquele momento pode ser possibilitado por um vídeo ou uma gravação em áudio. E é justamente isso que faz o enviado Gustavo Chacra.

Um dos destaques da editoria Internacional do portal estadao.com.br, no dia 30 de julho, às 15h50 foi a matéria “Polícia faz Mousavi deixar ato e prende manifestantes no Irã”, que se enquadra no critério de noticiabilidade de Natali (2007) que considera eleições como notícia internacional. No portal, a matéria contém vídeo, o que revela a multimídiaalidade do meio. O vídeo mostra ao internauta momentos reais da polícia iraniana impedindo que o líder da oposição, Mir Hossein Mousavi, participasse de uma cerimônia em homenagem aos mortos em atos violentos ocorridos em protestos contra os resultados da eleição presidencial que havia ocorrido em junho deste ano. Já O Estado de S. Paulo do dia 30 de julho traz apenas uma nota sobre o assunto, de três parágrafos, sem nenhuma possibilidade de multimídiaalidade. Lembrando que a presença do vídeo oferece ao receptor maior proximidade com a veracidade da informação.

Outro exemplo de multimídiaalidade é a notícia “Pelo menos 156 morrem em protestos de muçulmanos na China”, publicada no [estadão.com.br](http://estadao.com.br) em seis de julho de 2009. A matéria possui link para um vídeo do Youtube com os protestos na China. O tema, os conflitos entre as etnias chinesas uigur e hans, enquadra-se no critério que define guerras e conflitos como notícia para a editoria internacional.

Um dos destaques da editoria Internacional do portal estadao.com.br, no dia 29 de julho, às 18h20 foi a matéria “Carro-bomba da ETA deixa mais de 60 feridos na Espanha”. A multimídiaalidade pode ser explicada aqui já que no portal a matéria contém o hiperlink “Veja também: Fotos: Galeria de imagem”. Esse link apresenta oito fotos do atentado, que não foram publicadas no impresso e oferecem ao internauta detalhes do fato. As fotos das agências Reuters e A.P. retratam oficiais da polícia e paramédicos analisando destroços do carro-bomba que explodiu em Burgos, na Espanha, oficiais da polícia e bombeiros retirando os destroços do prédio após a explosão, cratera no chão formada pelo ataque que foi atribuído ao grupo separatista ETA, danos gera-

dos dentro do prédio onde o carro explodiu, bombeiros investigando danos nos prédios ao redor do que sofreu atentado, entre outras. O assunto dessa notícia se enquadra no critério de noticiabilidade de Natali (2007) que considera tragédias inesperadas como notícia internacional e ainda no critério de Wainberg (2005) que explica que a cobertura do jornalismo internacional focada na violência justifica-se pelo desejo de agregar valor dramático à crônica diária do mundo, assim como já foi explicado anteriormente nesse presente trabalho. O alto número de mortos, feridos e principalmente feridos inocentes nos atos terroristas permite a editoria internacional a produção de espetáculos graves, surpreendentes e inesperados.

A matéria “Avião iraniano tentava pouso de emergência em chamas, diz Irã” foi um dos principais desataques da editoria Internacional do portal estadao.com.br dia 15 de julho durante toda tarde. Ela apresenta quatro hiperlinks que direcionam o internauta a áudios, fotos e infografias animadas. Um deles é o hiperlink “Fotos: Galeria de imagens do acidente”, que apresenta fotos das agências Reuters que foram exclusivas no portal, como de documentos de identidade em meio aos destroços do avião que caiu no Irã, de pessoas vasculhando destroços do avião a fim de encontrar objetos, de objetos pessoais dos passageiros, de policiais pedindo para que curiosos não se aproximem dos destroços, de parentes chegando a lista de passageiros no aeroporto de Yerevan, entre outras. Outro hiperlink foi o “Imagens do local do acidente (no Youtube)”, que direcionam o internauta a um vídeo que aproxima o receptor da informação da realidade do fato e ainda os hiperlinks “Cronologia dos piores acidentes aéreos do mundo” e “Cronologia das tragédias da aviação brasileira” que apresentam ao intenauta infográficos com animações. Essa matéria é um exemplo que reúne vários elementos e caracterizam a multimidialidade do meio. O assunto dessa notícia se enquadra no critério de noticiabilidade de Natali (2007) que considera tragédias inesperadas como notícia internacional e ainda a quantidade de indivíduos envolvidos que também a torna noticiável.

6.5.5 Instantaneidade de atualização das notícias

A Internet possibilita que uma mesma notícia seja atualizada várias vezes. Devido ao fato de a memória na web ser ilimitada, as atualizações podem acontecer inúmeras vezes ao dia e ficar arquivadas na memória do site, sem ocupar espaço algum. Os assuntos que geralmente estão na editoria internacional, como guerras e conflitos, eleições, epidemias e tragédias inesperadas principalmente, demandam um processo de atualização mais rápido, já que são temas cujas novidades podem surgir a qualquer momento. Sendo assim, é

necessário que as notícias sejam atualizadas constantemente, e isso é permitido pela Internet.

Para exemplificar como a Internet possibilita uma atualização mais rápida dos acontecimentos, consideremos as notícias relacionadas ao golpe hondurenho que foram publicadas na Folha e na Folha Online e no Estadão e no estadao.com.br na primeira semana do mês de julho de 2009, que começa no dia primeiro e termina no dia oito, e na última semana analisada do mês, do dia 23 ao dia 30. É importante ressaltar que, na primeira semana de julho, o caso Honduras era recente no noticiário internacional, já que o golpe aconteceu em 28 de junho de 2009. Vale lembrar ainda que o golpe hondurenho encaixa-se no critério de eleições em países vizinhos, estabelecido por Natali (2007), já que, conforme já foi comentado anteriormente, tudo começou quando o então presidente Manuel Zelaya tentou fazer um plebiscito com o objetivo de se reeleger.

A Folha de S. Paulo apresentou, na primeira semana do mês, 31 matérias sobre o golpe de estado em Honduras e suas repercussões, com o máximo de seis matérias no dia primeiro e o mínimo de uma no dia oito. Já a Folha Online apresentou nesse mesmo período 81 atualizações, com o máximo de 14 notícias no dia seis de julho e o mínimo de sete no dia quatro de julho. Na última semana analisada do mês, que vai de 23 a 30 de julho, a Folha de S. Paulo apresentou 19 matérias sobre o golpe de estado em Honduras e suas repercussões com o máximo de três matérias nos dias 25, 28 e 30 de julho e o mínimo de uma no dia 27 de julho. E a Folha Online, nessa última semana, atualizou o assunto 78 vezes, com o máximo de 22 notícias no dia 24 e o mínimo de cinco notícias no dia 30.

O Estado de S. Paulo apresentou, na primeira semana do mês, 27 matérias sobre o golpe de estado em Honduras, com o máximo de cinco matérias nos dias dois e três de julho e o mínimo de duas nos dias quatro, cinco e oito de julho. Já o estadao.com.br apresentou, nesse mesmo período, 119 atualizações, com o máximo de 20 notícias no dia primeiro e no dia cinco de julho, e o mínimo de oito notícias no dia oito. Na última semana do mês, que vai de 23 a 30 de julho, O Estado de S. Paulo apresentou 20 matérias sobre o golpe de estado em Honduras e suas repercussões, com o máximo de quatro matérias no dia 25 de julho e o mínimo de uma no dia 30 de julho. E o estadao.com.br trouxe 80 atualizações sobre o assunto, com o máximo de 23 no dia 24 e o mínimo de quatro no dia 26.

Outro exemplo de instantaneidade de atualização pode ser retirado do dia primeiro de julho de 2009, quando a principal reportagem que o jornal O Estado de S. Paulo trouxe foi sobre o golpe hondurenho, intitulada “Zelaya anun-

cia retorno a Honduras”. Na reportagem, o presidente deposto Manuel Zelaya anunciava a sua volta ao país, tendo apoio da Organização dos Estados Americanos. No portal estadao.com.br, na mesma data, às 19h55, a reportagem que o impresso trouxe já estava atualizada com a notícia “Líder interino de Honduras diz que não negociará com OEA”, que trazia a informação de que Roberto Micheletti afirmou à Agência France Presse que não negociaria o retorno de Zelaya.

Em 15 de julho de 2009, o portal Folha Online deu, às 6h23, a notícia sobre a queda de um avião no Irã, com título “Avião de passageiros cai no Irã com ao menos 150 pessoas a bordo”. No jornal Folha de S. Paulo do dia 15, não havia nenhuma notícia sobre o acidente. Segundo informações da reportagem, o avião caiu às 11h33, 4h de Brasília. Apenas 2h23 minutos depois, o portal já noticiava o acontecimento, que corresponde ao critério de tragédia inesperada, e, portanto, não poderia ser previsto para que a redação do impresso atualizasse os jornais antes de sua distribuição, considerando que as edições impressas são finalizadas por volta das 20h. Em casos como esse, é perceptível a vantagem do meio Internet. No dia 15, a Folha Online atualizou o assunto 12 vezes. As informações das notícias sobre o acidente, publicadas no portal no dia 15, foram sintetizadas em uma reportagem do impresso do dia 16 de julho, com título “Queda de avião com destino à Armênia mata 168 pessoas no Irã”.

E ainda em 24 de julho de 2009, a Folha de S. Paulo publicou a reportagem “No volante, Zelaya parte rumo a Honduras”. O portal publicou, às 7h42, a notícia “Com guerrilheiros da Nicarágua, Zelaya inicia retorno a Honduras”. Após a publicação dessa notícia, o portal acompanhou toda a trajetória de Zelaya rumo a Honduras, e fez mais 21 atualizações, com notícias trazendo todas as novidades. A última notícia foi publicada às 21h37.

7 Considerações Finais

O objetivo desse trabalho foi explicar de que forma a Internet, como meio de comunicação, contribui para a produção jornalística na editoria internacional. Para isso, foi feita uma análise, no período de primeiro a 30 de julho de 2009, utilizando como objeto empírico edições da editoria internacional dos jornais Folha de S. Paulo e O Estado de S. Paulo e de seus respectivos portais, Folha Online e estadao.com.br. Essa análise observou algumas categorias e critérios, que foram apresentados e caracterizados ao longo do trabalho, para verificar as contribuições da web para o jornalismo internacional produzido nos veículos escolhidos.

Após a realização da análise foi possível perceber que a Internet faz contribuições relevantes para a editoria internacional. Pode-se concluir que, nas notícias e reportagens analisadas dos portais, há um aproveitamento dos recursos oferecidos pela web. O primeiro recurso analisado foi a interatividade. Esse recurso contribui para a editoria, na medida em que possibilita que usuários da Internet, de diferentes culturas e identidades, espalhados por todo o mundo se expressem diante das notícias internacionais publicadas, por meio de comentários em tempo real, enquetes, contatos com os jornalistas e com outros usuários, dentre outros exemplos. Outro recurso analisado foi a hipertextualidade, que contribui para a editoria considerando que os assuntos internacionais, como tragédias, guerras, conflitos, eleições e epidemias, demandam uma cobertura que seja o mais detalhada possível e com o maior número de possibilidades de acesso. Essa cobertura é facilitada pelas inúmeras ligações possíveis da web, que geram um texto multilinear.

Outro recurso da Internet analisado é a maior possibilidade de aprofundamento e contextualização das notícias, que está diretamente ligado à hipertextualidade. A multimídia, que também foi analisada, revela a possibilidade oferecida pela web de apresentar a informação em diferentes plataformas, como em áudio e vídeo, que possibilitam ao internauta que está em todas as partes do mundo se aproximar mais da realidade do fato internacional retratado, já que tem acesso a sons e movimentos, por exemplo. A instantaneidade de atualização das notícias na web é o último recurso analisado. Foi possível concluir que, enquanto o impresso traz apenas as notícias internacionais que foram consideradas mais relevantes ao longo de um dia, a Internet disponibiliza para o usuário todas as atualizações de um determinado assunto em tempo real.

Para produzir esse trabalho, foi pesquisada bibliografia sobre jornalismo internacional e verificou-se que as referências disponíveis sobre o assunto são escassas. Ainda assim, foi possível fazer considerações relevantes sobre o tema. Dentre as informações disponíveis no material pesquisado sobre jornalismo internacional, há algumas contradições que chamaram nossa atenção. Um exemplo é a afirmação de Jacques A. Wainberg (2005) de que a editoria internacional não atrai interesse dos brasileiros, já que o país não tem um inimigo definido. Essa consideração do autor foi contestada, com base no fato de que o Brasil, mesmo não estando atualmente envolvido em nenhum conflito de grande porte, está sim inserido em uma conjuntura internacional, assim como já foi observado. Essa questão foi ressaltada pelos editores de internacional dos jornais Folha de S. Paulo e O Estado de S. Paulo. Em entrevista, José Eduardo Barella (2009), editor do Estadão, discorda que a editoria internacional não

desperta interesse nos brasileiros, assim como afirmou Wainberg: “Discordo que os brasileiros não têm muito interesse pelas notícias internacionais. Num mundo globalizado, como o atual, o noticiário internacional influencia mais o cotidiano do leitor do que no passado”. Já Rodrigo Röttsch (2009), editor da Folha, afirma que: “Não tenho conhecimento para dizer se “os brasileiros” não têm interesse nas notícias internacionais. Posso falar que, entre o leitorado da Folha, números de pesquisas feitas para consumo interno indicam que a editoria internacional é uma das preferidas dos leitores”. Sendo assim, contesta-se a opinião de Wainberg (2005) de que a editoria internacional não atrai interesse do leitor brasileiro.

A editoria internacional foi escolhida, dentre outros motivos, por abarcar temas que envolvem questões mundiais, englobando culturas e etnias diferentes. A Internet, por sua vez, é o meio que lida com a desterritorialização da informação e com a descompressão do tempo. Assim, conclui-se que é esse meio que possibilita que manifestações culturais sejam reunidas e ganhem visibilidade midiática.

Assim como já foi ressaltado, não foi objetivo do trabalho comparar o meio impresso com o meio digital. Durante a análise, percebeu-se que artigos de opinião de jornais internacionais, como o Washington Post e o The New York Times, são publicados apenas nos jornais impressos. Na Internet, esse material só pode ser acessado por assinantes do portal. Essa questão chamou atenção e foi levantada a hipótese de que isso acontece para garantir alguma exclusividade aos jornais impressos com relação ao conteúdo opinativo, já que, conforme já foi pesquisado, a Internet tem como característica uma maior atualização das notícias. José Eduardo Barella, editor do Estado de S. Paulo, explicou que conteúdos de jornais estrangeiros são publicados apenas no impresso por uma exigência mercadológica: algumas agências noticiosas e jornais internacionais exigem que o seu material seja exclusivo nos impressos e, para ser publicado no meio digital, cobra-se uma taxa extra, aumentando o custo. Por isso, certos conteúdos estão disponíveis, nos portais, apenas para assinantes, o que foi detectado em análise. Porém, vale destacar que o conteúdo jornalístico online assumiu importância no contexto atual. Pesquisa feita em colaboração com a Associação Mundial de Jornais, divulgada pelo portal Comunique-se em maio de 2009, revela que os consumidores de informação estão dispostos a pagar pelo conteúdo online⁵³.

⁵³ A pesquisa foi feita pela PricewaterhouseCoopers, em parceria com a Associação Mundial de Jornais e constitui o relatório intitulado “Adotar modelos empresariais múltiplos: uma perspectiva para os editores de jornais na era digital”, apresentado, segundo informações do portal Comunique-se, na conferência e exposição “O poder da imprensa impressa”, realizada em Barcelona, em maio de 2009. Os resultados da pesquisa basearam-se na resposta de 4900 con-

Por fim, a pesquisa realizada teve como hipótese considerar que a Internet contribui para a editoria internacional, por meio de seus elementos e características peculiares. As categorias de análise propostas, ou seja, interatividade, hipertextualidade, aprofundamento e contextualização, multimídia e instantaneidade de atualização das notícias, explicaram de que forma essa contribuição acontece nos exemplos de notícias dos portais Folha Online e estadao.com.br.

8 Referências

- AMARAL, Luiz. *Técnica de jornal e periódico*. Rio de Janeiro: Tempo brasileiro, 1987.
- ARGENTINOS apóiam Lula por abrigar Zelaya em embaixada. *Correio Braziliense*, Brasília, set. 2009. Disponível em: www.correio braziliense.com.br. Acesso em: 3 nov. 2009.
- BAHIA, Juarez. *Jornal, história e técnica: as técnicas do jornalismo*. 4. ed. São Paulo: Ática, 1990.
- BARBOSA, Regiane Santos. Jornalismo de precisão: dificuldades e perspectivas de aplicação no Brasil. *Observatório da Imprensa*, São Paulo, nov. 2006. Disponível em: www.observatoriodeimprensa.com.br. Acesso em: 30 junho. 2009.
- BARBOSA, Suzana. Jornalismo de portal: novo formato e categoria para o jornalismo digital. In: MACHADO, Elias e PALACIOS, Marcos (organizadores). *Modelos de jornalismo digital*. Salvador: Edições GJOL, 2003. p. 159-186.
- BARELLA, José Eduardo. Entrevista concedida a Ana Lúcia Alves Bahia e Marina Rigueira Carlos e Rigueira, via e-mail, 11 nov. 2009.
- BAUMAN, Zygmunt. *Modernidade Líquida*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2001.
- BERGER, Peter L. e LUCKMANN, Thomas. *A construção social da realidade: tratado de sociologia do conhecimento*. Petrópolis: Vozes, 1985.

sumidores de sete países, em entrevistas com anunciantes e compradores de espaço publicitário, em artigos de analistas, dentre outros. Dois terços dos consumidores consultados afirmaram que estão dispostos a pagar pelo conteúdo online.

- BHABHA, Homi K. *O local da cultura*. Belo Horizonte: UFMG, 1998.
- CASTELLS, Manuel. *A sociedade em rede: a era da informação: economia, sociedade e cultura*. 3. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1999. v. 1.
- CHAGAS, Marcos. Zelaya transformou Embaixada do Brasil em Honduras em comitê político. *Agência Brasil: Brasília*, set. 2009. Disponível em: www.agenciabrasil.gov.br. Acesso em: 3 nov. 2009.
- CONCEITOS de comunicação. *Aberje*: São Paulo. Disponível em: www.aberje.com.br/acervo_cmr_conceitos. Acesso em: 20 out. 2009.
- COUTINHO, Carlos Nelson. *O manifesto do partido comunista 150 anos depois: Karl Marx, Friedrich Engels*. São Paulo: Contraponto, 1998.
- DELEUZE, Gilles. *Mil platos: capitalismo e esquizofrenia*. Rio de Janeiro: 34, 1995.
- DIAS, Souza. O que é um acontecimento. In: DIAS, Souza. *Lógica do acontecimento: Deleuze e a filosofia*. Porto: Afrontamento, 1995. p. 89-112.
- DIZARD Jr., Wilson. *A Nova Mídia: a comunicação de massa na era da informação*. Rio de Janeiro: Zahar, 2000.
- ERBOLATO, Mário L. *Técnicas de codificação em jornalismo*. 5. ed. São Paulo: Ática, 1991.
- EREDIA, Talita. Entrevista concedida a Ana Lúcia Alves Bahia e Marina Rigueira Carlos e Rigueira, via e-mail, 13 nov. 2009.
- ESTUDO revela que consumidor está disposto a pagar pelo conteúdo online. *Comunique-se*: São Paulo, maio. 2009. Disponível em: www.comunique-se.com.br. Acesso em: 14 maio. 2009.
- FERRARI, Maria Helena e SODRÉ, Muniz. *Técnica de reportagem: notas sobre a narrativa jornalística*. São Paulo: Summus, 1986. vol. 14
- FERRARI, Pollyana. *Jornalismo digital*. São Paulo: Contexto, 2004.
- FOLHA DE S. PAULO. Conheça a Folha. *Folha Online*: São Paulo. Disponível em: www.folhaonline.com.br/folha/conheca. Acesso em: 5 nov. 2009.
- FOLHA DE S. PAULO. *Manual da Redação*. São Paulo: PubliFolha, 2007.

- FOLHA DE S. PAULO. *Primeira página: Folha de São Paulo*. São Paulo: PubliFolha, 2006.
- FRANÇA, Vera. Artigo: *Do telégrafo à rede: o trabalho dos modelos e a apreensão da comunicação*. Belo Horizonte: 2002. Disponível em: www.fafich.ufmg.br/gris/biblioteca/artigos. Acesso em: 20 out. 2009.
- GIDDENS, Anthony. *As consequências da modernidade*. São Paulo: UNESP, 1991.
- HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.
- HOHENBERG, Jonh. *O jornalista profissional: guia às práticas e aos princípios dos meios de comunicação de massa*. Rio de Janeiro: Interamericana, 1981.
- HONDURAS corta eletricidade, água e telefone da Embaixada do Brasil. *Uol*, São Paulo, set. 2009. Disponível em: www.uol.com.br. Acesso em: 3 nov. 2009.
- HUNTINGTON, Samuel P. *O choque de civilizações e a Recomposição da Ordem Mundial*. Rio de Janeiro: Objetiva, 1997
- INSTITUTO Verificador de Circulação. Circulação diária. *Associação Nacional de Jornais*: Brasília. Disponível em: www.anj.org.br/a-industria-jornalistica/jornais-no-brasil/circulacao-diarica. Acesso em: 19 out. 2009.
- INTERNET tem mais de 1 bilhão de usuários no mundo, diz comScore. *Computer World*: São Paulo, jan. 2009. Disponível em: www.computerworld.uol.com.br. Acesso em: 21 out. 2009.
- KELLNER, Douglas. *A cultura da mídia: Estudos culturais: identidade e política entre o moderno e o pós-moderno*. Bauru: Edusc, 2001.
- KUNCZIK, Michael. *Conceitos de jornalismo: norte e sul: manual de comunicação*. São Paulo: USP, 2001.
- LEÃO, Lúcia. *O labirinto da hipermídia: arquitetura e navegação no ciberespaço*. São Paulo: Iluminuras, 2005.
- LEMOS, André. *Cibercultura: tecnologia e vida social na cultura contemporânea*. 4. ed. Porto Alegre: Sulina, 2008.

- LÉVY, Pierre. *Cibercultura*. São Paulo: 34, 1999.
- LÉVY, Pierre. Metáfora do hipertexto. In: LÉVY, Pierre. *As tecnologias da inteligência: o futuro do pensamento na era da informática*. 3. ed. Rio de Janeiro: 34, 1998. p. 21-27.
- LORETO, Daniela. Entrevista concedida a Ana Lúcia Alves Bahia e Marina Rigueira Carlos e Rigueira, via e-mail, 22 out. 2009.
- MATTELART, Armand. *A globalização da comunicação*. Bauru: Edusc, 2000.
- MEDINA, Cremilda. Notícia, um produto à venda: jornalismo na sociedade urbana e industrial. 2.ed. São Paulo: Summus, 1998. v. 24.
- MIELNICZUK, Luciana. O estudo da narratividade no ciberjornalismo. In: NOCI, Javier Díaz e PALACIOS, Marcos (organizadores). *Metodologia para o estudo dos cibermeios: Estudo da arte & perspectivas*. Salvador: EDUFBA, 2008. p. 161-175.
- MIELNICZUK, Luciana. Sistematizando alguns conhecimentos sobre jornalismo na web. In: MACHADO, Elias e PALACIOS, Marcos (organizadores). *Modelos de jornalismo digital*. Salvador: Edições GJOL, 2003. p. 37-54.
- MOHERDAUI, Luciana. *Guia de estilo web: produção e edição de notícias on-line*. 2. ed. São Paulo: SENAC Nacional, 2002.
- MORIN, Edgar. *Introdução ao pensamento complexo*. 3. ed. Lisboa: Instituto Piaget, 1990.
- NATALI, João Batista. *Jornalismo Internacional*. São Paulo: Contexto, 2007.
- O ESTADO DE S. PAULO. Histórico Grupo Estado. *estadao.com.br*: São Paulo. Disponível em: www.estadao.com.br/historico. Acesso em: 8 nov. 2009.
- O ESTADO DE S. PAULO. *Páginas da história: Uma coletânea das primeiras páginas do Estado nos seus 125 anos de história*. São Paulo: O Estado de S. Paulo, 2000.
- O ESTADO DE S. PAULO. Relatório de Responsabilidade Corporativa. *estadao.com.br*: São Paulo, 2007. Disponível em: www.estadao.com.br/rc2007. Acesso em: 10 nov. 2009.

- O ESTADO DE S. PAULO. Relatório de Responsabilidade Corporativa. *estadao.com.br*: São Paulo, 2008. Disponível em: www.estadao.com.br/rc2008. Acesso em: 10 nov. 2009.
- PALACIOS, Marcos. Artigo: *Jornalismo on-line, informação e memória: Apontamentos para debate*. Disponível em: www.facom.ufba.br/jol/producao2002. Acesso em: 27 out. 2009.
- QUEIROZ, Adolpho e OLIVEIRA, Dennis de (organizadores). *Jornais Centenários de São Paulo*. Piracicaba: Degaspari, 2002.
- RIBEIRO, Eduardo. Estadão reforça time de repórteres especiais. *Comunique-se*: São Paulo, maio. 2009. Disponível em: www.comunique-se.com.br. Acesso em: 14 maio. 2009.
- RODRIGUES, Adriano Duarte. O acontecimento. In: TRAQUINA, Nelson (Organizador.). *Jornalismo: questões, teorias e “estórias”*. Lisboa: Vega, 1999.
- ROSSI, Clóvis. O que é jornalismo. 5. ed. São Paulo: Brasiliense, 1985.
- RÖTZSCH, Rodrigo. Entrevista concedida a Ana Lúcia Alves Bahia e Marina Rigueira Carlos e Rigueira, via e-mail, 11 nov. 2009.
- SANTAELLA, Lúcia. *Cultura das mídias*. 3. ed. São Paulo: Experimento, 1996.
- SANT’ANNA, Lourival. *O destino do jornal: a Folha de São Paulo, O Globo e O Estado de São Paulo na sociedade da informação*. Rio de Janeiro: Record, 2008.
- SOARES, Astréia. Grupo de pesquisa: *As agências de notícias e a circulação internacional de problemas na sociedade globalizada*. Belo Horizonte: Universidade Fumec, 2009.
- THOMPSON, John B. *A Mídia e a Modernidade: Uma teoria social da mídia*. Petrópolis: Vozes, 1999.
- TRAQUINA, Nelson (Organizador.). *Jornalismo: questões, teorias e “estórias”*. Lisboa: Vega, 1999.

WAINBERG, Jacques A. *Mídia e Terror: Comunicação e violência política*. São Paulo: Paulus, 2005.

WOLF, Mauro. *Teorias da Comunicação*. Lisboa: Presença, 1985.